ANNO XXX. N. 295. DOMINGO 24 DE DEZEMBRO DE 1854.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇÃO.

Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça ; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade ; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga ; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues ; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.

Sobre Londres, a 28 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas . . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas. .	16$000
» de 6$400 novas. .	16$000
» de 4$000. . . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros. . . .	1$940
Pesos columnarios, . . .	1$940
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira ás 8 horas e 30 minutos da manhãa.
Segunda ás 8 horas e 54 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.

Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.

Dezbr. 4 Lua cheia ao 44 minutos e 48 segundos da tarde.
» 12 Quarto minguante ás 3 horas, 43 minutos e 48 segundos da tarde.
» 19 Lua nova as 7 horas, 48 minutos e 48 segundos da tarde.
» 26 Quarto crescente a 1 hora, 21 minutos e 48segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

18 Segunda. S. Espiridião c. ; S. Theotimo m.
19 Terça. S. Dario m. ; S. Fausta ; S. Paulilo.
20 Quarta. Jejum (Temporas Vigilia) S. Liberato.
21 Quinta. S Thomé Ap. ; S. Themistocles m.
22 Sexta. Jejum (Temporas) S. Honorato m.
23 Sabbado. Jejum (Temporas) S. Servolo adv.
24 Domingo. 4.º do Advento. S. Delfino b. ; S. Tharsila m. ; S. Germina mm. S. Zenobio.

Sendo difficultoso reunir os empregados de nossa officina no dia de Natal, não haverá *Diario* no dia 26, e em compensação damos o presente numero hoje, domingo 24, para adiantar a publicação das noticias do sul, trazidas pelo vapor inglez.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DO IMPERIO.

Pelo ministerio do imperio se expediram as seguintes instrucções para serem observadas nos concursos a que se tem de proceder nas faculdades de medicina do imperio, para o provimento dos lugares de oppositores:

CAPITULO I.

Da inscripção.

Art. 1.º Haverá na secretaria da faculdade um livro especial para a inscripção dos concurrentes aos lugares de oppositores.

Nesse livro lavrará o secretario para cada concurso um termo de abertura e outro de encerramento no tempo proprio, assignados ambos pelo director.

Art. 2.º Sempre que se houver de preencher algum lugar de oppositor, mandará o director annunciar o concurso pela imprensa e por editaes, declarando o dia em que se abrirá a inscripção, e o prazo em que deverá fechar-se.

Art. 3.º Este prazo,—da abertura ao encerramento,—será de seis mezes, contados da data em que se fizer o annuncio para o concurso, devendo o director, immediatamente que se realisar a vaga de qualquer lugar communica-lo ao governo e á congregação.

Art. 4.º Se o referido prazo, contado na forma do artigo antecedente, expirar durante as ferias,conservar-se-ha aberta a inscripção nos tres primeiros dias uteis que se seguirem ao termo dellas, procedendo-se ao encerramento no terceiro ás 2 horas da tarde.

Art. 5.º O candidato que se quizer inscrever irá á secretaria assignar o seu nome no livro acima referido, e entregar os documentos especificados no artigo 66 dos estatutos que baixaram com o decreto n. 1,387 de 28 de abril do corrente anno, afim de serem presentes ao director.

Na mesma occasião poderá o candidato entregar tambem os documentos que julgar convenientes, ou como titulos de habilitação, ou como prova de serviços prestados ao estado, á humanidade ou a sciencia, passando-lhe o secretario um recibo, no qual especifique o numero e a natureza de taes documentos.

Art. 6.º A inscripção poder-se-ha fazer por procuração, se o candidato não se achar na côrte, ou tiver justo impedimento.

Art. 7.º Se o director tiver duvida acerca da validade de algum documento essencial communica-lo-ha immediatamente á congregação para deliberar a semelhante respeito.

Se a congregação entender necessario, poderá ouvir o candidato acerca de cujo documento versar a duvida, para o que, se o caso assim o requerer, adiará a decisão por tres dias.

Art. 8.º A deliberação da congregação será transmittida sem demora pelo secretario a todos os candidatos, e publicada pela imprensa.

Art. 9.º Os annuncios e editaes, de que trata o art. 2.º, serão repetidos em cada um dos ultimos oito dias do prazo da inscripção.

Art. 10. No dia fixado para o encerramento da inscripção, reunir-se-ha a congregação ás duas horas da tarde, e lidos pelo secretario os nomes dos candidatos e documentos respectivos, decidirá por maioria absoluta de votos, em escrutinio secreto, sobre cada um, se estão no caso do art. 66 dos estatutos citados.

Nessa occasião lavrará o secretario o termo de encerramento da inscripção, que será logo assignado pelo director.

Art. 11. O director fará extrahir pelo secretario duas listas dos candidatos habilitados pela congregação, uma das quaes mandará publicar, e a outra remettera ao governo com uma exposição do que tiver occurrido durante o processo das habilitações.

Art. 12. Do juizo da congregação poderá recorrer para o governo qualquer dos candidatos que se julgar prejudicado, assim quanto ao que for decidido a seu respeito, como a respeito dos outros concurrentes.

Art. 13. Expirado o prazo das inscripções, nos termos dos arts. 3.º e 4º, nenhum candidato será admittido, por qualquer titulo que seja.

CAPITULO II.

Das provas do concurso.

SECÇÃO 1.ª

Das theses.

Art. 14. Reconhecidas as habilitações dos candidatos cada lente cathedratico, ou substituto em exercicio, apresentará na mesma sessão da congregação pelo menos de dez pontos sobre o objecto da respectiva cadeira.

Art. 15. Os substitutos apresentarão tambem pelo menos um ponto sobre cada materia de sua secção.

Art. 16. A congregação nomeará em seguida uma commissão composta de tres lentes cathedraticos e dous substitutos para escolher dentre os pontos apresentados cinco de cada materia e formular os daquellas, cujos professores não tiverem comparecido a sessão.

Art. 17. No seguinte dia a commissão sugeitará á congregação os pontos que houver escolhido, e approvados estes por ella, o director marcará dia para a apresentação das theses, devendo mediar entre esse dia e o da sessão da congregação o espaço de mez e meio.

Art. 18. Immediatamente o secretario offerecerá aos candidatos, remettendo-lhes copia da lista dos pontos, e dando-lhes o dia em que devem entregar as theses, em numero, pelo menos de cem exemplares impressos.

Art. 19. Estas theses constarão: 1.º de tres proposições sobre cada materia do curso medico em referencia a um dos pontos approvados : 2.º de uma demonstração ácerca de algum daquelles pontos pertencentes a secção para cuja vaga se abrio o concurso.

Art. 20. No dia prefixado o secretario lavrara um termo assignado pelo director, declarando quaes os candidatos que apresentaram suas theses.

Art. 21. Ficam excluidos do concurso os candidatos que pelo termo do artigo antecedente se conhecerem não ter apresentado as theses no dia marcado, salvo o disposto no art. 77 dos estatutos.

Art. 22. Logo depois de lavrado o termo do art. 20. o secretario entregará aos candidatos as theses aos seus concurrentes e remettará um exemplar de cada uma destas á cada professor oppositor.

Art. 23. Oito dias depois da apresentação das theses, terá lugar a sua defeza.

Art. 24. No caso de só haver um candidato será este arguido na these por 7 lentes pela ordem de sua antiguidade, e nesta hypothese cada lente arguirá por espaço de meia hora, marcada pela ampulheta.

Art. 25. Se forem dous os concurrentes, arguir se-hão reciprocamente, por espaço de duas horas, tocando uma hora á cada um.

Se forem tres ou mais, esse prazo será de meia hora para cada candidato.

Art. 26. Se o numero de concurrentes for maior de tres, o concurso será prorogado, durante os dias seguintes, observando-se a regra acima estabelecida. de modo que nenhum dos candidatos seja obrigado á sustentar a sua these mais do que duas horas e meia.

Art. 27. Se o numero de candidatos exceder a 6, serão sorteados 5 para arguição de cada these. Porisso o secretario sob a inspecção do director, lançará os nomes dos concurrentes em uma urna, donde o defendente extrahirá cinco.

Art. 28. As sessões de organisação e defeza da these nunca poderão durar mais de 5 horas, não comprehendendo os periodos de descanço que a congregação julgar conveniente.

Art. 30. Quer a defeza, quer a arguição, serão sempre feitas segundo a ordem da inscripção dos candidatos, e em presença da congregação.

SECÇÃO 2.ª

Da prova escripta.

Art. 31. Dous dias depois da defeza das theses, reunida a congregação, seguir-se-ha na organisação dos pontos para a prova escripta o mesmo processo que para a das theses, com as seguintes alterações :

1.ª Os pontos só serão dados pelos lentes cathedraticos e substitutos da respectiva secção.

2.ª A commissão para a escolha dos pontos será composta de todos os lentes da secção.

3.ª Os pontos serão nesse mesmo dia formulados e submettidos em numero de 30 á approvação da congregação.

4.ª A congregação votará sobre todos estes englobadamente ; e especialmente sobre qualquer substituição proposta por algum.

Art. 32. Numerados pelo director os pontos que forem approvados, escreverá o secretario os numeros correspondentes em papeis de igual tamanho e forma, os quaes depois de dobrados serão lançados em uma urna.

Art. 33. O secretario lançará os nomes dos professores e substitutos que se acharem presentes em outra urna, da qual o mais antigo extrahirá oito, que se irão relacionando á proporção que forem tirados.

Art. 34. Serão em seguida admittidos os candidatos, e o primeiro na ordem da inspecção tirará um numero da urna dos pontos, e lendo o director em voz alta o ponto correspondente, o secretario dará disto uma cópia á cada candidato.

Art. 35. Recolher-se-hão os candidatos a uma sala, e terão o prazo de quatro horas para dissertarem sobre o ponto dado, deixando em cada meia folha de papel uma pagina em branco.

Art. 36. A cada hora desse trabalho assistirão dous lentes dos sorteados, e a ordem em que foram seus nomes escriptos segundo o art. 31, os quaes farão observar o silencio necessario, e evitarão que algum dos concurrentes sirva-se de livro ou papel que lhe possa ser de adjuctorio, ou tenha communicação com qualquer outra pessoa.

Art. 37. Terminado o prazo das quatro horas, serão todas as folhas da composição de cada um rubricadas no verso pelos dous lentes, que tiverem assistido ao trabalho da ultima hora e pelos outros candidatos.

Art. 38. Fechadas e lacradas as composições, serão encerradas em uma urna de tres chaves, das quaes uma guardará o director, e as outras duas os dous lentes de que trata o artigo antecedente.

Art. 39. A urna será lacrada com o sello da faculdade, e com a rubrica do director e dos referidos dous lentes.

SECÇÃO 3.ª

Da prova oral.

Art. 40. Dous dias depois reunir-se-ha a faculdade e terá lugar, para a prova oral, o mesmo processo indicado nos arts. 31, 32 e 34.

Art. 41. A prelecção terá lugar 24 horas depois de tirado o ponto, tendo o candidato o espaço de meia hora para faze-la, sempre na ordem da inscripção, e não podendo os que se seguirem ouvir a lição dos precedentes.

Art. 42. No caso de haver mais de quatro candidatos a lição oral far-se-ha em duas ou mais turmas, que tirarão pontos diversos.

Art. 43. A divisão das turmas far-se-ha por sorte no dia em que a primeira tiver de tirar ponto.

Art. 44. A turma que fôr designada pela sorte para 2º lugar tirará ponto no dia em que se fizer a prelecção da primeira, seguindo-se em tudo as mesmas disposições, e havendo para ella novos pontos organisados na conformidade do artigo.

SECÇÃO 4.ª

Da prova pratica.

Art. 45. Se o concurso tiver lugar para sciencias cirurgicas ou accessorias na mesma sessão em que os candidatos tirarem ponto para a prova oral, os professores da secção, quer cathedraticos, quer substitutos, reunir-se-hão em commissão afim de organisarem 16 pontos para a prova pratica, os quaes serão immediatamente submettidos á approvação da faculdade.

Art. 46. No primeiro dia util depois da lição oral, seguir-se-ha a marcha indicada nos artigos 32 a 34.

Art. 47. Os candidatos farão immediatamente pela ordem de sua inscripção a prova pratica, que lhes tiver cabido por sorte, não podendo os subsequentes assistir á prova dos anteriores.

Art. 48. Se o concurso tiver lugar para a secção medica não haverá pontos, e nomear-se-ha por escrutinio uma commissão composta de dous cathedraticos e um substituto, para o fim de se cumprir a disposição do seguinte artigo.

Art. 49. No dia indicado no art. 47, na presença da faculdade, escolherá aquella commissão na Santa Casa da Misericordia um enfermo de molestia medica, o qual será examinado separadamente por cada candidato, e logo pela ordem da inscripção, cada um, sem assistencia dos subsequentes, fará sobre a molestia as reflexões que lhe parecerem cabidas.

Art. 50. O mesmo processo terá lugar quando fôr clinica a prova pratica para a secção cirurgica.

CAPITULO III

Da votação.

Art. 51. No primeiro dia util depois da prova pratica, na presença da faculdade e dos candidatos, abrir-se-ha a urna das composições escriptas, e recebendo cada candidato a que lhe pertence a lerá em voz alta, guardada a ordem da inscripção.

Art. 52. O candidato que na ordem da inscripção se seguir ao que estiver lendo velará sobre a fidelidade da leitura. Sobre a prova do ultimo velará o primeiro inscripto.

Art. 53. Finda a leitura, retirar-se-hão os candidatos, e terá lugar a votação do modo seguinte :

Art. 54. Distribuir-se-hão pelos lentes tres cedulas impressas, e todas de igual tamanho e do mesmo papel, contendo o nome de cada candidato, e outras brancas.

Art. 55. Feito isto, terá lugar a votação de preferencia sobre aquelle que deva occupar o primeiro lugar na lista, que tem de ser apresentada ao governo, lançando cada professor na urna o nome do candidato que julgar neste caso, ou uma cedula em branco, se a nem um considerar habilitado.

Art. 56. Se houver maioria absoluta de cedulas brancas, entender-se-ha que nem um dos concurrentes está habilitado, e dar-se-ha por terminada a votação.

Art. 57. No caso contrario será collocado no respectivo lugar aquelle que obtiver maioria absoluta de votos.

Art. 58. Se nem um dos candidatos reunir maioria absoluta correrá o escrutinio mais duas vezes, incluindo sómente até o terceiro nome dos mais votados. Se na terceira votação ainda não houver maioria absoluta, considerar-se-ha que nem um dos candidatos está habilitado, salvo o caso previsto no artigo 8.º

Art. 59. Designado qual o concurrente que deva occupar o primeiro lugar na lista, seguir-se-ha o mesmo processo para a designação dos que devem occupar o segundo e terceiro lugar.

Art. 60. No caso de empate de dous candidatos, por haver cada um obtido metade do numero de votos dos membros presentes, passarão ambos por novo escrutinio, e será incluido na lista aquelle que reunir maioria.

Se esta porém se não obtiver no novo escrutinio, serão os nomes de ambos collocados no respectivo lugar na referida lista.

Art. 61. Finda a votação o secretario lavrará em acto successivo uma acta,referindo todas as circumstancias occorridas durante ella.

Art. 62. No dia immediato reunir-se-ha a congregação para assignar o officio de apresentação dos candidatos.

Este officio será acompanhado da cópia das actas, de todo o processo do concurso, e além disto de uma informação particular do director sobre cada candidato, não só e a relação á maneira porque se houveram no concurso, como no tocante a seu merecimento litterario e serviços, á vista dos titulos e documentos que houver apresentado.

CAPITULO IV.

Disposição final.

Art. 63. O secretario officiará aos candidatos participando o dia, lugar e hora em que deve fazer-se cada uma das provas, com antecedencia pelo menos de quarenta e oito horas.

Palacio do Rio de Janeiro em 12 dezembro de 1854.—*Luiz Pedreira do Couto Ferraz.*

MINISTERIO DA FAZENDA.

Illm. e Exm. Sr.—Em cumprimento do aviso que V. Exc. me dirigio, de 6 do presente mez, acompanhado de uma nota de 10$000 da nova estampa, em papel azul, n. 6133, para ser nesta repartição examinada, tenho a honra de devolver a mesma nota e a informação dada pelos peritos, demonstrando os signaes mais salientes encontrados comparativamente com as verdadeiras em circulação.

Deos guarde a V. Exc. Caixa da amortisação, 11 de dezembro de 1854.—Illm. e Exm. Sr. marquez do Paraná, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda e presidente do conselho.—O inspector geral interino, *Miguel Cordeiro da Silva Torres e Alcim.*

— Illm. Sr. inspector interino da caixa de amortisação.—Procedemos ao exame na nota falsa de 10$ da 3.ª estampa n. 6133, 1.ª serie, com a firma imitada de Francisco José Moreira de Carvalho, de que trata o aviso do Exm. Sr. ministro da fazenda de 6 do presente mez, e passamos a levar ao conhecimento de V. S. algumas differenças encontradas, e que possam acautelar ao publico,para que não seja illudido com essas notas. O papel he mais aspero ao tacto, devido talvez a maior porção de algodão que elle contenha. A numeração imperfeita e o numero mais estreito, os algarismos mal collocados. O—D—da proposisão—Do—que se acha ao lado do emblema pela parte inferior,pega perfeitamenle nas verdadeiras com a folha, o que não acontece nas falsas, que deixa ver um claro. A corôa da emmenda do Cruzeiro, nas notas legaes do lado esquerdo,está pegada aos raios e solta do direito, porém nas falsas em ambos os lados está separado. A linha superior da tarja aonde se acha repetido em pequenas lettras o valor—dez mil reis—,corta pelo meio a haste do grande—1—, e nas falsas a haste fica muito acima da linha ; tambem se observa que o distico—No thesouro nacional se pagará—está escripto nas verdadeiras na 4.ª linha das lettras miudas, e nas falsas na 3.ª O—1—da ultima syllaba da palavra—valor—esta unido ao grosso do—1—nas falsas, e nas verdadeiras deixa uma separação. A época—6 de setembro de 1822—nas falsas as lettras são mais finas e pequenas, e não deixa perceber o—8—. Julgamos bastante o que fica dito para orientar ao publico, se não forem emendados pelos falsificadores esses erros, como tem acontecido em outras notas falsas. Finalmente, sendo levada a mesma nota ao respectivo talão, não combinou ; e por isso foi carimbada com o sinete de falsas. Sala do troco na caixa da amortisação, em 11 de dezembro de 1854.—O trocador, *Francisco Alves de Brito Filho.* — O conferente, *Luiz José da Costa.*

MINISTERIO DA GUERRA.

DECRETO N. 1484, DE 6 DE DEZEMBRO DE 1854.

Manda que possam ser reconhecidos cadetes os filhos dos officiaes honorarios com soldo.

Conformando-me com o parecer do conselho supremo militar, exarado em consulta de 6 de março do corrente anno,hei por bem mandar que possam ser reconhecidos cadetes os filhos dos officiaes honorarios do exercito com soldo, que, nos termos do decreto numero vinte e tres de dezeseis de agosto de mil oito centos trinta e oito, tiverem obtido as suas patentes em virtude de serviços relevantes prestados á ordem publica e á integridade do imperio.

Pedro de Alcantara Bellegarde, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 6 de dezembro de 1854, trigesimo-terceiro da independencia e do imperio.—Com a rubrica de S. M. o Imperador.—*Pedro de Alcantara Bellegarde*

GOVERNO DA PROVINCIA.

Ministerio dos negocios da justiça.—Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1854. — Illm. e Exm. Sr. —Communico a V. Exc. para seu conhecimento e devida execução, que nos commandos superiores da guarda nacional dessa provincia, onde existirem batalhões commandados por tenentes-coroneis, que por pertencerem a antiga organisação tenham as honras de coroneis, devem estes substituir os commandantes superiores nos seus impedimentos, quando o chefe do estado-maior do mesmo commando não tenha igual patente ou graduação.

Deos guarde a V. Exc. —*José Thomaz Nabuco de Araujo.*—Sr. presidente da provincia de Pernambuco.—Cumpra-se.—Palacio do governo de Pernambuco, 23 de dezembro de 1854.—*Figueiredo.*

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel do commando das armas de Pernambuco, na cidade do Recife, em 23 de dezembro de 1854.

ORDEM DO DIA N. 191.

O Illm. Sr. coronel commandante das armas interino manda fazer publico para os fins convenientes, as sentenças proferidas pelo conselho de guerra e junta de justiça, nos processos verbaes instaurados contra os réos, tenente do 8.º batalhão de infantaria addido ao 4.º de artilharia apé, Mathias Vieira de Aguiar, pelo crime de excesso ou abuso de autoridade ; e alferes reformado, José Martins da Silveira. como incurso nos crimes definidos nos arts. 1, 6, 10 e 16, dos de guerra.

Réo tenente Mathias Vieira de Aguiar.

Sentença do conselho de guerra.—Vendo-se nesta cidade do Recife o processo verbal do réo Mathias Vieira de Aguiar, tenente do 8.º batalhão addido ao 4.º de artilharia a pé, auto de corpo de delicto, testemunhas sobre elle perguntadas, interrogatorios feitos ao mesmo réo, sua defeza, documentos, testemunhas produzidas e mais peças deste processo, decidio-se por maioria de votos, que a sobredita culpa não se acha provada, e nem o réo della convencido. E portanto, e pelo mais que dos autos consta absolvem o réo e appellam.

Sala das sessões do conselho de guerra no quartel general aos 4 de novembro de 1854. — Alexandre Bernardino dos Reis e Silva, auditor de guerra interino, vencido.—Trajano Cesar Burlamaque, coronel graduado, presidente.—Joaquim Antonio Pientzenauer, capitão, vencido.—Manoel Pereira de Souza Burity, capitão vogal.—Manoel Claudino de Oliveira Cruz, tenente vogal.—Francisco de Assis Guimarães, tenente vogal.—Francisco Henrique de Noronha, tenente vogal.

Sentença da junta de justiça.— Reformam a sentença do conselho de guerra, visto estar provado o delicto do réo o tenente Mathias Vieira de Aguiar, não só pelo dito das testemunhas do conselho de investigação, do conselho de guerra,e tambem pelas testemunhas da defeza, que depuzeram todas, que o soldado Maciel soffreu um castigo rigoroso, sendo amarrado, e assim espancado pelos soldados e inferiores, sem que fosse obstado pelo réo, que senão mandara, consentira, nesse immoderado castigo. Condemnam, portanto o réo, á 6 mezes de prisão no quartel, levando-se-lhe em conta o tempo de prisão que tem soffrido. Mandam se cumpra no réo a dita pena.

Recife em sessão da junta de justiça 20 de dezembro de 1854. — Figueiredo.—Souza.—Oliveira. —Figueiredo.—Chaby.—Rabello.—Pereira.—Monteiro.

Réo, alferes reformado José Martins da Silveira.

Sentença do conselho de guerra.—Vendo-se nesta cidade do Recife o processo verbal do réo José Martins da Silveira, alferes reformado, auto de corpo de delicto, testemunhas sobre elle perguntadas neste conselho e no de investigação, interrogatorios feitos ao réo, sua defeza, testemunhas que produzio, e documento : decidio-se uniformemente como se vê das tenções, que a culpa do réo estava provada, e elle della convencido, porquanto ve-se não só dos contestes depoimentos das testemunhas do conselho de investigação de fl 11 a 14, como tambem das do conselho de guerra de fl 16 usque fl 20 ; 1.º, que o réo no dia 2 do mez de outubro ultimo, pelas 10 horas da noite,estando ebrio desobedeceu a ordem que lhe dera o tenente-coronel commandante da fortaleza do Brum Joaquim Caetano de Sôuza Cousseiro, para recolher-se ao estado-maior, onde estava preso ; 2.º que faltou o respeito a sentinella das armas ; 3.º que fez gritaria dentro da fortaleza ; e 4.º finalmente que fallou mal do dito tenente-coronel commandante, e o injuriou atrozmente.

Defendeu-se o reu com a materia de sua defeza, fl. 28, negando ter perpetrado os referidos crimes, e produzio as testemunhas de fl. 36 a fl. 43 que nada provaram, visto como a 1.ª, 2.ª, 4.ª e 6.ª nada disseram a 3.ª e 5.ª presos de justiça recolhidos na dita fortaleza, nenhuma fé merecem por serem suspeitas de parcialidade, como se deprehende dos seus ditos.

E por tanto,e mais que dos autos consta, declara o conselho de guerra o réo incurso nos arts. 1.º, 6 e 16 parte primeira, e artigo 10 dos de guerra de infantaria, cujas disposições são as seguintes :

Art. 1.º Aquelle que recusar, por palavras ou discursos, obedecer as ordens dos seus superiores consernentes ao serviço, será condenado a trabalhar nas fortificações : porem se lhe oppozer servindo-se de qualquer arma, ou ameaça, será arcabusado.

Art. 6.º Todos são obrigados a respeitar as sentinellas ou outras guardas, aquelle que o não fizer será castigado rigorosamente ; e aquelle que atacar qualquer sentinella será arcabusado.

Art. 10. Aquelle que fizer estrondo,ruido,bulha ou gritaria ao pé de alguma guarda, principalmente de noite, será castigado rigorosamente, conforme a intenção com que o houver feito.

Art. 16. Todo aquelle que fallar mal do seu superior, nos corpos de guarda, ou nas companhias, será castigado aos trabalhos de fortificação, porem se na indagação que se fizer, se conhecer que aquella murmuração não fora procedida somente de uma soltura de lingua, mas encaminhada a rebellião, será punido de morte como cabeça de motim, e o condena pelo crime do art. 1º parte 1.ª a dous mezes de prisão com trabalho ; pelo crime do art. 6.º parte 1.ª á 3 mezes de prisão. pelo crime do art. 10 á 3 mezes de prisão, pelo crime do art. 16 parte 1.ª á 2 mezes de prisão com trabalho.

E mandam que as disposições dos ditos artigos se executem no sobredito réo, soffrendo umas depois outras, principiando e seguindo da maior para a menor com attenção ao grao de intensidade e não ao tempo da duração.

Sala das sessões do conselho de guerra, no quartel do Paraizo 30 de novembro de 1854. —*Alexandre Bernardino dos Reis e Silva*, auditor de guerra interino.—*Manoel Rolembergue de Almeida*, tenente coronel presidente.— *Leopoldo Augusto Ferreira*, capitão interrogante.— *Joaquim José de Souza*, tenente vogal.—*José Cesar de Mello Sampaio*, tenente vogal.—*José Garcia Teixeira*, alferes vogal.

Sentença da junta de justiça.— Confirmam a sentença do conselho de guerra, condenam o réo a pena de prisão por 1 anno, que cumprirá na ilha de Fernando de Noronha.

Recife em sessão da junta de justiça 20 de dezembro de 1854.—*Figueiredo.—Souza.—Oliveira.—Figueiredo.—Chaby.— Rabello.— Pereira Monteiro.*

Conforme.— *Candido Leal Ferreira*, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

INTERIOR.

Rio de Janeiro.

12 de dezembro.

O paquete inglez *Camilla* traz datas de Montevidéo até 5 e de Buenos-Ayres até 2 do corrente.

Estimamos poder annunciar que no Estado Oriental se fizeram as eleições geraes na maior tranquillidade. O partido blanco não foi ás urnas, e as duas fracções do partido colorado chegaram a um accôrdo que conciliou todas as vontades.

No seguinte retrospecto mensal do *Commercio del Plata* encontrarão os leitores, em resumo, tudo quanto he de interesse relativamente á situação da Republica Oriental :

« A Republica Oriental acaba de passar por uma dessas crises que costumam trazer comsigo alteração da tranquillidade publica, e que diminuem a confiança na ordem.

« Felizmente a transição se operou de uma maneira mui adequada para robustecer as condições pacificas da nova situação, e a proxima éra legal que se prepara tem garantias felizes a seu favor.

« As eleições de representantes para a 7.ª legislatura, que deviam effectuar-se a 26 do passado, tinham creado preoccupações sérias em consequencia da attitude dos partidos politicos.

« O partido da opposição tinha organisado com bastante antecipação os seus trabalhos eleitoraes, e tanto nos departamentos como na capital esses trabalhos continuavam sem interrupção.

« O partido opposto marchando de perfeito accôrdo, por distinctas considerações das parcialidades que o compunham, aceitou a lista de candidatos que recommendava o general Flores aos seus amigos, afim de evitar a divisão para a luta eleitoral de 26 de novembro, divisão que de outro modo seria infallivel.

« Assim marchavam as cousas quando o partido da opposição annunciou que se abstinha de ir ás urnas, por considerar nulla a confecção das mesas primarias feita oito dias antes do dia 26.

« Comtudo esta abstenção do partido blanco não chegou aos ouvidos do publico senão no dia da luta eleitoral, quando nos collegios parochiaes da capital se achavam sómente os eleitores do partido colorado, representado em todos os seus individuos. Soube-se depois que na tarde do dia 25 tinha ido ás mãos do ministro do interior uma declaração, fazendo-lhe saber que os que a assignavam se abstinham de votar.

« Nessa mesma tarde tinha occurrido em Montevidéo um successo de muita transcendencia, cujo desenlace teria uma influencia decisiva na luta eleitoral. Eis o que aconteceu :

« A lista de candidatos por Montevidéo apresentada pelo governo, e que, como já dissemos, só foi conhecida na tarde do dia 24, dividio o partido colorado da capital. Grande parte delle declarou que não aceitava essa composição, e pedio que fosse modificada a lista. O partido estava profundamente dividido a este respeito ; conservar a lista tal qual teria sido consagrar definitivamente essa divisão que o enfraquecia, deixando-o em má situação para lutar com os adversarios politicos no dia 26, e para tornar proveitosa a sua influencia nos negocios depois de passada a crise das eleições.

« Felizmente chegou-se a um accordo ; conveio-se na modificação, e no meio de vivas á soberania popular e ao presidente da republica, que expressamente acquiesceu á alteração da lista de deputados por Montevidéo, se effectuou a união das duas parcialidades que dividiam os homens da mesma côr politica, e evitou-se a luta para que ambas estavam preparadas.

« Entretanto o desaccordo das manifestações populares de 24 e 25, que ameaçava com uma grave anarchia o partido da situação, veio ao contrario, pelo desenlace que teve, a dar maior força ao presidente da republica, o qual conta hoje para servir o paiz com dobrado pessoal, e maiores elementos uteis para applicar a essa obra. Assim foi apreciado este incidente, e a confiança tem bases mais largas para o futuro.

« Escusado he dizer que não tendo havido luta eleitoral, prevaleceu no dia 26 em Montevidéo a lista eleitoral confeccionada de mutuo accordo na tarde de 25 : foi a unica votada. Nos demais departamentos a opposição não lutou em força capaz de vencer ; em uns se absteve de ir ás urnas, n'outros combateu, mas sem exito.

« Assim passou para a republica a crise de novembro. Para sermos moderados e abstermo-nos dessa linguagem violenta de que não convém usar, deixaremos de fazer algumas observações ácerca das causas que levaram o partido blanco a desamparar a urna. Basta-nos mencionar o facto e repetir que a crise de novembro passou sem os abalos que alguem receiava.

« Occorreu igualmente no mez anterior um facto notavel que tambem contribue para caracterisar a situação, e torna-la mais vantajosa do que antes.

« O ministerio foi modificado : effectuou-se a mudança que ha algum tempo se previa, e fez-se essa mudança sem abalo, nem violencia.

« Os Srs. Magarinos, e Acosta e Lara, renunciaram ás pastas que occupavam para apresentarem-se candidatos á legislatura. Aceitas ambas as renuncias, o presidente da republica formou o ministerio do seguinte modo :

« Governo e relações exteriores, o Sr. D. Francisco Hordenana, membro da commissão permanente do corpo legislativo. em substituição do Dr. D. Mateo Magarinos.

« Fazenda, o coronel D. Lourenço Batle, que havia desempenhado esse cargo durante o sitio de Montevidéo, em lugar do Sr. Acosta e Lara.

« No ministerio da guerra foi conservado o general D. Henrique Martinez.

« O Sr. Hordenana tomou conta da pasta a 21, e o Sr. Batle a 29 do passado.

« A modificação do ministerio e a crise de 26 do passaram em socego ; são dous factos de que o paiz poderá colher vantagens ulteriores. Ficamos pois em uma perspectiva de esperanças futuras, em favor das quaes existem razões que todos reconhecem.

« Não ha questão alguma grave e eminente que possa dar lugar a agitações e turbulencias parlamentares : o primeiro periodo da legislatura proxima, que deve começar a 13 de fevereiro, deverá terminar sem que se tenha tratado senão de questões administrativas, para tornar a reunir-se no segundo periodo de 1855.

« Até então, em que tem de agitar-se a questão presidencial, o aspecto dos negocios publicos se apresenta agradavel, a paz se mantém com facilidade, e todos sabem quanto valerá isto para a prosperidade da Republica Oriental.

« De feito, não precisa ella para prosperar senão que haja socego, e que um governo intelligente e liberal inaugure e sustente uma politica attenciosa para com as legitimas exigencias dos partidos.

« Considerando alem disso a inclinação pronunciada das massas pela paz, calculando tambem as facilidades que o futuro offerece para que o governo se torne cada dia mais constitucional, mais administrador, mais tolerado, e aceito conseguintemente mesmo pelos seus adversarios, póde affirmar-se que raras vezes tem tido o Estado Oriental uma perspectiva mais cheia de esperanças.

« Cremos que os factos justificarão esta opinião, de que participa hoje a gente despreoccupada. Como as questões politicas ficam adiadas talvez por um periodo de quatro annos ; como o governo, livre de opposições reaccionarias que embaracem a sua marcha na assembléa, pode entregar-se ás reformas urgentes que deve emprehender : como o povo não será alarmado por ameaças de esforços anarchicos, a éra da legalidade que aguarda o paiz está desembaraçada a todos os respeitos.

FOLHETIM.

O CAMINHO DO DEVER.(*)

Por A. de Bernard.

CAPITULO VIGESIMO E ULTIMO.

« Soit heureux qui peut,
« Il ne l'est pas qui veut. »
(Antigo proverbio.)

(Continuação.)

No meio da agitação causada pelo desmaio de Bertha, Mr. de Saulieu não se lembrára de abrir os maços de papeis e cartas que seu camarista lhe entregara, e tinha-os lançado negligentemente sobre a mesa do salão. Quando vio Bertha fóra de perigo e determinada a vencer o mal á força de energia, elle voltou aos seus papeis, sobre os quaes Rigaud lançava um olhar sorrateiro como fino conhecedor que era dos sellos ministeriaes.

O archeologo rompeu successivamente tres envoltorios que continham memorias, brochuras, ataques, respostas archeologicas em todas as claves e em todos os tons ; mas chegando ao quarto, a mão tremeu-lhe e a vista perturbou-se-lhe ; elle empallideceu e corou ao mesmo tempo. Seria sua sentença de morte ? Não, era sómente a concessão ou a recusa da missão. O sello do ministerio do interior não lhe deixava nenhuma duvida a esse respeito ; mas seria uma recusa ou uma concessão ? Em presença dessa alternativa nunca o coração de Mr. de Saulieu batera tão fortemente.

Emfim rompeu o sello, deixou cahir o envoltorio, e abrio lentamente o papel ministerial dobrado em quatro. Seu olhar avido illuminou-se repentinamente ao ler esta primeira phrase sacramental. « Tenho a satisfação de annunciar a V. S... » — « E eu de saber, » teria podido exclamar o archeologo. Mas commovido a ponto de não poder proferir uma palavra, continuou a leitura até ao fim. Depois fazendo sobre si mesmo um imperioso esforço para occultar sua perturbação disse com tom de negligencia que dissimulava mal um acento de triumpho e de prazer :

— Rigaud, eis-aqui a ordem da missão que pedi.

E entregou o papel ao critico sem suspeitar que este havia tomado grande parte na concessão desse favor.

Rigaud tomou o papel sorrindo, e depois de ter-lhe lançado um olhar que o habito que tinha dessas cousas tornava superfluo, passou-o ao doutor, o qual recebeu-o com todo o respeito de que um papel ministerial he digno da parte de um medico da aldeia. O senhor Martinho leu o conteúdo duas vezes successivamente, pois sabemos que *bis repetita placent*, era o apherismo que regulava todos os actos de sua vida. Quando terminou a leitura, passou o precioso papel a Gastão, e este entregou-o a condessa, a qual o leu em voz alta ás duas filhas.

— Então, Saulieu, quaes são suas intenções? perguntou madama de Seneuil ao genro.

— Mas... balbuciou este como quem está pouco habituado ainda a tomar o tom de um personagem official, pretendo aceitar a missão que me he confiada, e hei de desempenha-la com todo o zelo...

— Oh ! não duvido, interrompeu a condessa, logo que trata-se de examinar velhas paredes, velhas torres e velhos castellos fortes, bem sei que o senhor contará cuidadosamente todas as pedras...

— Perdoe-me, interrompeu o archeologo, a senhora engana-se completamente sobre o sentido de minha missão. Vou á Allemanha muito menos para contar as pedras dos castellos-fortes, embora não considere esse trabalho inutil, do que para procurar em suas construcções subterraneas vestigios da architectura judiciaria. Julgo poder adoptar esta palavra para exprimir...

— Não he isso o que lhe pergunto, exclamou madama de Seneuil um tanto impaciente, quero saber quando e como pretende cumprir esses novos deveres que o estado impõe ás suas luzes.

O archeologo sorrio com ar de compaixão.

— Quero saber emfim. continuou a condessa, se não lhe seria mais util neste momento vigiar sobre a saúde de sua mulher do que ir percorrer as grandes estradas da Allemanha.

— He uma viagem deliciosa, senhora condessa, e espero que Bertha me acompanhará.

A fronte de madama de Saulieu pareceu expandir-se, e a condessa acenou affirmativamente com a cabeça, e disse :

— Todavia a estação me parece muito adiantada para emprehender semelhante excursão.

— Meu amigo Saulieu não lhe disse ainda todos seus projectos, exclamou Rigaud. A senhora bem sabe que Saulieu faz mysterios de tudo. Saiba, pois, que elle resolveu ir á Allemanha pela Italia.

— Que diz ? interrompeu o archeologo.

— Salvo talvez a vida de sua mulher, respondeu-lhe o critico em voz mui baixa.

— Pela Italia ! Pela Italia ! murmurava o doutor. Parece-me, parece me que não se vai á Allemanha pela Italia, pela Italia.

— Engana-se, doutor, presentemente não se vai senão por la, quando parte-se durante o inverno, e não se tem muita pressa.

— Mas que farei na Italia ? tornou o archeologo. Não ha castellos fortes na Italia.

— Que ! não ha castellos fortes na Italia ! O que he então o castello do Ovo em Napoles, o castello de Sain Angelo em Roma ?...

— Oh ! vossê não sabe o que diz.

— E o castello de Udolpho nos Apenninos ? Recommendo-lhe sobre tudo o castello de Udolpho. Poderia achar ahi vestigios de architectura judiciaria...

— Vossê só sabe gracejar.

— Em todo o caso acho optimo o gracejo, disse a condessa apressando-se a tomar esse meio de distracção e talvez de salvação para sua filha. Esse projecto he muito sensato, e pela minha parte acho-o excellente.

— Mas... disse Mr. de Saulieu.

— Alem disto, proseguio a condessa, Bertha he de minha opinião, e aceita com muito gosto sua proposta, Saulieu. O ar do meio-dia lhe fará bem.

— Mas... mas...

— Quer fallar-me das despezas ? He essa uma razão séria ? se he esse o unico obstaculo nós o aplanaremos juntamente.

— Não digo isso, tornou o gentilhomem em tom offendido. A senhora condessa bem sabe que semelhante razão não poderia impedir-me...

— Então tudo está convencionado, e o senhor partirá para a Italia. Resta marcar o dia.

— Não ha tanta pressa, disse o archeologo.

Bertha que até então não tomára nenhuma parte nessa conversação que lhe interessava tão vivamente, estendeu o braço como quem vai fallar, e o silencio se restabeleceu em torno della.

— Minha boa mãi, disse ella com voz fraca, e vossê, meu charo amigo, agradeço-lhe sua bondade para comigo; pois bem vejo que he só por meu respeito que querem esta viagem. Julgam que isso me restituirá a saúde... obrigada ; mas parece-me que em negocio que tanto me interessa tenho o direito de dizer minha opinião, e de exprimir meu desejo. Ainda que sinta muito deixar a Vmc., minha querida mãi, e a ti, Alice, quero partir, viajar alguns mezes pela Italia, pela Allemanha, por onde Mr. de Saulieu quizer conduzir-me ; mas se me permittirem, só partirei depois do casamento de Alice, e de... Gastão.

— Minha irmã! disse Alice.

— Minha filha, murmurou a condessa, seria melhor talvez...

Ella não acabou.

— Adevinho-a e comprehendo-a, minha boa mãi, tornou Bertha ; mas quero ser testemunha da felicidade delles. Sinto que isso me fará bem.

E madama de Saulieu punha sorrindo a mão sobre seu peito opprimido.

— Pois bem, disse a condessa. Na verdade isso não tardará muito. Quinze dias passam rapidamente.

— Oh! mui rapidamente, murmurou Bertha com um tom que exprimia precisamente o sentido contrario de suas palavras.

Assim ficou bem decidido que no dia seguinte ao do casamento de Alice de Seneuil com Gastão de Chavilly, Mr. e madama de Saulieu partiriam para a Italia, onde passariam o inverno para voltarem na primavera pelas margens do Rheno.

O dia do casamento approximava-se, e a saúde de Bertha continuava a deperecer. Esse corpo outr'ora tão gracioso e elegante parecia não ser mais do que uma das sombras que, segundo a voz popular, visitavam de noite as ruinas do castello de Ostreval. Seu peso não teria mais feito cahir as pedras abaladas da cornija.

Emfim chegou o grande dia. Desde o alvorecer, Gastão que andava perseguido pelas suas visões e pelos seus sonhos, tinha-se levantado, e percorria a passos rapidos as avenidas do parque ; mas como estas ruas de jardim eram mui curtas para sua carreira febril, passou a grade e perdeu-se nos bosques vizinhos.

Era singular a situação em que se achava sua alma, repartida entre duas affeições, a que elle experimentava ainda por Bertha, e a que já sentia por Alice, ternura dupla, cujo cahos e cuja natureza custava á sua joven candura comprehender ; dupla corrente que o arrebatava, e a qual elle abandonava-se com os olhos fechados. Os corações mais firmes tem seus momentos de desalento, e o de Gastão estava bem pouco aguerrido e mui temidamente temperado para não ceder alternativamente ás duas seducções que o rodeavam, ás duas vozes que lhe fallavam ao ouvido ; uma muda e triste que penetrava pelo seu proprio silencio até reconditos mais secretos do coração, outra voz viva e fallante que o amor tornava quasi irresistivel ; seducção do silencio triste, seducção do ardor expansivo. Se nos dissessem que o coração de Gastão pertencendo a ambas não pertencia a nenhuma, exprimiriam um erro.

Gastão teria dado toda sua vida, todo o seu sangue, mais ainda, toda a sua ventura para poupar uma dôr a Bertha ; mas experimentava junto de Alice uma satisfação agradavel e quasi deliciosa que tinha maior dóse da alegria terrestre do que da celeste que sonham todos os grandes namorados. Alice era para elle a amante da terra, a mulher do casamento, Bertha era a do espirito, a visão poetica.

Ao exemplo de Bertha, e para obedecer-lhe, Gastão tinha triumphado de si mesmo, e a voz de sua razão havia suffocado os clamores dessa paixão tanto mais forte, porque era essencialmente pura e nobre, tanto mais vivaz, porque era despida das influencias materiaes que enfraquecem a alma humana rebaixando-a. Mas esses clamores não estavam tão bem suffocados que não gritassem ainda assás alto para serem ouvidos, e nesse mesmo momento, quando o sino da capella ia dar o dobre funebre desse primeiro amor chamando a consagração sobre o segundo, elles retiniam mais sonoros e penetrantes do que nunca.

O mancebo fugia apressadamente ; mas levava em si mesmo a fonte do mal.

Quando voltou ao castello, já toda a sociedade estava reunida no salão para a ceremonia civil, e o capellão mandava acender as velas do altar. Gastão tinha sido chamado de balde, e a inquietação estava em todas as frontes. Madama de Saulieu mais inquieta e perturbada que ninguem observava debruçada sobre a janella, se as sombras do parque não lhe revelariam a volta do noivo, ao qual tinham visto sahir de manhãa e dirigir-se para o parque.

Repentinamente seus olhos illuminaram-se, suas faces recobraram o rubor, que desde muito tempo haviam perdido, e ella exclamou :

— He elle !

Sem inquietar-se com a perturbação que essa palavra causava no salão, Bertha lançou-se na antecamara ao seu encontro, e exclamou á vista da perturbação que estava pintada nas feições do mancebo :

— Gastão, donde vem ? como está pallido !

— Venho... ah ! não sei donde venho, Bertha ; mas convém desfazer esse casamento ; não posso casar com sua irmãa.

— Não póde !... não póde casar com minha irmãa !... Engana-se, Gastão, vossê ha de casar com ella : porque depois de ter merecido meu amor, não quereria adquirir meu desprezo.

A voz de Bertha, ao pronunciar estas palavras, tinha tomado um caracter de determinação e de aspereza, que encheram o mancebo de pasmo. Elle não articulou uma palavra e deixando-se levar pelo pai e por Mr. Rigaud, o qual quizera absolutamente servir-lhe de testemunha, foi receber antes do que tomar a mão da noiva, e collocar-se com ella diante da mesa, junto da qual estava o empregado civil, honesto rendeiro da condessa e maire da aldeia de Seneuil.

O casamento civil he uma solemnidade prosaica e muito insignificante ; a benção da igreja pelo contrario he uma ceremonia bella e commovente, que raras vezes deixa o coração frio e os olhos seccos.

Nas circumstancias particulares que assignalaram o casamento de madamesella de Seneuil e de Gastão de Chavilly devia-se encontrar mais de um coração enternecido, e mais de um olho humido todavia depois da ceremonia religiosa, a alegria começou a illuminar todas as frontes, e sobretudo brilharam as agudezas de madama de Saulieu, a qual parecia ter recobrado repentinamente a saude e a jovialidade de outr'ora. Sua pallidez ordinaria fôra substituida pela mais viva côr de rosa, e o véo de tristeza que ainda na vespera annuviava-lhe a fronte não deixára outro signal sobre esse marmore reanimado do que um leve e caprichoso sulco, a primeira ruga da dôr :

Essa graça e essa animação recuperada inspirava já a Mr. de Saulieu o pensamento de deferir para a primavera sua viagem e de restringi-la ao fim de sua missão, ás margens do Rheno ; e talvez tambem a condessa enganada como o genro por essa apparente e subita recobração de saude, tivesse estimado dar esse pretexto á sua ternura para reter junto de si a filha querida ; mas esta desde as primeiras palavras, que a esse respeito lhe foram ditas ao ouvido, protestou tão vivamente contra essa mudança de projectos, que a tornou quasi impossivel. Mandou-se, pois, á posta vizinha tomar cavallos para o dia seguinte ; porque as malas tinham sido levadas para Seneuil, e a partida devia ter lugar do pateo do castello.

No dia seguinte toda a casa estava acordada desde que amanheceu.

— Meu charo discipulo, dizia Mr. de Saulieu a Gastão, agora que o senhor está residindo em Seneuil, espero que não perderá o fructo de minhas lições. Deixo á sua livre disposição meus livros e minhas collecções. Eis aqui tambem a chave dos subterraneos, a qual lhe confio. Não a dê jamais a Rigaud, accrescentou o archeologo em voz baixa. Com semelhantes elementos á mão o senhor poderá fazer na minha ausencia um curso de archeologia, que lhe permittira ajudar-me na minha volta a acabar minha grande obra. Rogo-lhe tambem que lance a vista sobre as construcções do castello moderno, como já o chama o doutor Martinho, para que Rigaud que encarregou-se dessa ridicula empreza, não sacrifique o estylo interior do repartimento ao que elle chama commodidade. Se poder preparar-me um grande gabinete com uma grande chaminé e pequenas janellas não deixe de o fazer. Quando eu voltar farei por dar-lhe uma physionomia do seculo XIII ao menos quanto me permittirem as grandes vidraças quadradas, as janellas immensas e as portas partidas da architectura moderna.

— Assim lh'o prometto, respondeu Gastão.

— Agora vou vigiar os preparativos de nossa partida. Bertha, quando os cavallos estiverem promptos, hei de manda-la prevenir.

Madama de Saulieu sorrio, e fez com a cabeça um signal affirmativo ao marido.

Toda a familia estava nesse momento reunida no salão, a condessa, as duas filhas, Mr. de Chavilly e Gastão. Mr. de Chavilly lia gazetas, e um silencio penivel parecia pesar sobre o coração das outras personagens. Madama de Saulieu que sentia-lhe talvez o peso mais que todos, foi a primeira a rompê-lo. Sua vista vagava ao acaso, e seu pensamento procurava entre as horas passadas uma, cuja lembrança podesse evocar sem perigo ; porquanto quem teria ousado tocar no presente ou no futuro, nem mesmo fazer-lhe allusão !

— A proposito, Gastão, disse ella repentinamente, lembro-me de ter-lhe começado ha algum tempo uma historia, que ainda não acabei, a do senhor de Ostreval e de seus quatro filhos.

— He verdade, disse Gastão.

— Devo termina-la, e vou faze-lo.

As cadeiras approximaram-se, as cabeças levantaram-se e todos prestaram attenção.

— Onde tinhamos ficado !

— No amor de um dos quatro filhos por uma rapariga, que tambem o amava, respondeu Gastão.

— Que feliz memoria tem vossê !

— Ha cousas na vida, de que a gente nunca se esquece.

— Pois bem, não se esqueça jámais disto, Gastão, amo-o como uma bôa irmãa deve amar.

E fallando assim com voz tremula de emoção, Bertha estendeu a mão a Gastão, o qual apertou-a vivamente, mas sem poder pronunciar uma palavra.

— Diziamos, pois, tornou ella, que o valeroso mancebo amava essa rapariga, que de sua parte tambem o amava, e que sahia muitas vezes secretamente de Ostreval para ir vê-la. Um dia...

— Meu amo manda dizer á senhora, que os cavallos estão promptos, interrompeu o camarista.

— Bem ! exclamou alegremente madama de Saulieu, está escripto que vossê não saberá jámais essa historia...

— Vossê a acabará quando voltar, murmurou Gastão, daqui a alguns mezes.

Bertha volveu seus grandes olhos azues ao céo, e disse :

— Sim, quando eu voltar !..... daqui a alguns mezes...

Depois voltando-se vivamente para a mãi lançou-lhe os braços em torno do pescoço e a teve muito tempo apertada em um ardente abraço subtrahindo a seus olhos o mais que podia de suas lagrimas.

Todos tinham descido ao pateo, e Rigaud que viera com o doutor despedir-se de seu velho amigo, ou talvez observar com terna sollicitude, e soccorrer se fosse preciso a moça que partia, Rigaud pensou que seria crueldade deixar o archeologo afastar-se, julgando que a torre de Ostreval só datava do seculo XIV, e disse-lhe :

— A prodosito, Saulieu, tenho uma boa noticia que dar-lhe : ha dous castellos de Ostreval, meu amigo.

— Dous castellos de Os... Vossê quer ainda gracejar.

— Não, palavra de honra : ha um Ostreval no Valois, he o velho, he o seu, e ha outro Ostreval em Artois casa de recreio, castello do seculo XV, que nada vale.

— De veras, meu amigo ? perguntou o archeologo estremecendo de alegria.

— Essa he bôa ! pergunte ao doutor, ao qual mostrei as plantas. Ellas estão em minha casa, e concordam perfeitamente com a descripção...

— Doutor, vio estas plantas ?

— Vi-as, senhora, vi-as, disse o medico, e posso asseverar-lhe que he verdade, que he verdade.

— Louvado seja Deos ! Poderei acabar minha grande obra ! Partir em semelhante momento ! Com mais um mez de trabalho eu acabaria !

— Saulieu, vossê esquece-se de seus deveres, de sua missão... disse Rigaud gravemente.

O archeologo meneou a cabeça e murmurou subindo ao carro :

— Minha missão não me chama á Italia.

Rigaud trocou com Bertha um rapido olhar de intelligencia.

O carro partio, e o critico lançou desapiedadamente um ultimo epigramma ao seu antagonista.

— Sobretudo, Saulieu, não se esqueça do castello de Udolpho.

O archeologo retirou a cabeça para dentro da sege, assim como uma tartaruga em sua concha, e o chicote do postilhão suffocou no ar as palavras que elle murmurava,

O senhor Martinho e Rigaud voltaram juntos pelo mesmo caminho, aquelle montado na sua fiel Cocotte, e este em um cavallo de raça.

— Mr. Rigaud, disse o medico, a Italia, a Italia ! que singular caminho tomaram elles para irem á Allemanha, para irem á Allemanha !

— Todo o caminho conduz á Roma, doutor ; mas todo o caminho não conduz igualmente ao dever ; só ha um e he o que madama de Saulieu tomou.

O medico meneou a cabeça, como quem não comprehendera, e picou com sua unica espora a ilharga da jumenta, cujo passo afrouxava visivelmente.

Cocotte ergueu sua unica orelha, abrio seu olho unico e alcançou o cavallo de puro sangue, que a tinha precedido.

FIM.

(*) Vide o *Diario* n. 294.

« Fica pois o governo em attitude de emprehender uma marcha administrativa reformadora, e de poder fazer o bem do paiz. Fora do terreno das questões politicas, todos os esforços deverão tender para a obra da reparação benefica e obrigatoria para todos.

« Presentemente he a questão financeira a que mais gravemente chama a attenção publica e do governo; questão capital de cuja solução depende em grande parte o futuro da republica. O Sr. Batle, que conta apenas seis dias de ministerio, se dedica com todo o affinco a estudar e preparar os elementos que devem produzir o melhoramento da fazenda e do credito publico. Os seus trabalhos preparatorios tem esse alcance, porém ainda não ha tempo para conhece-los e aprecia-los a fundo. O bom conceito que merece esse cidadão por seus leaes antecedentes e pelo credito de que goza no paiz, inspiram confiança se bem que a ninguem seja occulto a penosa situação em que se acha o seu ministerio. Não he pois de estranhar que todos olhem com attenção para os primeiros passos do novo ministro da fazenda para por elles calcularem o futuro.

« Não temos pois facto algum a consignar a respeito do mez passado além daquelles que apontamos. Esperamos que no futuro mez não succederá assim, porque a administração se prepara para ser laboriosa, e o tempo he propicio para trabalhos uteis.

« Temos já uma prova dessa boa disposição do governo no facto de estar hoje occupado com a questão da emigração, de que trata com todo o interesse.

« Afim de attrahir á republica e fixar em seu territorio o maior numero possivel de braços industriosos, trata-se de crear uma ou mais commissões que dirijam os trabalhos necessarios. Um dos edificios publicos mais espaçosos será destinado para alojamento dos emigrantes que cheguem a Montevidéo; alli serão alimentados em quanto não se arranjarem vantajosamente, empregando-se para isso o auxilio de todos os homens que desejam a prosperidade do paiz.

« Já em novembro de 1852 se formou espontaneamente uma *Associação protectora dos emigrantes*. Desde novembro de 1852 até fevereiro de 1854, em que teve de cessar, em consequencia do estado politico do paiz, applicou a associação ao preenchimento das seus fins a quantia de 4,150 pesos.

« Nesses 15 mezes a associação deu alojamento a uns 500 emigrantes, de maneira que cada emigrante veio a custar-lhe 8 pesos approximadamente. Se a emigração tivesse sido mais numerosa, esse custo teria diminuido em proporção, pois que não se teria pago o aluguel de um alojamento que esteve quasi sempre desoccupado.

« De um documento que tivemos presente se colligue que a associação gastou os 4,150 pesos do modo seguinte:

Gastos de installação. . .	460
Casa	1,080
Ordenados de empregados .	780
Viveres, etc.	1,830
	4,150

« Com estes dados o governo se achará em estado de poder iniciar os projectos que tem em vista, e dos quaes o paiz colherá grandes vantagens. »

A divisão auxiliar do Brasil, para não dar nem sombra de pretexto ás accusações de parcialidade nas eleições, abandonou no dia 25 todas as guardas da capital ás tropas do paiz, e no dia 26 foi acampar fora da cidade, junto as Pedras.

No dia 2 do corrente, anniversario natilicio de S. M. o Imperador, foi visitado o Sr. conselheiro Amaral, em nome do presidente da Republica, pelo Sr. ministro dos negocios estrangeiros, para felicita-lo por tão fausto motivo.

Em Buenos-Ayres estavam os animos ainda inquietos. O *Commercio del Plata* diz:

« Os nossos leitores do exterior estão ja informados do desenlace da invasão de 4 do passado no territorio de Buenos-Ayres pelos emigrados do Rosario: o vapor *La Plata* levou-lhes a noticia do mallogro completo dessa tentativa temeraria.

« Desde então a situação de Buenos-Ayres he mais de guerra do que de paz, e se o governo prestasse attenção á opinião publica daquelle estado, ja estaria resolvida a occupação de Santa Fé, donde partio a invasão.

« Porem se isto ainda não se fez por parte do governo de Buenos-Ayres, nem por isso deixou este de tomar medidas energicas para estacionar na fronteira um exercito das tres armas, composto de 4,500 a 5,000 homens, sob o commando do general Hornos.

« Estando pois as cousas neste estado, dizia-se que o governo trataria de obter satisfação pelo ataque, a mão armada, feito no territorio do estado, e que pediria uma garantia contra factos semelhantes que ulteriormente pudessem dar-se.

« A legislatura de Buenos-Ayres, antes de terminar o seu periodo ordinario, occupou-se desta transcendente questão. A camara dos senadores, a excepção de dous votos, decidio que o governo obrasse do modo mais amplo no sentido da autorisação que antes lhe tinha sido dada de pôr o territorio do estado ao abrigo dos ataques a mão armada.

« A camara dos deputados por uma maioria de dous votos quiz limitar a acção do governo ao territorio do estado. A legislatura, pois, nada resolveu, e se retirou, deixando ao governo a faculdade de obrar como lhe parecesse mais conveniente.

« Por sua parte o general Urquiza começou a reunir elementos de resistencia para qualquer eventualidade, mas não se sabe em Montividéo com que recursos pode contar. Entretanto, eis aqui a lei dictada pelo congresso do Paraná.

« O senado e a camara dos deputados da Confederação Argentina reunidos em congresso:

« Attendendo á posição hostil que tomou o governo da provincia vizinha de Buenos-Ayres, agglomerando forças sobre as nossas fronteiras:

« Decretam com força de lei:

Art. 1. He autorisado o governo a assegurar a paz e integridade do territorio da confederação, fazendo a paz ou a guerra, conforme aconselharem as circumstancias; e para esse fim poderá usar de todas as attribuições cujo exercicio dependa de autorisação do congresso.

« Art. 2. Fica autorisado a fazer para este sagrado objecto todas as despezas necessarias.

« Art. 3. He permittido ao presidente da Confederação ausentar-se da capital para collocar-se a testa do exercito nacional, se o julgar conveniente, deixando o governo organisado de conformidade com o disposto na constituição.

« Art. 4. Communique-se ao poder executivo.

« Sala das sessões do senado no Paraná, capital provisoria da Confederação Argentina, em 21 de novembro de 1854.

« *Salvador M. del Carril*, presidente

« *Carlos M. Saraiva*, secretario. »

« Dous dias depois de sanccionada esta lei, o general Urquiza publicou o seguinte decreto:

« DEPARTAMENTO DO INTERIOR.

« Paraná 29 de novembro de 1854.

« *O presidente da Confederação Argentina*:

« Em virtude da declaração feita pelo congresso federal na sua sessão de 15 do corrente, e considerando que a demora do encerramento da presente sessão pode obstar ao regresso e reunião das camaras legislativas ao principiar o periodo constituicional do 1.º de maio, em que serão reunidos os elementos necessarios para tratarem das medidas legislativas de que carecem os diversos ramos da administração publica.

« Concorda e decreta:

Art. 1.º A 3 de dezembro proximo será encerrada a presente secssão extraordinaria do Congresso Federal.

« Art. 2.º Communique-se publique-se e dê-se ao registro nacional. « URQUIZA.

« *Santiago Derqui*. »

« Depois da autorisação do congresso, appresentou-se em Buenos-Ayres uma commissão composta dos Srs. D. José M. Cullen e D. Daniel Gowland, autorisados pelo general Urquiza para entrarem em negociações com o governo de Buenos-Ayres.

« No 1 teve a commissão com o governo uma conferencia que durou mais de 4 horas. No dia 2 o Sr. Cullen partio para Santa Fé, e segundo um carta que temos á vista vai reclamar do congresso do Paraná uma deputação de seu seio, para com ella entrar em negociações pacificas devidamente autorisadas.

« Outra carta attribue o regresso do Sr. Cullen a uma falta de redacção na communicação dirigida ao governo de Buenos-Ayres.»

Se esta negociação for mal succedida, a guerra entre Buenos-Ayres e a confederação se tornará inevitavel, mao grado a opposição do Sr. Pena, ministro da fazenda de Buenos-Ayres, a toda e qualquer medida extrema.

Buenos-Ayres conservava-se em estado de sitio. A *Chronica*, que accusara o governo por ter ainda suspensas as garantias constitucionaes, vio a sua publicação interrompida por ordem do ministerio do interior. O redactor appellou para as commissões permanentes do corpo legislativo.

Do Paraguay alcançam as noticias a 11 de mez passado.

O *Semanario*, transcrevendo a noticia dada pelo *British Packet* de Buenos-Ayres de que iria á Assumpção um esquadrilha brasileira com um agente diplomatico, diz:

« O *British Packet* annuncia-nos um enviado do Brasil com uma escolta de 10 ou 12 embarcações para ajustar certas questões territoriaes entre a republica e o imperio.

« Duvidamos que o governo do Rio de Janeiro queira dar ao mundo um tal exemplo de negociação armada. Aqui estamos dispostos a negociar com a razão e o bom direito, mas não temos medo dos canhões.»

De Valparaizo temos folhas até 14 de outubro. Nenhuma noticia ha de interesse da republica chilena.

As datas de Lima alcançam ao primeiro daquelle mez. Não tinha havido recontro entre as forças do governo e dos sublevados. Conservavam ambas as suas anteriores posições.

S. PAULO.

6 de dezembro.

Mais um assassinato acaba de ludibriar as justiças do lugar. A pessoa da victima, seus horriveis padecimentos, e o motivo por de mais *frivolo* que guiou o assassino tem consternado a população da cidade.

Quasi ás portas da capital está o lugarejo *Moinhos*, onde pousão os tropeiros que seguem a estrada de Santos. He sitio de negras tradicções, e mais um facto veio firmar a reputação hedionda ganha ha tantos annos.

Um moço de cerca de 25 annos, de trato polido, e costumes delicados, com alguns bens da fortuna, vinha da *Agua-Choca*, lugar de sua residencia, fiscalisando a sua tropa, que por propria inclinação costumava acompanhar. Fez pouso nos *Moinhos*, onde ha uma tasca, espelunca ou o que quer que seja, habitada por *Umbelina*, que um camarada dos arredores *requestava*. O desgraçado moço trocava palavras com esta mulher, sentado a uma cama junto della. Era ella *res nullius* sojeita ao primeiro occupante; nenhuma invasão ou impertinencia commettia o desventurado mancebo.

Repentinamente um assassino penetra os umbraes da choupana, toma de uma garruxa, e desprende uma bala no ventre de seu *quasi rival*; a bala quasi varou-lhe o corpo e foi depositar-se nas costas. O moço era valente; ferido mortalmente quiz perseguir seu assassino, correndo alguns passos sobre elle, mas inutilmente, pois que o malvado conseguio escapar-se.

Nas agonias da morte, o mancebo entrou hontem por esta cidade, e foi recolhido á santa casa da Misericordia, onde acaba de dar o ultimo arranco de vida.

Foram horriveis os padecimentos da victima. Visitado pelos funccionarios da justiça, para que o seu interrogatorio désse luz e os dirigisse na indagação do criminoso, ainda ignorado o seu estado causava pena. Dizia horrorisado que a ninguem tinha feito mal, hospede na terra não attribuia a alguem a sua morte.

Seguiram-se ás diligencias policiaes, foi interrogada a proprietaria do lugar do crime, e ja se conseguio saber o nome do faccinoroso. Ainda não foi capturado. Qualquer diligencia policial, por urgente que seja, se faz com vagar. Não ha força, a guarnição da cidade absorve a que aqui reside, pois que os destacamentos, essenciaes no interior, occupam grande numero de soldados.

Sr. ministro da guerra, por nossas vidas...

Este facto tem servido de thema para larga conversação na cidade. O assassinato foi commettido quasi em dia claro na estrada de Santos, a mais frequentada da provincia; o assassino já he conhecido. Ficará impune? Nem será preso? Será acastellado debaixo da bandeira de quem protege os criminosos de alta justiça? Muito receamos que o infortunado moço não seja vindicado; ha por ahi muita *coca de caco* onde se acoutam os maiores malvados. Veremos.

Este e outros crimes vem calumniar nossa civilitação, sendo que são commettidos as barbas da autoridade, por uma causa que, em vão, a presidencia actual cuida de remover o uso, como que permittido, das armas defezas. Já lhe annunciei que o governo dirigio circulares aos commandantes de destacamentos para que não continue semelhante *uso*. Pois bem, desgraçadamente ainda esta salutar providencia não tem sido completamente obedecido; ainda se *permitte*, e he raro não se encontrar o viajante, ou mesmo não viajante, separado de suas armas, enormes facas e garruxas, sendo o resultado aquelle que se está vendo.

Alguns individuos menos bem pensados consideram a medida em questão inconveniente. Como separar o viajor de suas armas, deixando correr á revelia a sua segurança? Mas, a maioria do povo entende que embora a prohibição absoluta repugne com costumes euraizados no paiz, com o marchar dos tempos e reproducção de exemplos se estirpará sem custo e com grande vantagem a *causa provada* dos crimes.

Além de que, sendo a prohibição extensiva *a todos* não periga a segurança de cada um. Pudesse o Sr. Saraiva conseguir a efficacia desta sua ordem, que a nossa estatistica criminal fraquearia em numero.

— Continuam as diligencias do governo para melhorar nossas estradas.

Neste ponto o Sr. Saraiva vai sendo sinceramente estimado por todos sem excepção: com especialidade pelos homens do interior, que mais soffrem com a inercia da autoridade neste ramo do serviço. Na estrada de Itú ha a paragem—Mato do Paiol,—supplicio dos viandantes, não obstante ter-se já demonstrado a possibilidade de um atalho. Felizmente o governo acaba de ordenar a abertura de uma picada que evita o morro, fazendo dar-lhe a largura de 25 a 30 palmos, com os necessarios esgotos, para que as aguas que descem do referido morro não prejudiquem.

— Trata-se de cemiterio; segundo dizia o outro, já temos onde nos enterrarmos *se Deos nos der vida e saude*. A camara municipal representou ao governo a necessidade da construcção de dous: um para os freguezes de Santa Iphigenia e do districto do norte da freguezia da Sé, outro para os do districto do sul e da freguezia do Braz, visto que um unico não satisfaz as circumstancias da capital, sem vexame da povoação. S. Exc. acaba de mandar levantar a planta do de Santa Iphigenia.

— Os despachos de 2 de dezembro aqui causaram geral contentamento, pois que a provincia de S. Paulo, contra os precedentes, foi bem aquinhoada. Com especialidade foi applaudido o despacho do Sr. barão do Tieté, uma das proeminencias da provincia e antigo servidor. Foi um acto de justiça que os numerosos amigos de S. Exc. agradecem ao governo de S. M. I.

Se foram attendidos todos os merecimentos, nem por isso alguns pretendentes deixaram de *arrufar-se* procurando em vão o seu na serie dos nomes publicados em seu *Jornal*.

Notei tambem que ninguem confessa *ter pedido*.

(*Carta particular.*)

(*Jornal do Commercio* do Rio.)

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

Rio Grande do Norte.

Cidade de S. José de Mipibu em 13 de dezembro.

Pelo geito, que vai levando o negocio, receio não dar conta da tarefa por todos os correios, como lhe prometti, e Vmc. exigio, não por preguiça ou falta de tempo para escrever-lhe, mas por falta de materia; pois parece que tudo conspira contra mim para me fazer cahir em falta com Vmc.; até a policia, que nas mais partes he semprequem fornece materia e pesquisa novidades, aqui as novidades a pesquisam, e não a descobrem! Em quanto o Mangabeira (gente) fôra quarteirão, ainda se ouvia fallar nelle, pois que elle onde se achava era tratando do subdelegado, delegado, chefe de policia &., mas desde que elle trocou o quarteirão pelas chaves da cadeia, não sei para onde fugio, que não ha quem della dê noticia, de sorte que quem não conhecer, como eu, a indole pacifica dos habitantes desta cidade, ha de suppor que a nossa perversidade he tal que as primeiras autoridades da provincia, considerando-nos em estado de selvageria nos abandonaram; porque se policia não a temos aqui, ou he invisivel; se guarda nacional, peior; não a conhecemos; se juiz municipal he supplente, emfim estamos aqui em completa orphandade, procurando cada um defender-se dos perversos, que andam a cata da policia, que foge delles oomo o diabo da cruz.

Outro tanto não acontece em Goianninha: apolicia ala anda em toda a parte, e sempre no *ferve topus*, tanto que sua actividade já vai degenerando em...... hui que estou fazendo? fallar na policia de Goianninha!! nada, nessa não me metto, para não chamar contra mim as iras de uma senhora tão cheia de poderes: ella prende, solta, condena, absolve, mata, ella casa, finalmente a policia de Goiauinha he mais temida e respeitada do que quantos ciganos ha, por tanto calu danem mais uma palavra; senão posso cahir nas garras dos seus esbirros, e adeos mundo, e Vmc. nada; nada, nada mudemos de assumpto; o seu correspondente alli que a chame a contas, por que, segundo dizem, pertence á igreja, e como tal he natural que ella o respeite.

O Dr. Amaro sendo acossado aqui pelo tenente coronel Trajano, um meu vizinho dos Gatos, e temendo-se do juiz municipal supplente, o capitão Miguel Ribeiro Dantas, recolheu-se á espelunca (o engenho Cunhau' do incomparavel Arco-verde) e d'alli ameaça Deos e a terra; porém como já elle seja meu conhecido as suas ameaças são recebidas com desprezo, menos pelo escrivão. Arantes que não quer estár pelos autos e anda sempre desconfiado e recoioso, esperando o momento em que elle se lhe apresenta á cumprir a promessa de que lhe fallei em minha primeira carta creio porem que nunca chegara esse dia; tomará o Dr. tempo para responder as cartas de comprimentos, que diariamente recebe de todos os lugares desta provincia por onde tem andado; dessa provincia, e me dizem que até da corte o vexam com cartas. Deos lhe de socego, e aos que presentemente o atropelam com as taes cartas.

Da capital diz-me o Gonzaga, o que consta da carta, que fielmente passo á copiarr. Meu amigo muita he a escacez de noticias; desejando ajuda-lo a cumprir o seu compromisso, tenho andado em cata dellas e pouco ou nada consegui; por tanto contente-se com o pouco, que lhe vou communicar, principiando pelo que me toca.

Ainda aqui não consta, que fosse publicada a carta que lhe dirigi, e nem ha tempo para isso, no entanto, os amigos do silencio parece, que desconfiados de nossa frequente communicação, tem procurado intimidar-me, fazendo apparecer vultos a noite nas visinhanças de minha habitação, e procurando incutir-me a idéa, de que me pretendem assassinar; mas eu que não pego em brazas, dei por cautela parte a policia, e tomei certas precauções, com o que me julgo seguro, apesar de que a tal policia desta cidade he a causadora de quanto barulho e desordem nella ha. As autoridades policiaes não rondam, e os soldados, principalmente os taes de policia são uma corja de..... cada um delles, quando andam em uma cousa que aqui se chama ronda, he um grande: elles autorisam os taes *sambas* fazem parte delles, jogam, bebem, e fazem quanta diabrura ha, e ninguem pode se queixar-se as autoridades de suas perversidades, porque apparece logo o commandante da policia, que he um tal Machado, e com suas tricas e *borundangas* faz persuadir ao presidente e chefe que os seus soldados são uns santos, e tudo fica em nada, sendo o queixoso feliz quando não vai para a cadeia. No bairro da Ribeira ou cidade baixa a respeito de policia he peior mil vezes do que na cidade; aqui ainda elles rondam até dez ou onze horas da noite, receiando algum passeio das autoridades de policia, porém, alli nem isso ao menos fazem; apenas chegam, tratam de formar algum *samba*, e nelle deverte m-se e bebem toda noite, ou ir para alguma casa de jogo de parada, que alli são muitas, e pode haver as desordens e barulhos que houver, que elles não se importam; a unica autoridade policial, que no bairro ha, he um inspector de quarteirão, e este cousa alguma se importa sendo um dos devotos do jogo: eu tenho visto mesas de jogo, de que fazem parte os soldados ron-dantes e o inspector de quarteirão, com facas de ponta sobre ella; e ainda não ha muito tempo, que em uma dessas mesas houve grande desordem entre um tal anzoleiro, e uns barcaceiros, em presença de toda pplicia do bairro, e nada fez, sendo a desordem acommodada pelas pessoas, que levadas pela voseria correram ao lugar, retirando-se os desordeiros, acabada a briga, para suas casas, e até o presente nenhum incommodo hão soffrido da policia, continuando todos a jogarem como d'antes: o tal anzoleiro occupa-se mais, no jogo, do que em fazer anzóes; em sua casa ha sempre jogo, e o inspector he uma das *pernas* constantes; no entretanto o Sr. chefe de policia, a quem não posso negar muita actividade e geito para a policia, ignora tudo isto por fiar-se no que lhe diz o commandante de policia, que não passa de um enredador e farfarrão: dia virá em que elle conheça o erro!

A guarda nacional, como já lhe disse, esta no peior estado possivel, tanto que dos poucos officiaes do batalhão da capital, que se fardaram, e mal, algum ha que já ha disposto de parte de fardamento no que lhe acho razão; porque se ha de ter fardamento sem usar d'elle, e exposto á ser destruido pelas baratas, traças, pó, ferrugem &, melhor he reduzi-lo a metal, e pôr o dinheiro em juro.

A nossa municipalidade em nada cura do municipio, as ruas estão chêias de mato e esburacadas, os caminhos estão intransitaveis, a edificação he pessima e sem ordem, e os amaveis as poucas vezes, que se rouhem, só se occupam, segundo diz o Sutana, em contar historias; cada um narra o seu caso, diz sua pilleria, e assim preenchem o tempo da sessão; no entretanto, quando for para eleição futura, hão de se apresentar allegando serviços, dando desculpas, e promettendo mundos e fundos; porém não ha de ser com o meu voto, se cá estiver, que elles serão reeleitos.

Em minha epistola passada tratei alguma cousa acerca da thesouraria de fazenda geral, e apesar de ainda ter por lá muita cousa a communicar-lhe, com tudo desta vez quero visitar a provincial. Esta repartição não vai bem no que he relativo á escripturação; porque o chefe de secção, além de pouco geito ter para finanças; he medico homeopatha, e como tal pouco cuida dos deveres do emprego.

Ainda não he chegado o relogio encommendado para a torre da igreja de Santo Antonio dos militares, e o secretario do governo dizem-me, que está ancioso por vê-lo, e já se empenhara com S. Ex. para o encarregar, mediante uma gratificação.

A provincia está em paz e não ha receio de que seja alterada a tranquillidade publica. O chefe de policia não se esquece dos criminoso, e anda sempre em busca delles para dar-lhes residencia gratis na capital; mas elles, acostumados á vida do campo, regeitam todas as vantagens, e poem-se ao fresco, logo que desconfiam que podem ser visitados pela poticai. O juiz de direito da comarca, o Dr. Costa Lobo tem-se conduzido bem, he excellente pessoa, trata a todos com affabilidade, não tem imposturas, e he intelligente; se elle se demorar por aqui, muito lucrará o fôro desta comarca.

O juiz municipal o Dr. Rabello, hontem foi para o municipio de Extremos dar andamento á certos negocios do fôro que por alli ha, e chamar o vigario a contas pela fabrica da matriz, que elle, segundo ouço, tem mettido em si: o que he provavel, não só por estar a igreja despida de tudo, como por se haver elle furtado á dar contas, porem dizem-me que o Dr. Rabello foi disposto a não voltar para aqui sem lh'as ter tomado, embora seja por elle excommungado, como consta que ja o fizera, declarando-o em uma das suas praticas domingueiras. Este mesmo vigario recebeu dos cofres publicos a quantia de 400$000 para as obras da matriz, e até hoje não fez obra alguma, e nem deu conta do dinheiro.

A camara municipal está agora em actividade pelo receio de sermos visitados do cholera morbus, porem não me consta que se tenha tomado a menor precaução. Basta por hoje. Findou aqui a carta do Gonzaga, e eu tambem dou por finda esta, desejando lhe saude, paz e dinheiro.

Até outra vez. *O morador dos Gatos.*

PERNAMBUCO.

RECIFE 23 DE DEZEMBRO DE 1854 AS' 6 HORAS DA TARDE.

RETROSPECTO SEMANAL.

Sem a chegada do *Guanabara*, no dia 19 do corrente, teria passado insulsa a semana; com ella porém houve novidade e assumpto para longo entretenimento. Com effeito foi essa barca conductora dos numerosos despachos que por occasião do anniversario natalicio de S. M. o Imperador tiveram lugar, e entre as outras irmãs não teve a nossa provincia razão de queixa como mal aquinhoada. Eis ahi a grande occurrencia que a todos em geral preoccupou, e fez esquecer um pouco a guerra do Oriente, a tomada (futura) de Sebastopol.

A excepção dos despachos do dia 2 nada mais trouxe o vapor de importancia; e hoje mesmo acaba de chegar o *Secern* sem que adiante cousa alguma aproveitavel a respeito das provincias do sul.

Chegou no *Guanabara* o padre mestre Fr. Antonio de Santa Angelica, religioso franciscano, reeleito guardião do convento desta cidade, o que de certo foi um beneficio para o mesmo convento; por quanto, além das suas boas qualidades, he sabido que esse religioso emprehendeu a reedificação daquella igreja, e effectivamente por seus esforços, coadjuvados pela caridade dos fieis, tem feito obras importantes cuja conclusão teria talvez de soffrer a não ser elle como foi reeleito.

Na madrugada de 22 para 23 lançaram agua-raz na porta da loja da rua do Crespo, pertencente ao Sr. Xisto Vieira Coelho, e tocaram-lhe fogo, que felizmente não pode progredir, porque um viandante, vendo arder a porta recorreu á guarda da cadeia, por quem logo foi avisado o proprietario da loja, morador por cima della. He a segunda vez que semelhante perversidade se pratica nesta capital, sendo a primeira na rua do Trapiche, e que como a presente tambem não surtio o desejado effeito, segundo noticiamos então. Um facto desta natureza merece attenção e escrupuloso exame da parte da policia, no sentido de saber-se quem vendeu a agua-raz em grande quantidade etc. etc.; pois que, continuando elle a reproduzir-se, quem poderá julgar-se seguro em sua casa?

Por esta occasião não podemos deixar de agradecer ao Sr. chefe de policia as providencias tomadas afim de fazer cessar o velho e criminoso abuso dos prolongados dobres e repiques de sino, o que com a frequencia das festividades e enterros trazia toda gente atordoada, além de outros males mais graves já por nós ponderados.

Os religiosos capuchinhos da Penha fizeram a sua novena do natal com a competente pratica, havendo grande concurrencia de fieis e notavel proveito para os mesmos, attento o numero de confissões ultimamente feitas naquella igreja.

Os habitantes de Olinda, cujas queixas tem-se feito ouvir por vezes em nossas columnas, continuam a sentir grande falta d'agua potavel, pois que entrando a maré pelo pantano até quasi duas milhas acima daquella cidade, não podem usar da do rio Beberibe, e a fonte do Rosario não a fornece para um quarto do consumo, havendo além della duas cisternas que apenas podem dar para meia duzia de pessoas. Ha pouco appareceram alli duas canoas idas desta cidade, porém desde o dia 19 não voltaram mais, e a população acha-se estalando de sede, apezar das obras de misericordia.

Principia em grande escala o movimento de emigração para os arrabaldes deste Recife, buscando todos o fresco e os passatempos da festa.

Achamo-nos na ante-vespera do natal.

Entraram 18 embarcações e sahiram 22.

Rendeu a alfandega 58:195,083 rs.

COMARCA DE PAO' D'ALHO.

16 de dezembro de 1854.

Nunca entrou em meus calculos, que a minha epistola de 29 do proximo passado tão applaudida nesta comarca havia de desgostar a alguem da villa, segundo assegura-me o meu incomparavel compadre. E porque razão estomagou-se esse alguem com aquella minha epistola? Certamente foi porque nella empreguei o termo *ordenanças*, quando noticiei a tentativa do rapto de uma moça.

Pois bem, meu charo senhor quem quer que seja, fique sabendo que não tive em vistas injuriar a pessoa alguma quando usei daquelle vocabulo, tanto que elle está escripto com lettras italicas, encaixei a tal palavra por graça, pois metto me as vezes a engraçado sem o ser. Não obstante, aconselho ao meu *fidalgo* que não caia n'outra corriola de ajudar a furtar moças, para não ter queixas deste seu criado Y, e mesmo para não achar-se em calças pardas, porquanto nesses *assados* apparece quasi sempre seu caldo derramado, e lembre-se do velho rifão.—Quem não quizer ser lobo não lhe vista a pelle. Dado este cavaco, passemos adiante.

Na noite de 5 do corrente teve lugar na villa uma procissão pela trasladação das imagens de São José e Santa Anna da igreja do Livramento para a Matriz. Essas imagens, tendo sido encarnadas nessa cidade e alli benzidas no convento de nossa Senhora da Penha, foram conduzidas para esta comarca naquelle mesmo dia e depositadas na igreja do Livramento, donde foram levadas em procissão para a matriz, acompanhando a esse acto religioso grande concurso de povo, especialmente do sexo feminino, cujo numero excedeu a oitocentas pessoas. A aquilatar-se o sentimento religioso dos habitantes da freguezia de Pão d'lho pelos seus Aactos religiosos praticados externamente, pode-se dizer que o povo de Pao d'Alho he talvez o mais religioso do Brasil.

A proposito, devo confessar que em parte alguma apparecem mais imagens de Santos para esmolas do que nesta terra nos dias de sabbado. E como se não fôra bastante as pessoas que por aqui andão com imagens a esmolar, vem de quando em quando devotos de outras comarcas com imagens a pedirem esmola nesta comarca!!! Esses taes que tiram esmolas o farão por devoção, ou por especulação e meio de vida? Bom seria que se tomasse uma providencia qualquer a esse respeito para senão illudir o povo.

A Maricas *Pastora* ja deu principio ao ensaio do seu presepio, visto como ella não deixa de festejar todos os annos o Menino Deos para cumprir uma promessa; e por isso aturde todas as noites os ouvidos dos vizinhos com o zabumba, a cujo som cantam e dansam as meninas que fazem de pastoras. Esse *devota* mulher com o seu presepio não só satisfaz a sua promessa, como tambem retira algum lucro daquella sua *devoção* por meio das sortes que as suas pastoras lançam aos espectadores. Lá se vai o tempo em que haviam *patinhos* que davam sortes de moedas de ouro e sedulas grandes; e assim á Maricas *Pastora* não contando mais com a generosidade dos Pãod'alhenses pretende este anno ir representar as suas pastoras em Tracunhaem (comarca de Nazareth,) onde espera ganhar *mundos e fundos*. Oxalá que Tracunhaem seja para aquella pobre creatura uma nova *california*, onde ella aufira grandes vantagens que compensem as despezas com os preparativos das pastoras e tantas noites de somno perdido.

Da escolta que estava sendo processada por ter deixado fugir dous presos (de que lhe fallei na minha anterior) foram pronunciados dous soldados que estavam de sentinella na occasião em que teve lugar a fuga dos mesmos presos. O processo foi tirado pelo subdelegado da Gloria, o qual pronunciou os delinquentes. He talvez esta a primeira vez que se tenha punido nesta comarca crime desta natureza!!!

No seu *Diario* de 13 do andante vi publicada a proposta da officialidade do batalhão da villa e estranhei, (e comigo muita gente) que não viesse declarado o nome do capitão da 6.ª companhia. O que attribuio-se a engano de seus compositores, por isso que consta-nos que a pessoa proposta para capitão daquella companhia he um cidadão digno de tal posto pela sua conducta, familia e estado financeiro.

A respeito da segurança pessoa neste mez chegou apenas ao meu conhecimento que no dia 6 (alta noite) fôra espancada na freguezia da Gloria a crioula Joaquina Francisca Barbosa por dous individuos moradore no smesmo lugar.

Achando-se então naquella freguezia para fazer uma demarcação o Dr. juiz municipal, e tendo noticia do facto mandou vistoriar a offendida, e instaurando o competente processo pronunciou os autores do delicto. Informam tambem que na villa um inspector de quarteirão andára aos empurrões com uma mulher para esta lhe descobrir um ladrão, que costumava acontar em sua casa. São negocios de policia, nos quaes não devemos metter o nosso *bedelho*.

Os generos alimenticios e a carne não soffreram alta nos preços depois da minha ultima missiva.

Na vespera e no dia de Santa Luzia cahiram boas chuvas nesta comarca, as quaes muito agradaram aos agricultores pelo beneficio que fizeram as suas plantas novas.

Antes de terminar previno-lhe que a minha *chara* Eva está engordando um grande cevado para a festa, do qual lhe mandarei um quarto para testemunhar-lhe que sempre sou o mesmo seu velho amigo o *Y.*

(*Carta particular.*)

CAMARA MUNICIPAL DO RECIFE.

Sessao' extraordinaria de 9 de dezembro.

Presidencia do Sr. Barão de Capibaribe.

Presentes os Srs. Vianna, Mamede, Dr. Sá Pereira, Oliveira e Amorim faltando sem causa participada os mais Srs., abrio-se a sessão, e foi lida e approvada a acta da antecedente.

Foi lido o seguinte

EXPEDIENTE.

Uma petição vinda da presidencia da provincia, para ser informada do provedor e membros da Irmandade do Sr. Bom Jesus das Dores, erecta na igreja de S. Gonçalo, requerendo terreno no cemiterio publico para construcção de catacumbas.—Ao vereador Vianna encarregado dos negocios do cemiterio.

Um officio do procurador, apresentando para serem recolhidas ao cofre, 10 lettras aceitas por Joaquim Lucio Monteiro da Franca, do valor todas de 5:093$670; 4 por Belarmino Alves de Arôcha, da importancia de 530$ rs., e 4 de Francisco José dos Santos do valor de 258$ rs.; e pedindo lhe mandasse á camara abonar a despeza que fez com o sello das mesmas.—Mandou-se recolher ao cofre, como effectivamente se fez, e expedir ordem ao contador para lançar em despeza a quantia gasta com o sello.

Outro do mesmo, participando achar-se quasi esgotada a quantia de 5:000$ rs. mandada ultimamente gastar pelo governo da provincia, com a obra da capella do cemiterio, e apresentando a conta do que se tem gasto com dita obra até o presente, afim de que a camara providencie.— Resolveu-se que se officiasse ao Exm. presidente da provincia, para autorisar a continuação da despeza com a obra, dizendo-se que essa despeza pode ser feita pela quota votada para o matadouro, a proporção que se for fazendo a arrematação das rendas municipaes.

Outro do mesmo, respondendo que não existem alicerces, como suppõe o advogado, no terreno que pretende a camara desapropriar a D. Rosa Maria Serpa.—Resolveu-se que, visto ser o terreno de marinha e não apresentar o procurador de Serpa o titulo de posse, se officiasse ao Exm. presidente da provincia com o occorrido, para o conceder á camara para o fim a que está destinado na planta da cidade.

Outro do engenheiro cordeador, dizendo ter mandado reparar o calçamento do becco que passa por traz da casa das sessões desta camara, augmentando 7 polegadas á sua declividade, mas que não podendo ainda assim obter-se um esgoto facil, em consequencia da condensação dos liquidos cheios de particulas estranhas, que correm dos quintaes, lembrava ser conveniente aterrar-se o becco, collocando-se um cano coberto de alvenaria, em direcção ao uso longitudinal.—Mandou-se responder que orçasse a obra indicada.

Outro do juiz de paz mais votado do 1.º districto da freguezia do Poço, accusando a recepção do que a camara lhe dirigio para se proceder á reunião da junta qualificadora dos votantes da mesma freguezia na 3.ª dominga do mez de janeiro, e dizendo que por doente não podia presidir a esse trabalho.—Mandou-se responder que passa-se a ordem da camara ao seu immediato em votos.

Outro de fiscal da Boa-Vista, informando ácerca da petição de Antonio Pinto Soares.—Mandou-se ao advogado a informar.

Outro do solicitador, pedindo determinasse á camara o pagamento das custas da sentença que a seu favor foi confirmada pelo tribunal da relação, no libello que contra a mesma camara propozera Joaquim Antonio de Farias Barbosa, importando as mesmas custas em 49$260 rs.—O mesmo destino.

Outro do fiscal do Poço, pedindo lhe esclarecesse a camara qual a multa em que deve incorrer Francisco Cezario de Mello, por ter reconstruido uma casa nos Apipucos com a frente de madeira e parte do oitão de pedra e cal.—O mesmo despacho.

Outro do mesmo, mostrando a conveniencia de se crear um cemiterio naquella freguezia, como ja indicou á esta camara.—A commissão de saúde.

Outro do mesmo, participando que, durante o mez de novembro proximo findo se mataram 145 rezes para o consumo da freguezia.—Que se archivasse.

Outro do fiscal de S. José, remettendo o mappa do gado morto para consumo desta cidade, na semana de 27 de novembro á 5 do corrente, 628 rezes.

O Sr. vereador Sá Pereira a quem foi remettido o parecer da commissão de hygiene publica, sobre o projecto de posturas que a camara sujeitou a approvação do governo da provincia, o qual parecer o mesmo governo remetteu a camara para o tomar em consideração, apresentou extensas reflexões sobre o mesmo parecer, sustentando o referido projecto, as quaes foram approvadas, resolvendo a camara que se submettessem a consideração de S. Exc., indo tambem as posturas com a eluminação dos arts. 26 e 27.

Foram approvados 2 pareceres da commissão de edificação, n'um offerecendo 2 artigos de posturas para a remoção, no prazo de 6 mezes, das padarias para os lugares indicados no parecer, e n'outro, exarado no officio do procurador, opinando que se nomeassem arbitros para avaliarem o terreno da rua da Concordia, que tem de ser desapropriado a João Carneiro Machado Rios.

Despacharam-se as petições de Antonio Joaquim do Espirito Santo, do Dr. Abilio José Tavares da Silva, de Antonio Joaquim Correa, de Barroca & Castro, de Florinda Maria do Sacramento, de Francisco de Carvalho Paes de Andrade, de Galdino dos Santos Nunes de Oliveira, de Guilherme Purcell, do consul de S. M. Britanica, de D. Frederico Meron, de José Francisco Pereira, de Jose da Costa Ribeiro, de José Baptista Ribeiro de Faria, de J. E. Roberto, de Maria Joaquina, de Manoel Bezerra Velho, de Vicente Ferreira da Costa. Declaro em tempo que o Sr. Sá Pereira pedio e obteve licença para retirar-se antes de se levantar a sessão.

Eu João José Ferreira de Aguiar, secretario a subscrevi.—*Barão de Capibaribe*, presidente.—*Gameiro, Oliveira, Sá Pereira, Amorim, Vianna, Rego.*

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Chegou hontem dos portos do Sul o vaper inglez *Severn*, trazendo-nos jornaes da côrte até 15 do corrente e da Bahia até 20. Nada adiantam elles que tinha interesse e seja digno de mencionar-se, a excepção de algumas noticias de Buenos-Ayres, que em outro lugar deixamos transcriptas.

LITTERATURA.

A LITTERATURA HESPANHOLA E OS SEUS HISTORIADORES MODERNOS.

1. *History of sapanish litterature* by G. Ticknor, 3. vol. New-York, 1849. — II *Indagações sobre aHistoria politica e litteraria da Hespanha durante a idade média*, por R. P. A. Dozy, tomo 1.º Leyde, 1849. III *Darstellung der spanischen Litteratur in Mittelalter*, von Ludwig Clarus, 2.º vol. Mayence, 1846. — IV *Romancero* general, etc., por dom Agostinho Duran, 2.º vol. Madrid 1849—51. — V. *Romanze stariche e moresche e Poesie scelte spagnuole, tradotte in versi italian. da Pietro Monti*, 1.º vol; *Milão*, 1850. — VI. *Gerchichete der dramatihsen Litteratur und Kunst in Spanien, von A. F.* von Schack, 3.º vol. Berlim, 1853 — 46. — VII. *Obras poeticas* de Luiz Ponce de Leon, *recogidas, y traducidas en aleman* por C. B. Schuler y — W. Storck 1.º vol. *Monitaur* 1853. —VIII Traducções, e publicações diversas em França, Allemanha e Hespanha 1844 —52.

A crise terrivel que devem soffrer os povos quando he chegada para elles a hora de se renovarem ou cahirem para sempre ainda não tem produzido na Hespanha, ha um quarto de seculo, senão convulsões incoherentes. Nem os governos que se reputavam regulares, nem as victorias tumultuarias do espirito liberal tem podido dar a este paiz a posse de si proprio e traçar o caminho aos seus desejos inquietos. Dar-se-ha caso que uma revolução militar que arrebentou no mez de junho de 1854 seja mais feliz que as tentativas infecundas que a precederam? Ficará pura de qualquer excesso e resistirá á anarchia a victoria ganhada em nome da moralidade e da constituição!

Pela nossa parte ainda não perdemos as esperanças acerca da Hespanha. No primeiro movimento das revoluções, julgam dar provas de prudencia, denunciando a decadencia das sociedades europeas, como se toda a historia do genero humano não estivesse *fracasso* de que falla Bossuet, e como se não houvesse cheia do *grandese* na vida particular dos povos horas de transformação tempestuosa exactamente semelhantes a essas crises que cada destino individual atravessa.

O antigo regimen está morto na Hespanha; uma éra melhor deve tomar lugar. A idade media que lá durou mais do que em paragem alguma desappareceu para sempre desde os Pyrenneos até Cadiz; releva que o homem hoje, conservando dessa tradicção exhausta tudo quanto tem direito a sobreviver, estabeleça a sua actividade sobre outros fundamentos. Ao despotismo succederão as garantias sociaes, ao governo absoluto da fé succederá a religião livremente aceita pela razão senhora de si mesma.

Quem sabe tudo quanto a Hespanha ainda pode realisar, com a originalidade vivaz que lhe he propria, nestas vias severas do pensamento moderno? — Illusões! dizem os espiritos enfermos; esperanças impias! bradam os homens a quem um rompimento com o passado sempre offerece a idéa de sacrilegio. — A Europa que não pensa desta maneira; a Europa crê que ainda ha entre as nações romanoes, recursos de renovação e de vida que não serão perdidos para o futuro.

Como quer que seja, ninguem pode deixar de ficar impressionado da attenção intelligente consagrada neste momento pela Europa ao passado litterario da Hespanha. As theorias de Mr. Leopoldo Ranke relativamente á união das raças germanicas e romance não são formulas vãas. Ha cousa de quinze annos a historia da poesia e da imaginação hespanhola tem inspirado os mais graves trabalhos. Narrem os publicistas informados do estado politico deste paiz as agitações e os infortunios: atravez destas alternativas de triumphos que affligem e de vergonhosas recahidas, os criticos não se cançam de pôr patentes os thesouoos que enriqueceram, desde o seculo XIII até o XVII, o patrimonio intellectual dos vencedores dos Mouros. He impossivel não observar nisto o instincto da associação moral que se vai estabelecendo cada vez mais entre os povos do Occidente; existe certamente desde o norte até o sul uma communhão dos espiritos, e esta communhão não quer deixar perecer nenhuma das suas riquezas. Em verdade estamos longe da época em que Montesquieu não receava escrever nas *Lettres persanes*: « Pode-se encontrar espirito e bom senso nos Hespanhoes, mas ninguem o procure nos seus livros. Veja-se uma das suas bibliothecas, de um lado os romances e do outro os livros escolasticos: dir-se-ha que as partes foram feitas e o todo reunido por algum inimigo secreto da razão humana. O unico dos seus livro que tenha merito he o que mostrou o ridiculo de todos os outros. » Estas tiradas energicas que entretinham o seculo XVIII poderiam hoje fazer rir á custa do gracejador. Verdade he que ha nisto um artificio espirituoso de Montisquieu, e que o Persa Rica, depois de ter citado esta carta de um Francez que viajava na Hespanha, acrescenta immediatamente com enthusiasmo: « Não me affligiria, Usbek, de ver uma carta escripta em Madrid por um Hespanhol que viajasse em França. » Um Hespanhol que viajasse em França, e ainda na Inglaterra, na Hollanda, na Allemanha e até nos Estados-Unidos, um Hespanhol que visitasse Paris e Londres, Leyde e Goethingue, Berlim e Boston encontraria por toda a parte entre os lettrados um inesperado acolhimento de sympathia e respeito para com os monumentos intellectuaes do seu paiz. As bibliothecas ridiculas de que zomba o correspondente de Rica, se tornariam para elle o objecto das investigações mais pacientes, do mais affectuoso enthusiasmo, e certamente elle poderia crer que um concurso está aberto na Europa ácerca da historia das lettras hespanholas, e veria desenvolver-se de uma maneira admiravel em todas as paragens uma emulação generosa! Não será conveniente assignalar aqui uma especie de animação tacita? Não parece que a grande familia europea, ao ver este povo atravessar dolorosamente uma crise tão perigosa, se compraz em collocar-lhe debaixo dos olhos a sua gloria e a sua prosperidade de outr'ora, afim de que, no rude trabalho de renovação, não regeite o que constitue o fundo do seu genio e não se destrua a si proprio querendo transformar-se?

Ha especialmente duas épocas, vivas na historia litteraria da Hespanha: a idade média e o seculo XVI; — a idade média com as suas tentativas de epopea, com o seu brilhante *Romancero*, e mais tarde com os seus escriptos didaticos, onde o bom senso moderno que vai acordando ainda se acha associado de uma maneira tão original ao enthusiasmo cavalleiroso ou religioso; — o seculo XVI e o começo do XVII, onde o theatro se levanta cheio de vida e de esplendor, onde a satyra, com Miguel Cervantes, occulta debaixo das invenções mais graciosas uma profunda gravidade moral, onde emfim mil promessas, attestando o transporte juvenil do espirito moderno parecem pressagiar os triumphos da sua virilidade. Estes periodos são ambos brilhantes, especialmente brilhantes pelo movimento generoso, pelo progresso continuo, que nelles se desenvolve; mas ao passo que da infancia da idade média se passa regularmente para a adolescencia do seculo XVI, o espirito hespanhol, chegado a este ponto, se acha de repente embargado; o absolutismo do estado e da igreja abafa todos estes germens de vida, e uma idade média artificial, uma idade média sem ingenuidade e sem graça, illustrada ainda pelo engenho de Calderon, abre um interregnum-litterario, que durou quasi dous seculos.

São estes dous periodos tão dignos de interesse que hão sido estudados em nossos dias com laboriosa emulação. Primeiramente assignalemos os escriptores que ao mesmo tempo abraçaram ambos, e, já que se trata especialmente de indagações eruditas, colloquemos em primeiro lugar o douto trabalho com que a America fez presente a Europa. Desde a historia de Bouterwech, historia mui digna de estima, mas que ficára incompleta apezar dos supplementos dos traductores hespanhoes, M. M. da Cortisia e Hugald y Mollinepo, a History of spaniah litterature de Mr. George Fickonor he a unica obra que retrocta em todo o seu desenvolvimento a vida intellectual da Hespanha. Mr. Tiknor teve mui recentemente auxiliares laboriosos. Aqui he o doutor Julio que n'uma bella traducção, enriqueceu de notas e de indicações bibliographicas as paginas do seu modello; alli he um dos homens que melhor conhecem a litteratura hespanhola, um homem cujas obras, a semelhança da de M. Tiknor, merecem fé em Madrid, um erudito natural de Vienna, Mr. Terdinand Wolf, que se associou a Mr. e Julio para annotar o escriptor de Boston. Mr. Tiknor teve tambem na Hespanha traductores habeis, dom Pascual de Gayangos e dom Henrique de Vedia, que sobre muitos pontos completaram as suas indagações.

Depois dos quadros geraes vem as monographias e as pinturas individuaes. Veja-se primeiramente a idade média: a historia real e a historia legendaria do Cid Campeador, o *Poema del Cid*, as chronicas em prosa ou em verso que se ligam a esta obra, os ramos diversos do *Romancero* hão encontrado em toda Europa interpretes engenhosos. Nestes dominios ainda tão pouco explorados ha trinta annos, os criticos de Paris, de Leyde, de Leipzig, encontramos escriptores de Londres de Florença e de Madrid: he Mr. Clarus e Mr. Dozy, he Mr. Pietro Monti e dom Agostinho Duran, he Robert Southey e Mr. Magnin. Algumas menções particulares são devidas a Mr. Clarus. Mr. Dozy he um orientalista que decifra denodadamente a historia tão mal conhecida da Hespanha arabe, e posto que o seu livro mereça ás vezes graves censuras, posto que a sua exposição seja confusa e as suas polemicas revelem um gosto mui contestavel, desenvolveu tanta sciencia, limpa o caminho que trilha com tamanha audacia atravez dos cargos e dos espinhos da idade média hespanhola, que he impossivel não assignalar-lhe um dos primeiros lugares entre os *romancistas* contemporaneos. Mr. Clarus junta a uma erudição mui segura uma alma poetica e piedosa, e vê-se, ao ler-se as suas paginas eloquentes, quanto elle he feliz em pôr patentes os thesouros do catholicismo hespanhol no seculo XIII. Este brilhante enthusiasmo de poesia epica e lyrica pelo qual M. M. Clarus e Dozy nos proporcionam lições tão numerosas, será a unica inspiração da Hespanha na idade média? — Não, certamente; a litteratura didactica, inaugurada com tanta graça por Affonso Sabio e continuada pelos chronistas dos seculos XIV e XV, vai offerecer-nos uma das suas mais brilhantes obras-primas o *Conde Lucanor*, popularisado por duas traducções, allemãa e franceza. He ainda o espirito da idade média, he a sua graça, a sua candura, a sua lealdade cavalleirosa, com um sentimento mais delicado do mundo real. Todavia já sôa a hora em que o espirito moderno renova toda a Europa, e a modo que se vê brilhar um raio desta luz mais alto sobre a scena em que Gil Vicente, Lopes de Rueda e Torrès Naharro preparam os triumphos de Lopez da Vega e de Calderon.

A Hespanha do seculo XVI não he estudada com menos zelo do que a Hespanha da idade média. O historiador que se deve citar aqui em primeiro lugar he um allemão, Mr. Frederic de Schack. A sua *historia do theatro hespanhol*, apezar dos erros tão graves que lhe enfraquecem a autoridade, he o fructo de uma erudição corajosa; anterior á obra de Mr. Tiknor, resta ainda como um documento indispensavel, ainda depois dos excellentes capitulos do escriptor americano sobre a brilhante escola em que poetas como Lopez e Calderon reunem em torno de si os Alarcons, os Guilhens de Castro e os Tirsos de Molina. Toda a gente sabe até que ponto o *Curso de Litteratura dramatica* de Guilherme de Schlegel já tinha dispertado o gosto hespanhol; toda a gente conhece tambem as traducções tão habeis em que Gries e Malsbourg reproduziam entre os applausos de Goethe, as principaes obras primas de Calderon. O paiz de Schlegel e de Gries tem dignamente mantido o seu lugar: ao lado da historia de M. de Schack, temos a notar dous volumes de *autos sacramentaes* de Calderon traduzidos em verso pelo barão de Eichendorf, e um volume de supplemento accrescentado á traducção de Gries por uma mulher de talento distincto. A França ainda rivalisa neste ponto com a Allemanha: podemos collocar defronte dos trabalhos de M. de Schack as bellas indagações de M. Fauriel acerca da *Dorothea* de Lopez da Vega, os artigos com que M. Magnin enriqueceu o *Journal des Savans*, os excellentes estudos inseridos nesta revista por M. Luiz de Viel-Castel muito antes da publicação do escriptor allemão, e as paginas espirituosas em que M. Prosper Merimée aprecia com tanta delicadeza e precisão as estravagancias da scena hespanhola. Na Inglaterra, lord Holland publicou, ha cousa de trinta annos, uma vida de Lopez da Vega á qual juntou depois a biographia de Guillen de Castro com a traducção de varios dramas. Todavia não foram lá continuados como em França e na Allemanha. O paiz de Shakspeare parecia naturalmente chamado para estudar o theatro de Calderon e de Lopez; he o paiz de Corneille e o de Schiller que tem melhor satisfeito esta tarefa. Não omittamos a propria Hespanha, que, depois do despertar litterario dos ultimos vinte annos, depois do brilhante transporte dramatico do duque de Rivas e de M. Gil y Zarate, produzio, como mais adiante veremos, um valente grupo de criticos e vingou de um desprezo injurioso o seu theatro nacional. Os theatros dos seculos XVI e do XVII se prendem por milhares de lados ao romance; ligam-se tambem, em Calderon especialmente, á litteratura religiosa. Litteratura religiosa e litteratura romantica, encontraremos em o nosso caminho estes dous productos tão originaes do espirito hespanhol: aqui os hymnos de Luiz de Leoa exercitaram a habilidade de dous poetas allemães; alli o *Dom Quichotte* d'Avellaneda, traduzido pela primeira vez em francez, nos ministra interessantes problemas. N'uma palavra, he a historia inteira litteraria do paiz de Cervantes que he traçada ao mesmo tempo por todos os lados com uma effusão de ardor e enthusiasmo.

Tal he este notavel e illustrado concurso sobre os destinos intellectuaes da Hespanha. Se a Allemanha occupa o primeiro lugar pelo numero das publicações e pela importancia das descobertas, a França, pelo gosto, pela intelligencia viva e penetrante, pela erudição engenhosa e philosophica, disputa-lhe a preeminencia: nobres lutas que ja tiveram por effeito despertar o patriotismo litterario na Hespanha e produzir eruditos taes como Dom Agostinho Duran; fecunda emulação de sympathias, que reanimam um passado glorioso e dirigem ao presente magnificos appellos! Do Cid Campeador aos heroes de Lopez da Vega, dos hymnos de Gonzalo Berceo aos *autos* de Calderon, toda esta litteratura romantica, estudada hoje com mais amor e reflexão, nos revella as suas relações com os proprios destinos do povo que a produzio. A Hespanha da idade média se illumina de alguma sorte com uma luz nova, e a exploração deste rico dominio he uma das tentativas que fazem mais honra á sciencia litteraria da nossa era.

I.

O mais antigo e mais bello dos nossos velhos poemas francezes he consagrado a gloria de um heroe que, depois de se ter tornado durante toda a idade média o centro de uma litteratura epica, acabou por se transformar de uma maneira singularmente phantastica nas estrophes de Boiardo e Ariosto. O mais antigo monumento da poesia castelhana he tambem uma canção de façanhas, mas a grande figura que lhe serve de alma, mui longe de se alterar com o tempo sob a elegante ironia dos poetas artistas, se foi desembaraçando sempre da sua rudez primitiva para offerecer pouco e pouco a mais perfeita imagem do amor e da lealdade, de patriotismo e da cavallaria. Nenhum dos poetas que cantaram Rolando na idade média igualou a austera magestade de Theroulde; pelo contrario, todos os poetas que glorificaram Dom Rodrigo de Bivar, os romances que, desde o seculo XIV até o seculo XVI, desenvolveram livremente a tradição do heroe de Valença, ennobreceram a selvagem physionomia traçada pelo autor desconhecido do *Poema del Cid*. O Rolando de Teroulde he assignalado com um caracter de dignidade homerica; o Cid do poema hespanhol he ainda ligado por muitos pontos á realidade desagradavel que as imaginações realisam de seculo em seculo. Rolando se bate pela França, pela amavel França, pelo paiz do imperador Carlos *com a barba branca e florida*; o Cid se bate *para ter o que comer*. Que differença na sua historia primitiva! que differença tambem no destino que o tempo lhes creou! O Rolando de Theroulde desce em breve da dignidade idéal em que o collocára o poeta do seculo XII; o Cid do velho poeta castelhano galga de anno em anno o fastigio luminoso em que, transfigurado pela fé de um povo, tornou-se uma personificação mais que humana do heroismo. Quatro seculos depois de Theroulde, Rolando não he mais que uma personagem romantica com que se nutre a phantasia do Ariosto, e he neste mesmo momento que Filippe II exige á corte de Roma a canonisação de Cid! São estes certamente contrastes singulares. Quer a nobre figura de Rolando se altere e se decomponha, quer a duvida succeda á fé e o sorriso á emoção austera, he em verdade um phenomeno contristador, mas este facto não poderia sorprender o historiador das idéas: vemos ahi, n'um exemplo celebre, o mesmo destino da idade média. O objecto da nossa sorpreza he a fortuna extraordinaria da lenda do Cid. Como! ha uma figura totalmente cavalleirosa de que a idade media fez o seu culto, e quando a idade média declina, esta figura cresce incessantemente! O sorriso incredulo do espirito moderno não substitue aqui a fé dos primeiros tempos! A lenda se aformoseou todos os dias com novas riquezas, o heroe se moralisa e se purifica na imaginação de todos, e este heroe pertence á patria de Cervantes! O historiador da poesia quer ter a chave deste mysterio, quer saber se he o caracter do heroe ou o caracter de todo o povo que explica esta derogação das leis do espirito humano; interroga com avidez a lenda obscura, dirige-se ao Cid, e diz-lhe como Gil Vicente na mais brilhante das suas comedias: « Senhor, em nome de Deos, responda quem he? (*Decid nos, per Dios, senor, quien sois vos?*)

Algumas pessoas se tem occupado muito ha cincoenta annos com a biographia do Campeador. Em 1805, o grande historiador João de Muller, publicando uma nova edicão dos romances de Herder, compoz uma historia do heroe que he uma das obras mais notaveis da litteratura do Cid, como se exprimem os nossos visinhos. Inspirado pela sua viva sagacidade historica, João de Muller advinhára que o *Poema del Cid*, confrontado com os successos e as datas, devia servir de base a uma restituição da realidade. Depois de dous annos, Dom Manoel José Quintana, no primeiro volume de suas *Vidas de Esphanholes celebres* (Madrid, 1807), publicava igualmente uma *Vida do Cid* reputada classica em seu paiz. Em 1808, aparecia a *Chronica* do laborioso poeta inglez Robert Southey (*Chronicle of the Cid*), em que a historia do Cid, bebida nos romances e nas narrações da idade média, he um complemento feliz da bella tentativa de João de Muller. Robert Southey tinha um tio, M. Herbert Hill, ecclesiatico de merito raro e amador esclarecido das litteraturas romances, que fazia parte da colonia ingleza de Lisboa; foi uma occasião para elle de visitar Hespanha e Portugal em 1795; tinha vinte dous annos de idade de pouco mais ou menos. Dous annos depois, publicou a narração da sua viagem, enrequecida especialmente com traducções poeticas, e desde então não cessou de seguir com attenção sympatica todos os problemas da velha litteratura castelhana que já agitava o zelo progressivo dos eruditos.

Uma obra hespanhola, mui admirada desde a sua apparição, mais sugeita hoje aos mais violentos ataques, dava então o signal e inspirava o gosto das investigações originaes; fallo do livro de D. João Antonio Conde, acerca do dominio dos Arabes em Hespanha, publicado em Madrid em 1820. Desde então os novos estudos ácerca do Cid se succederam com açodamento. Uma das melhores biographias do vencedor de Valença he a que deu em 1828 um douto escriptor da Allemanha, M. Huber. Outro Allemão, M. Aschbach, professor na universidade de Bonn, a quem se deve uma interessante historia dos Ommayades, imprimio em 1843 uma memoria intitulada *de Cid historiae fontibus dissertatio*. Releva citar aqui as historias de Hespanha publicadas em França nesta época, a de M. Rosseeuw-Saint-Hilaire e a de M. Romey; o Cid representa um papel mui consideravel no seculo XI, a sua vida esta mui confundida com os destinos do paiz inteiro, e por isso os dous historiadores não podiam desprezar os problemas desta biographia mysteriosa. Quasi todos os escriptores que acabo de nomear agitavam duvidas ácerca da historia tradicional do Cid; pelo contrario, M. Damas-Hinard, na introducção do seu *Romancero*, em minha opinião defendia com mais generosidade do que verdade critica o velho ideal do heroe cavalleiroso. Afinal, em 1845 M. George Dennis publicava em Londres um agradavel 1 volume intitulado o *Cid*, no qual resumia brevemente os documentos ministrados pelos poetas primitivos da Hespanha (*The Cid a short chronicle founded on the early poetry of Spain.*)

Vê-se que estas biographias são quasi todas tomadas ás narrações poeticas do seculo XII e XIII, que cada um interpretava a seu modo com mais ou menos methodo e sagacidade. Recordemos em poucas palavras estes documentos: primeiramente era a velha canção de façanhas, publicada no seculo XVIII por Thomaz Sanchez, sob o titulo de *Poema do Cid*, e que antes, segundo a observação de M. Maguin, renovada com enthusiasmo por M. Dazy, deveria chamar-se no estylo da idade media a *canção do Cid*. Depois era a *chronica general de Espana*, redigida no seculo XIII por Affonso Sabio (el Sabio); depois a chronica *del Cid*, impressa em Burgos em 1512, segundo um manuscripto do celebre convento de S. Pedro de Cardena, onde estava o tumulo do Cid. Juntem-se a isto algumas paginas, alguns esclarecimentos espalhados aqui e alli em chronicas, em annaes latinos ou hespanhoes, na chronica latina de Burgos, nos annaes hespanhoes de Toledo, nos annaes latinos de Compostella, no *Liber Regum*, nas chronicas dos dous illustrados bispos Lucas de Tuy e Roderich de Toledo; juntem-se, digo, á *canção do Cid*, e ás duas chronicas que a ella se ligam estes breves e candidas indicações, e ter-se-ha tudo quanto se possuia sobre o esposo de Chimenes, quando em 1792 um escriptor hespanhol, o padre Risco, publicou debaixo do titulo, *la Castila y el mas famoso Castellano*, um livro que foi uma eventualidade. Risco pretendia ter descoberto em Leão, na bibliotheca do convento de Santo Isidoro, o manuscripto de uma mui antiga historia do Cid, que começava pelas palavras seguintes: *Hic incipit gesta de Roderici Campidocti*. Ora, esta *Historia Roderici* (he o titulo sob que a publicava Risco) continha promenores inteiramente inesperados, que contrariavam singularmente o heroico ideal dos romances. Via-se ahi, por exemplo, que o Cid se collocara por varias vezes ao serviço dos principes arabes; viam-no obrar como um chefe de bandos, como um *condottiere* ambicioso e cupido, sem o menor incommodo da religião, sem respeito para com sua fe e palavra jurada. Era o Cid da realidade em presença do Cid dos romances, o verdadeiro Cid barbaro do seculo XI opposto subitamente ao Cid da cavallaria. João de Muller não tinha duvidado da authenticidade do manuscripto, e usara da descoberta do padre Risco; mas no mesmo anno em que João de Muller publicava a sua biographia do Cid, o jesuita hespanhol Masdeu, cuja erudição confusa não era animada por uma intelligencia mui viva da idade media, declarou, no volume XXII da sua *Historia de Hespanha*, que o texto impresso por Risco não passava de um tecido de fabulas absurdas. Ainda mais, pretendia ter procurado inutilmente este precioso manuscripto, e de negação em negação, até chegava a negar a propria existencia do Cid. O padre Risco se dispunha a aceitar o desafio do jesuita quando a morte o levou; o proprio Masdeu morreu pouco tempo depois, e a discussão ficou subitamente interrompida, deixando muitas duvidas e obscuridades nos espiritos. Afinal, em 1829 os dous traductores hespanhoes de Bouterweck, M. M. da Cortina e Hugalde y Mollinedo, provaram que o manuscripto existia e deram um fac-simile das cinco primeiras linhas do texto. Portanto, havia mui evidentemente um documento novo, documento cuja inspiração convinha verificar, e cujo valor discutir, mas que era impossivel não collocar ao pé dos outros testemunhos em que fallamos ainda ha pouco, a canção de façanhas publicada por Lanchez, *la Chronica general* de Affonso Sabio, e *la Chronica del Cid* do convento de Cardena.

Outros documentos vieram logo juntar-se a estes. M. Francisco Miguel publicou em 1846 nos *Annaes de Vienna*, como apendice a um erudito trabalho de M. Fernando Wolf, um fragmento em verso e prosa, intitulado *Chronica rimada de las casas de Espana*. Este manuscripto, ja assignalado por D. Eugenio de Ochoa e pelo allemão Huber, contem a historia de Hespanha desde el-rei Pelagio até Fernando Grande. Posto que este quadro abrace tres seculos, o essumpto principal he o seculo de Fernando Grande, e o heroe he Rodrigo de Bivar. Ora, na *Chronica rimada* assim como na *Historia Roderici*, o Cid apparece aqui e alli sob uma luz absolutamente contraria á inspiração dos romances. Não se deve ahi procurar, por exemplo, os amores de Rodrigo e de Chimenes; Rodrigo se casa com Chimenes como se a isto fosse constrangido, e se el-rei Affonso lh'a desse, he n'um puro interesse politico. O Cid da *Chronica rimada* he um chefe altivo, violento, indisciplinado, que se colloca incessantemente acima de el-rei, e de que rei, pergunto eu? acima deste Fernando I, que desfechou tão crueis golpes no poder dos Mouros. « Preferira, diz o Cid a Fernando, experimentar o mais vivo sentimento de ve-lo meu senhor. » Quando se approxima de el-rei para render-lhe homenagem, appresenta-se com um ar tão terrivel e com a sua longa espada, que el-rei brada: « Tirem-me daqui este diabo! » Este rei não he somente, como o Carlos Magno das nossas canções de façanhas, uma personagem benigna e voluntariamente ridicula, ja não possue nada do caracter real; he Rodrigo que faz tudo, he Rodrigo que decide dos destinos do estado. Se Fernando e o Cid se encontram em alguma parte, o Cid he tomado pelo amo, e até acontece que o papa um dia offerece-lhe a corôa de Hespanha. Ao lado desta *Chronica rimada*, que autorisava tantas conjecturas sobre os erros de que abunda a tradição do Cid, mencionemos um poema latino publicado por M. Edelestand du Meril nas suas *Poesias populares latinas da idade media* (Paris, 1847.) O poema latino de Cid sem duvida poderia ser, segundo a opinião de M. Julio, a obra mais antiga da tradição heroica, e não admiraria que houvesse precedido na Allemanha todos os fragmentos epicos de que os *Niebelungen* são o remate. Observam-se em cada linha, sob o extravagante vernis de um latim monacal, traços de barbaria que convem ao heroe e ao escriptor do seculo XI.

Vemos quantas questões agitavam estes documentos novos. Duas opiniões especialmente se produziram nestes ultimos tempos: uns, como M. Archbach, M. Magnin, M. Rosseeuw-Saint-Hilaire, queriam que o Cid fosse uma especie de aventureiro barbaro, um chefe feodal avido de combates e pilhagem, como se deprehende muitas vezes do manuscripto descoberto por Risco e até de certas passagens da chronica de Affonso; os outros, como M. Damas-Hinard, M. Clarus e o eloquente Joseph Goerres, persistindo em ver nos brilhantes romances do seculos XIV e XV o traço idealisado, mas em essencia mui fiel, da tradição historica, attribuiam ao resentimento dos chronistas arabes todas as particularidades desagradaveis que encerram em muitos lugares os velhos documentos hespanhoes. Tal era sobre este ponto a divergencia dos systemas, quando um sabio orientalista de Leyde, M. Dozy, n'uma obra mui recente, renovou denodadamente toda a questão, e com o soccorro de novas luzes tomadas aos textos arabes, tentou fixar de uma vez para sempre as irresoluções da critica.

A obra de M. Dozy tem o titulo de—*Investigações sobre a historia politica e litteraria da Hespanha durante a idade media*. Compulsando manuscriptos arabes da bibliotheca de Gotha, M. Dozy descobrio que um destes manuscriptos continha sob um titulo inexacto uma obra mui curiosa de um Arabe do seculo XII. O autor, que representa um papel importante na litteratura mussulmana, chama-se Ibon-Bassam, e o seu livro, intitulado *Dhakkirah*, he um quadro « dos poetas e dos escriptores em prosa rimada que floresceram na Hespanha no seculo V da hegira. » Uma longa passagem deste livro he consagrada ao Cid, e este documento tem tanto maior valor para a historia que o autor, segundo a observação de M. Dozy, o escreveu em Sevilha no anno de 1109 da nossa era, isto he, dez annos somente depois da morte de Cid. Ora resulta desta passagem, publicada por extenso com o texto e a traducção por M. Dozy, que o Cid se poz com effeito ao serviço de um principe arabe, que em breve, enganando aquelle mesmo que invocara o seu soccorro, tomou-lhe a cidade de Valença. Dest'arte se affectuara a brilhante conquista que terminou a carreira do Cid. Primeiramente o Cid servira a certos principes arabes contra outros principes da mesma raça; era a epoca das rivalidades domesticas entre os Mouros de Hespanha.

« Quando Ahmed-Ibn-Jousof-Ibn-Houd, narra o chronista arabe, comprehendeu que os soldados do emir dos musulmanos sabiam de todos os desfiladeiros, e que, collocados sobre todos os campanarios, espiavam as suas fronteiras, açulou certo cão gallego chamado Rodrigo, e sobre-nomeado Campeador... Antes, tinham sido os Benou-Houd que o tinham feito sahir da sua obscuridade, se haviam servido do seu apoio para exercerem as suas excessivas violencias para executarem os seus vis e despreziveis projectos; lhe tinham entregue differentes provincias da Peninsula... Assim o seu poder se tornara mui grande, e semelhante a um abutre, roubara elle todas as provincias da Hespanha. »

Entre as imprecações que o choronista arabe accumula sobre o *cão gallego*, ha lugar para magnificos elogios. Verdade he que estes elogios pertencem a epoca em que o Cid Campeador, empenhado no serviço dos emires mussulmanos, batia os barbaros, como os chama Ibn-Bassam, isto he, os principes christãos, os condes de Barcelona e os reis de Aragão. Escutemos ainda Ibon-Bassam: « Este homem, o flagello do seu tempo, era em virtude do seu amor pela gloria, pela prudente firmeza do seu caracter e pela sua coragem heroica, um dos milagres do Senhor. Pouco tempo depois, morreu em Valença de morte natural.

A victoria seguia sempre a bandeira de Rodrigo (que Deos o amaldiçoe!); triumphou dos principes barbaros; por differentes vezes combateu os seus chefes, taes como Garcia, sobrenomeado por escarneo *a bocca de tartaruga*, o conde de Barcelona e o filho de Ramiro: então dispersou-lhe os exercitos, e matou com o seu pequeno numero de guerreiros os seus numerosos soldados. Dizem que estudavam os livros em sua presença, e liam-lhes as façanhas dos Arabes; e quando chegou aos feitos e as proesas de Al-Mohallab, ficou extasiado, e se mostrou cheio de admiração para com este heroe. »

Eis por tanto um texto de singular clareza que confirma em tudo e por tudo o que tinha parecido absurdo ou callumnioso, quer na chronica de Affonso Sabio, quer nos manuscriptos revelados por Risco. Dir-se-ha que cumpre desafiar resentimentos dos Arabes? Haverá nisto somente grites de colera que, sahindo da bocca do inimigo vencido, são um titulo de mais para o vencedor? Dar-se-ha que se trate de imprecações que attestem o espanto e o odio daquelles que dispersaram o abutre? Não, certamente; não he contra as maldições de Ibn-Bassam, he contra os seus elogios que fora mister poder defender a memoria de Rodrigo. Na narração do historiador mussulmano, assim como na *Historia Roderici*, o Cid tinha sido primeiramente um valente condottiere ao serviço dos Benou-Houd, os reis arabes de Saragoça: a *Historia Roderici* accrescenta que Rodrigo bateu muitas vezes os principes christãos; Ibn-Bassam recorda estas victorias em termos enthusiastas, e para no meio das suas imprecações para glorificar a prudencia, a firmeza, a coragem heroica daquelle que chama um dos milagres do Senhor!

Toda esta discussão he a parte capital das *Inves-*

tigações de M. Dozy, e este ponto de ora em vante parece conquistado para a historia. Faz-se muitas vezes idéa falsa da idade media; restabeleçamos precisamente a verdade. O que a moralidade moderna condemnaria no comportamento do Cid, era julgado de uma maneira differente pelos seus contemporaneos. O patriotismo era uma virtude desconhecida, especialmente a feodalidade guerreira dos primeiros tempos. He com o engradecimento successivo da realeza que se forma a espirito nacional, foi a realeza, na Hespanha assim como em França, que creou a consciencia da patria. Seguramente esta grande inspirações não falta a S. Luiz, não falta tambem na Hespanha a homens taes como Affonso VI e Fernando III, mas não lhe procuremos os vestigios nos duques e barões da sociedade feodal. Não exijamo-la tão pouco ao Cid da realidade os sentimentos de cavallaria e patriotismo que só nasceram longo tempo depois delle. O Cid tinha as idéas e virtudes do seu tempo, especialmente as virtudes guerreiras, uma mistura de astucia e audacia, de prudencia e intrepidez mui claramente assignalada pelo historiador arabe. Era o mais poderoso chefe do seculo XI; nenhum nome recordava assaltos mais vigorosos, emprezas extraordinarias e brilhantes victorias. Foi por isso que elle impressionou a imaginação popular. Que importa que elle houvesse feito talvez tanto mal aos Christãos como aos Arabes, que houvesse devastado as terras dos Hespanhoes e violado as suas igrejas tantas vezes quantas roubara as cidades mussulmanas e entregado os filhos do propheta aos dentes dos cães esfaimados! Só se via uma cousa: o chefe das grandes expedições e dos grandes assaltos. Depois os sentimentos publicos se foram enobrecendo de seculo em seculo; a consciencia nacional se despertou, a luta dos Hespanhoes contra os Mouros tornou-se uma cruzada patriotica e religiosa. Então foi necessario um symbolo, um typo ideal, um heroe e um santo em quem se personificasse um povo inteiro. Quem se devia escolher? Aquelle que ja enchia as imaginações, o Cid Campeador. Rodrigo de Bivar será o heroe das grandes lutas nacionaes, he elle que durante mais de tres seculos, desde o XIII até o XVI, aformoseado, purificado, transfigurado pela piedosa illusão dos cantores que attribuem ao heroe imaginario o proprio progresso dos costumes e dos espiritos, vai tornar-se o mais nobre typo do amor da honra, da cavallaria, da religião e do patriotismo.

Já não ha duvida possivel sobre todos estes pontos depois das completas dissertações de M. Dozy. He de lamentar somente que o tacto litterario e o sentimento poetico não igualem no orientalista hollandez o valente ardor da sciencia. Os preciosos resultados historicos da sua obra estão afogados na mais confuza exposição. A erudição de M. Dozy he mui extensa, isto he, mui minuciosa; vê-se que elle se deu a immensas leituras; pode citar argumentos sem numero em apoio de cada idéa que emitte, e como se não quer privar de nenhuma das suas vantagens, incapaz de escolher entre tantas riquezas que tem o mesmo valor segundo a sua opinião, incapaz de sacrificar uma citação ou um exemplo, interrompe a cada passo o desenvolvimento das suas idéas para dissertar sem fim sobre individualidades. Vê-se a cada instante, sobre cada assumpto, dissertações n'uma dissertação e parenthesi n'uma parenthesi. Se fosse este o unico defeito do longo trabalho de M. Dozy, dever-se-hia perdoar ao artista em favor do sabio; mas um defeito muito mais grave, defeito que tornaria, em verdade, ridiculas as proporções de uma critica sincera, he este ao mesmo tempo o caracter pretencioso do escriptor e o orgulho intratavel do erudito. Temos para nós que o exemplo de M. Dozy não encontrará imitadores: os pedantes da renascença grega e latina do seculo XV serão excedidos pelos pedantes da renascença oriental do seculo XIX. Certamente ninguem nega que o conhecimento dos textos arabes ministre luzes indispensaveis para o estudo da idade media hespanhola, e uma prova sufficiente desta asserção he o livro unico em que fallamos; Será isto razão para riscar-se com uma pennada os serviços daquelles que procuraram a verdade por differentes caminhos? Ao lêr-se as *Investigações* de M. Dozy, parece que só elle he digno de tocar na historia litteraria ou politica da Hespanha. Entre as suas mais arduas dissertações, encontram-se subitamente explosões de invectivas ou de facecias de mão gosto contra os escriptores mais dignos de respeito. Porque tanta ira? Porque as vezes alguem não concorda com elle sobre um nome proprio ou sobre uma data. Não ha vocabulario de sabio mais completo. « Provar-te-hei com energicas razões, diz o Pancracio de Moliere, que és ignorante, ignorantissimo, ignoranteficante e ignoranteficado por meio de todos os casos e maneiras imaginaveis. » A censura de ignorancia na bocca de M. Dozy, ainda he pouca cousa; este he um taberneiro, aquelle he um falsificador. O taberneiro he o sabio jesuita Masdeu que se illudio mais de uma vez, segundo penso, e da maneira mais grave, acerca das cousas e dos homens da idade media, mas que, pela sua vida inteiramente consagrada ao trabalho, não merecia ser aggredido de semelhante maneira. O falsificador he o laborioso conde, o proprio de quem M. Ticknor falla com tanta deferencia e affeição no prefacio do seu douto livro. Conde teve o merito de comprehender primeiro que todos a importancia dos documentos arabes, teve a ambição de crear, segundo dizem, a historia da Hespanha mussulmana: ambição generosa, á que a sciencia e a sagacidade nem sempre responderam como convinha. Verdade he que Conde não sabia sufficientemente o arabe, e que muitas vezes até proferio absurdos enormes, e dest'arte foi conduzido de absurdo em absurdo a interpretações que não tem a menor relação com o texto. O dever da critica era assignalar todos os erros de Conde, mas tambem era do seu dever tratar com deferencia o ancião de uma empreza gloriosa. Quando M. Dozy chama a Conde o grande *falsificador*, não commette somente uma falta litteraria. Depois de taes cousas não deve admirar que o impetuoso orientalista de Leyde pareça ignorar as mais simples regras da civilidade e modestia. Como nos admiraremos que elle offereça a si proprio em holocausto uma hecatombe de historiadores e de criticos? Francezes, Allemães, a maior parte daquelles que se tem occupado recentemente com a historia da Hespanha, não passam de escrevinhadores. M. Dozy, como se vê, ainda não está livre do fogo da juventude: resta-lhe completar a sciencia pelo sentimento d'arte, se pretende prestar serviços reaes a historia da Hespanha que he ja para elle o objecto de tão feroz solicitude.

No lugar destas notas e destas particularidades em que se compraz a erudição contenciosa de M. Dozy, cada qual preferiria encontrar no seu livro estudos mais litterarios sobre os monumentos da velha poesia castelhana. Porque razão não terá elle melhor apreciado, com a luz dos novos documentos que produzio, a notavel *cansão do Cid* ácerca da qual se cruzam ainda tantas opiniões contrarias? A obra de M. Clarus he muito mais completa sobre este ponto. M. Clarus escreve as palavras seguintes com confiança na primeira linha do seu prefacio: « Julgo que ninguem desconhecerá o sentimento de amor com que este estudo foi emprehendido e dirigido. » Com effeito, he esta originalidade da exposição da litteratura hespanhola na idade media; M. Clarus he apaixonado pelo seu assumpto. Elle estima a idade media em todos os paizes da christandade, estima-a particularmente na Hespanha. Estima-a, não á maneira dos nossos enthusiastas de partido apaixonados que faltam sem conhecê-la; estima-a, não com odio do mundo moderno e das transformações de costumes e idéas que somente são o crescimento regular do genero humano; estima-a em consequencia dos seus actos francos, da sua liberdade ingenua, do primeiro desenvolvimento do espirito que tem tanta novidade e encanto. O enthusiasmo de M. Clarus o induzirá algumas vezes a erro; o todo tem ao menos um caracter evidente de verdade, e este vivo amor do escriptor para com o seu assumpto tem muitas vezes esclarecido o erudito da mesma maneira qve inspirára o artista. Muito se tem escripto sobre o *poema del Cid*; não li em parte alguma uma analyse mais fiel e uma apreciação mais justa deste monumento. Antes de M. Clarus, todos se applicavam a fragmentos espalhados. Sismondi só tinha seguido até o fim a narração do velho cantor, mas tirando-lhe a côr com uma fria analyse; o enthusiasmo intelligente de M. Clarus he um guia que gosto de recommendar. Lêa-se o texto hespanhol depois de se ter estudado as paginas do historiador allemão, e sob estes versos se descobrirão maravilhosos instinctos. Ahi descobre-se o talento epico. Não fallo somente das formas candidas, das repetições solemnes que recordam a linguagem de Homero, donde se segue que situações analogas geram os mesmos costumes de pensamento e estylo! Ha certamente muito perfume nestas invocações reiteradas: *Meu Cid, meu Cid Ruy Dias, meu Cid campeador, aquelle que nasceu n'uma hora propicia, aquelle que cingio a sua espada n'uma hora abençoada, — que en buen ora nasco, que en buen ora cinxo espada.* Se todavia eram estas as unicas qualidades homericas da *cansão do Cid*, melhor fora não dizer nada a este respeito; mas que força que vivacidade nas pinturas! Como são ardentes e sinceras as paixões! Como os sentimentos primordiaes da natureza humana, o amor do homem para com a sua companheira, o amor do pai para com sua filha, são habilmente associados aos sentimentos mais complexos da honra feodal! Que arte tambem nos contrastes! Os infantes representam na *Cansão do Cid* o mesmo papel que Ganelon na Cansão de Rolando. Accrescentemos que a satyra, a ironia faceta e familiar, cousa rara entre os poetas primitivos, apparece aqui e alli em varias scenas sem prejudicar a gravidade do todo: o leão do Cid, curvando a fronte diante do seu amo, o Campeador, agarrando o animal pela nuca e indo mette-lo na gaiola, ao passo que os infantes tremem com medo nos seus esconderijos, he um quadro inteiramente composto que deveria tentar um pintor de genio. O que he mister especialmente assignalar, he a grandeza do sentimento feodal. Que altivez homerica no comportamento do Cid! « Dom Rodrigo diante de el-rei Affonso, diz mui eloquentemente Ozanam, he Achilles diante de Agamemnon. »

Não se tem talvez observado quanto esta cansão de façanhas era o fundamento dos principaes romances consagrados ao Cid. A *Cansão do Cid* foi escripta no seculo XIII; desde o seculo XIII até o XVI, todos os autores de romances não fazem mais do que repetir e desenhar com mais arte as scenas variadas do poema. Primeiramente tinha havido um primeiro trabalho na consciencia popular: era aquelle pelo qual o Cid da realidade, o Cid barbaro que temos visto ainda ha pouco, tornava-se o glorioso representente da cruzada hespanhola. Do seculo XI ao XIII se realisou grande parte desta transformação: O Cid da cansão de façanhas he já, como o Cid do *Romancero*, um modelo de patriotismo e dedicação religiosa. Este caracter se purificará nos romances, mas he evidente que existe. Sobre certos pontos somente a tradição ainda não inventou, no começo do seculo XIII, tudo quanto comporá mais tarde esta lenda maravilhosa. O Cid amoroso,—não digo o Cid apaixonado que exprime tão nobremente a luta do dever e do amor, este he a creação de Corneille, —o Cid amoroso, brilhante, cavalleiroso, o Cid de certos romances e de Guillen de Castro, ainda não apparece no velho poeta. Os mais recentes editores do *Romancero*, M. Depping na sua collecção tão preciosa, M. Damas-Hinard na sua elegante traducção, adoptaram, para commodidade do leitor, uma divisão funda na natureza destes pequenos poemas,—romances historicos, romances cavalleirosos, romances mouriscos. Nada melhor certamente para causa da incerteza das datas; mas, sem que queira precisar datas para poemas transmittidos de bocca em bocca, e modificados sem duvida por mais de uma vez pela inspiração popular, não se poderia tentar uma divisão de outro genero? Em tal epoca o espirito feodal está em revolta aberta, e tal outra se amenisa; esta data he a dos sentimentos cavalleirosos que se dispertam, aquella recorda o progresso do enthusiasmo religioso, a est'outra se ligam as relações da Hespanha com a França. Notar-se-hiam estes progressos, estas transformações ou somente esses incidentes da vida publica, e seriam encontrados de novo nos canticos populares. Quanto não seria curioso o quadro dos romances distribuidos nesta ordem, segundo a progressão historica das idéas e dos costumes! As idéas, os costumes, os interesses, as paixões de cada periodo se reflectem dest'arte durante quatro centos annos sobre a figura consagrada do Campeador, e he neste sentido que se devem repetir as expressivas palavras de Corneille: « Estas especies de pequenos poemas são como os originaes descosidos das suas antigas historias. »

Pode-se recommendar esta nova distribuição dos romances aos eruditos habeis, que exploram tão denodadamente este bello assumpto. Ainda ha pouco era um solo abandonado; hoje he um dominio que se vai enriquecendo de dia em dia. Sem fallar em M. Damas-Hinard, que M. Magnin já apreciou nesta mesma revista, laboriosos criticos na Italia, na Allemanha, na Hespanha, tem consagrado as suas vigilias ao estudo do *Romancero*. Um escriptor italiano, M. Pedro Monti, publicou em Milão em 1850 uma interessante traducção em verso dos principaes romances hespanhoes (*Romanze storiche e moresche e Poesie scelte spagnuole, tradotte in versi italiani*). Não he a primeira vez que a Italia se occupa da idade media hespanhola; um poeta lyrico pouco conhecido em França, mas que, antes do proprio Manzoni, fora o promotor do movimento nacional que regenerava as lettras italianas, já tinha traduzido com muita habilidade uma centena de velhos romances bem escolhidos. Fallo de Giovanni Berchet, poeta generoso e critico enthusiasta, que reunio em torno de si os jovens chefes do romantismo italiano, Geoja, Tommaseo Grossi, Alexandre Manzoni, e fundou em Milão no começo deste seculo o *Conciliatore*, orgão energico e brilhante da renovação litteraria. Os *Romanze storiche* de M. Pedro Monti se prendem com honra aos *Vecchie romanze spagnuole* de Giovanni Berchet. Como o seu douto predecessor, M. Monti he um critico habil e um escriptor de talento: com as suas bellas traducções de Lopez da Vega e de Calderon, já tinha prestado grandes serviços ás lettras italianas; os *Romanze storiche*, com as interessantes noticias que os acompanham, podem ser assignalados como um dos melhores productos da erudição litteraria nestes ultimos annos. Mas he na Allemanha especialmente que o *Romancero* ha sido o objecto de profundos estudos. Quando os escriptores francezes, inglezes, italianos, se occuparam com canticos populares da Hespanha, fizeram-no, como he natural, com o soccorro dos trabalhos publicados em Hespanha; mais audaciosos ou mais felizes, os eruditos allemães hão tido sobre este ponto o merito de fecunda iniciativa, são elles que revelaram á propria Hespanha as maravilhosas riquezas que desprezava. N'uma epoca em que ninguem ainda tinha estudo o *Romancero* com as luzes de uma critica grave, M. Jacb Grimm publicava a sua *Silva Romances viejos* (Vienna 1815), e M. Depping a sua primeira collecção de romances (1817). Desde então se succederam muitas edições; na Hespanha as de Dom Agostinho Duram (1832) e de Dom Eugenio Ochoa (1838), na Allemanha a de M. Adalbert Keller (Stuttgart 1840). — e Dom Agostinho Duran, um dos mais corajosos exploradores desta velha litteratura castelhana, foi obrigado a dizer n'uma publicação recente: « As primeiras authologias de romances regularmente concebidas pertencem á Allemanha.

São Allemães que mais tem contribuido para a historia da nossa litteratura, da nossa poesia, do nosso theatro, das nossas chronicas. » O livro em que D. Agostinho Duram se exprime em termos tão lisongeiros para a Allemanha he o ultimo e mais completo de todos os *romanceros* publicados até hoje; appareceu em Madrid de 1849 a 1851, em dous volumes in 8º, sob o titulo seguinte *Romancero general o Colleccion de Romances castellanos anteriores al siglo XVIII, recogidos, ordenados, clasificados, y anotados por don Agustin Duran*. A originalidade desta collecção, não he sómente porque he mais completa do que todas as outras, he especialmente porque o editor tentou uma nova divisão. D. Agustinho Duran já se não occupa da natureza do objecto, procura fixar a época em que cada romance foi composto. Infelizmente não encontro ahi o quadro que eu indicava ainda ha pouco; o autor, para operar a sua classificação, se funda antes que tudo sobre as modificações da lingua, como se canticos transmittidos de bocca em bocca não devessem mudar de vestes a cada periodo, e como se tal romance, cuja inspiração he do seculo XIII ou do seculo XIV, não podesse pertencer pelo estylo ao XV ou ao XVI! Não importa, he um feliz começo; convinha primeiramente distribuir os romances segundo as datas do idioma, antes de procurar classifica-los (trabalho muito mais perigoso) seguindo a inspiração historica que ellas reproduzem. D. Agustinho Duran, que rende tão generosamente homenagem aos seus predecessores de Allemanha, reivindica e dá aqui a vantagem ao seu paiz; o mais rico e mais illustre dos romanceros deve ser procurado em Madrid.

A *Cansão do Cid*, o *romancero* do Cid, e todos os outros *romanceros* que a elle se prendem, o *romancero* desse Ferran Gonzales que os Mouros chamavam o abutre carniceiro (*el buytre carnicero*), o de Bernardo de Caspio, o dos infantes de Lara, o de Carlos Magno e dos seus pares, não são os unicos monumentos epicos e lyricos do talento hespanhol na idade media; a igreja tambem teve o seu *romancero* epico nos mysticos poemas do frade Gonzalo Berceu. Que fervor euthusiasta! que piedade terna e exaltada! *A Vida de San Domingos de Solis, a Vida de San Millão, as Dores de Nossa Senhora, os Signaes do Julgamento final, o Sacrificio da Missa, o Martyrio de S. Lourenço, e a Vida de Santa Oria*, compoem um cyclo inteiro de doçura e suavidade exquisita. Nenhuma outra litteratura, antes da *Divina Comedia*, tinha tambem cantado o que se poderia chamar na linguagem dos mysticos, as primeiras delicias da alma religiosa. O christianismo hespanhol, que mais tarde, na sua opposição ao protestantismo e sob a influencia da inquizição, tomará muitas vezes em Calderon o caracter de uma devoção feroz; manifesta-se aqui com toda a ingenuidade da infancia. O frio Bouterweck só tinha visto nisto versos alinhados, Sismondi assignalava com desprezo a cor monacal, e o proprio M. Ticknor, apezar da sua ardente predilecção pelo passado litterario da Hespanha, he muitas vezes mui severo para o poeta de S. Domingos; esclarecido por uma sympathia mais intelligente, M. Clarus descobrio nestas pinturas infantis muitos thesouros de inspiração. O pensamento cavalleroso tambem produzio no seculo XIII a curiosa cansão de façanhas de Alexandre Grande (*Poema de Alejandro Magno*), de João Lorenzo Segura, estudada por M. Clarus com rara intelligencia da poesia do idade media; mas em breve estas tentativas de epopea historica, religiosa ou cavalleirosa são quasi suspensas subitamente por um espirito novo que se levanta, e ao passo que os romances continuam a ministrar á imaginação do povo uma serie de pequenos dramas admiravelmente expressivos, o velho genio epico desapparece, deixando a sua obra interrompida. O espirito que o substitue he um espirito preciso, sensato, voltado sobre tudo para o estudo e para a pintura das cousas reaes.

He o momento em que a prosa castelhana he creada no primeiro impulso por Affonso Sabio. Grave e digna como o autor da *Chronica geral* e dos *Siete partidas*, este espirito novo he satyrico e audacioso com o faceto arcipreste de Hita; depois apaixana-se pelo ensino, gosta dos exemplos, da moralidade, da arte de bem pensar e bem viver, e eis que nasce a inspiração didactica quasi no dia seguinte da epopea primitiva. Todavia he de notar que esta inspiração didactica ainda conserva a singeleza da idade media; não se encontra aqui o pedantismo e a sensualidade grosseira do *Romance da Rosa*. Quando os sentimentos de que fallo encontrarem a expressão que lhes convem, serão obras de um perfume mui original e ás quaes ninguem poderá oppor nada nas litteraturas contemporaneas, será uma mistura acerba do entusiasmo cavalleiroso e de bom senso pratico, será este *Conde Lucanor*, que, em virtude de uma recente traducção, tem o seu lugar entre os trabalhos de que nos vamos occupar.

O que he o *Conde Lucanor*? Uma especie de breviario dos homens honestos, escripto por um principe do seculo XIV. O autor do *Conde Lucanor* he um infante D. João Manoel, sobrinho de Affonso Sabio e neto de Fernando Santo. Nascera em Escalona a 5 de maio de 1282. Lançado ainda muito moço no meio das guerras civis do seu tempo, cheio de ardor e de ambiciosos projectos, encarregado com dous outros principes da tutella de Affonso XI e da regencia de Castella, exposto mais tarde aos ciumes perfidos do joven rei, obrigado a levantar o estandarte da revolta para proteger os seus direitos e a sua vida, acabou por se reconciliar com o seu amo, e foi um dos seus mais valentes companheiros d'armas nas heroicas batalhas de Tarifa e Algesiras. Ha poucas existencias, na idade media, hespanhola tão agitadas, que nos offereçam tantas lutas e catastrophes tragicas. Houve lá para este espirito tão bem dotado uma serie de experiencias fecundas, D. João Manoel era valente como seu avô Fernando Santo, e apaixonado pelas lettras como seu tio Affonso X. O pensamento um dia inspirou-o para resumir por escripto todas as reflexões que o seu turbulento destino despertara-lhe na alma, e elle compoz o *Conde Lucanor*.

O Conde Lucanor he o proprio D. João Manoel,—he um homem de boa vontade que deseja em todas as occasiões seguir o caminho da prudencia e da honra. Ora tem ao pé de si um bom e digno companheiro chamado Patronio. Patronio,—será desta vez a consciencia de D. João, a consciencia recta, prudente, esclarecida pela pratica da vida e pela nutrição da leitura dos sabios,— Patronio presta ouvidos attentos as consultas do conde Lucanor, e nunca se vio servo mais fiel, amigo mais sensato, director mais habil em apresentar a moral sob forma viva e seductora. A cada pergunta do conde, Patronio responde por uma fabula, por um apologo, por uma historia, por uma anecdota tomada ás suas recordações, e dahi tira em poucas palavras uma conclusão precisa e segura. Sem cahir no erro dos escriptores que veem em tudo a influencia arabe na poesia hespanhola (M. Dozy os refuta com vehemencia, e os traductores hespanhoes de M. Ticknor, combatendo ao mesmo tempo sobre este ponto o orientalista de Leyde, são obrigados a convir que semelhante influencia não foi nem tão profunda nem tão extensa como pensara o historiador Antonio Conde), sem exagerar, digo, esta acção da poesia arabe, he impossivel não assignalar tudo quanto D. João Manoel deve á sabedoria oriental. D. João Manoel tornou conhecidas narrações que só penetraram mais tarde nas lettras europeas, e que elle bebia directamente na fonte. *O Moleiro, seu Filho eo Asno, o Corvo e a Raposa, a Andorinha e os Passarinhos, a Leiteira e o Pote de Leite, o Velho e os Filhos*, todos estes apologos de que La Fontaine fez obras primas, ainda outros que a idade media não conheceu, podem ser lidos nas elegantes narrações de Patronio. A forma muda algumas vezes: assim no *Conde Lucanor* Perrette se chama dona Truhana, e e o pote de leite he um pote de mel; o velho e os filhos tão bem cantados por La Fontaine, são em Patronio os dous cavallos unidos contra o leão. A's mais das vezes encontraremos, em lugar de fabulas, narrações da historia de Hespanha, exemplos tirados das chronicas ou das proprias recordações do autor. Nada mais variado do que esta multidão de historia, moraes; aqui he uma narração cavalleirosa que parece tomada ás paginas de Froissard; alli, he uma especie de aventura romantica, mas breve, rapida e sempre illuminada por um bello pensamento christão. Calderon poz em drama uma destas lindas historias (todavia não parece que elle a tenha tomado a Dom João Manoel), mas tirou-lhe a precisão e nobreza: a moralidade de Patronio torna-se um longo tecido de intrigas e aventuras extravagantes. Leia quem quizer o drama de Calderon intitulado *el Conde Lucanor*, e compare-o com o capitulo XXV da obra de Dom João Manoel, e comprehenderá a viva originalidade do infante de Castella. O que me impressiona na moral de Patronio, he o acordo da inspiração cavalleirosa e da prudencia politica; ora dissereis um Froissard apaixonado das proezas heroicas, ora parece ver-se um grave Commynes que não acredita nem nos homens nem nas cousas. Os ultimos clarões da idade media que declina, o primeiro fulgor do espirito moderno que se aproxima, tudo isto se combina com graça na alma de D. João Manoel, e uma viva fé religiosa, dirigida pelo bom senso, esconde harmoniosamente estas gratas contradicções. Assignalemos ainda outro caracter: este breviario da sapiencia pratica, composto por um principe que representou tão grande papel nas guerras civis do seu paiz, não he um codigo para o uso dos politicos e ambiciosos, são lições para todos. Ninguem melhor do que Dom João Manoel tinha o direito de tributar a homenagem seguinte á sua obra: « Muita gente, escreve elle no seu prologo, não entende o que he abstracto ou difficil; portanto não pode estimar certos livros nem ter gosto pela leitura, e por isso não pode tirar dahi utilidade alguma. Eis porque, eu, Dom João, filho do infante Manoel, governador geral da frouteira e do reino de Murcia, emprehendo fazer este livro... Deos, cuja bondade e misericordia são a fonte de tudo quanto he e for bom, permittirá que aquelles que o lerem tirem algum proveito, para sua vantagem neste mundo e salvação no outro; elle sabe que não tenho outro alvo. » E acrescenta ainda com ingenuo e legitimo orgulho: « Compuz esta obra com as mais bellas palavras que pude encontrar; *fiz este libro compuesto de las masfermosas palabras que yo pude.* »

Deve-se dirigir mais de uma censura ao systema do traductor; M. de Puibusque não se jacta de fidelidade litteraria, e acontece ás vezes que os torneios de phrases singelas do modelo desapparecem de repente de baixo da sua penna. M. de Puibusque desconfia e com razão do archaismo da linguagem: Pareceu-me, diz elle, que antes que tudo era preciso ser intelligivel, e que, visto que eu traduzia para os meus contemporaneos, não lhes devia fallar a linguagem de Gilles Corrozet, de Nicolão Collin ou de Herberay dos Essarts. » Muito bem; mas sem fazer uma copia servil da lingua hespanhola do seculo XIV, sem nada tomar a d'Herberay dos Essarts nem a Gilles Corrozet, era possivel a um escriptor engenhoso não apagar por via de torneios mui modernos as singelas narrações do Conde e do seu prudente conselheiro. Se o verso francez, na sua dignidade um pouco arrogante, he rebelde á traducção dos poetas, a prosa ao menos, a prosa fixada por Descartes e Pascal, ainda conserva muita flexibilidade para se modelar sobre as obras da idade media. O principal caracter desta traducção he que acrescenta algumas paginas novas ao texto de Dom João Manoel. M. de Puibusque vio em Boston a bibliotheca hespanhola de M. Ticknor, a mais bella talvez que haja no mundo, e o sabio americano revelou-lhe a existencia de um manuscripto de Madrid desconhecido ao primeiro editor, ao editor de 1575, o proprio Argote de Molina. Este manuscripto, que parece, ao menos em parte, uma copia contemporanea da manuscripto original confiado pelo principe á guarda dos frades de Penafiel, contem um capitulo de mais que todos os manuscriptos conhecidos e todas as edições publicadas ate hoje. M. de Puibusque enriqueceu o seu livro com este precioso trabalho, e esta historia, este exemplo, como diz D. João Manoel, intitulado *o que aconteceu a D. Lourenzo Soares Gallinato quando decapitou um padre renegado*, he certamente uma das mais dramaticas narrações de Patronio.

O conde Lucanor assignala um dos mais interessantes periodos da historia litteraria da Hespanha. Bouterweck oppõe o que elle chama a singeleza instinctiva de D. João Manoel a singeleza illustrada de La Fontaine (*unabischtliche naivetaet, kunstliche naivetaet*. Deixemos estes parallelos que não honrariam aos dous escriptores. A obra de La Fontaine he um todo concluido, e a sua graça, a sua viva cidade dramatica, a sua philosophia sem esforços, a sua pintura cheia da vida humana, tudo assegura-lhe um lugar incomparavel. O originalidade de D. João Manoel he interessante a seu modo. O autor do *Conde Lucanor* está bem collocado no quadro do seculo XIV; os ultimos clarões do sol quo se poe e os primeiros fulgores da proxima alvorada brincam graciosamente no seu livro. He ahi que compre ve-lo com a sua experiencia reflectida e a sua confiança em Deos, com o seu ardor cavalleiroso e a sua finura risonha, instruindo os homens em proveito delles neste mundo e da sua salvação no outro. A obra de D. João Manoel he um desses livros moraes, uma destas collecções de boa e valente probidade que agradavam particularmente a estes pastores dos povos collocados entre a idade media e a renascença, a um Carlos V, a um Affonso V de Aragão, a um Luiz XII. E não causará admiração que haja um progresso maravilhoso das inspirações epicas da Hespanha a esta philosophia amavel? Não causará admiração o desenvolvimento regular das scenas altivas da *Cansão do Cid* aos sabios dialogos do *Conde Lucanor?*

(*Continuar-se-ha.*)

VARIEDADES.

CARTA DE UM COMPADRE DA ALDEIA A UM COMPADRE DA CIDADE.

Diga d'ahi, ó compadre,
As novidades que ha,
Que eu em paga lhe direi
As que tambem vão por cá.

Boas não são as daqui;
Mas poderam ser peiores,
Pois que inda o senhor chol'ra
Não nos mostrou os seus rigores.

Se o judeu-errante passa
Sem pôr pés em Portugal,
Temos Deos da nossa banda
Que nos livra desse mal.

Mas outro nos ameaça,
Que Deos de nós affugente!...
Pois que nada menos he
Que não ter que dar ao dente.

Pinga, tambem não a ha;
Mas a isso ha de valer
O fiador, que existia
Ja antes de Noé nascer.

O mais tudo vai andando
Como sempre tem andado;
Come, quem tem que comer;
Quem não tem pede fiado.

E olhe, compadre e amigo,
Que antes quero dar de vez
Meia duzia de patacos,
Que emprestar oito ou dez.

Na gazeta que me manda
Vem um caso de respeito!
Se lá succedem taes cousas,
Que lhe façam bom proveito.

E que tal era a menina?
A Mathilde cidadoa?
Eu cá por mim assevero
Que era o diabo em pessoa.

Espero quebre o nariz
Ao safar-se da gaiola,
E vá morrer de maleitas
Lá nos presidios de Angola.

E a tal dormida que foram
Revistar dous figurões?
Parece incrivel que haja
Taes desgraças nas nações.

Esse mal se pode ao menos
Minorar um poucochito,
Se não se pode extinguir
Por faltar o mais bonito.

E então tanta cousa boa
Disseram (valha a verdade)
Havia agora no Porto
Em pró da humanidade!..

De tudo o que me disseram
Pouco ou nada me ficou,
Entrou-me por um ouvido,
Pelo outro se safou.

Porem uma cousa só
Cá na bola faz assento,
Porque gostei muito della
E me entrou no entendimento.

Fizeram-me explicações
Da maneira de ensinar
Uma creatura a ler,
Quasi que a rir e a brincar.

O certo que he que as creanças
Indo com gosto á lição,
Hão de aprender mais de pressa
E com mais satisfação.

A vontade pode mais
Que a memoria e entendimento,
Estas sem ella não chegam
A porto de salvamento.

Alem disso ha muita cousa
Nesse modo de ensinar
Que se encasqueta na bola
Mesmo sem nisso scismar.

Não sejemos pois teimosos
E olhemos sem paixão
P'ra novidades que vem,
P'ra antigualhas que vão.

Agora vejo, compadre,
Que estou aqui a pregar
Com Santo Antonio aos peixes,
E nenhum hei de pescar.

Pois que não offereço isca,
Nem tão pouco lhes dou coca;
Fallo com a singeleza
Que o coração manda a bocca.

Não o enfado mais por hoje,
Viva na paz do Senhor,
E não se esqueça que sou
Seu compadre Salvador.

29 de outubro.

(*Braz Tisana.*)

CARTA DO VISCONDE DE KIKIRIKI, A SUA ESPOSA, A VISCONDESSA DO MESMO TITULO.

I.
Minha chara viscondessa,
Viscondessa das pontinhas,
Vou dar-lhe noticias minhas,
Não fabulosas, reaes,
Noticias officiaes.

II.
Nem o telegrapho Havas,
Nem da Russia os boletins,
Bem que com diversos fins,
Nenhum delles, queridinha,
Falla mais verdadesinha.

III.
Epaminondas Thebano
Nem mesmo a brincar mentia,
Dona Antonia, minha tia,
Que morreu na virgindade,
Nunca faltou á verdade.

IV.
Ego pois, que sou visconde,
Mas não visconde da praça,
Mas de sangue azul, de raça,
Visconde de pergaminhos,
E de brazões antiguinhos.

V.
Hei de ser tão verdadeiro,
Como um ministro de estado,
Creia pois, encanto amado,
Que as palavras do seu velho
Tem caracter de Evangelho.

VI.
Dir-lhe-hei *in primo loco*
Que tive desintheria!
É para os anjos iria,
Se o meu doutor assistente
Não fosse tão providente.

VII.
Atirou-se á tal molestia,
E arrumou toda a metralha,
Venceu por fim a batalha,
Com valor e economia,
Curou-me com agua fria.

VIII.
D'antes, senhora, faziam
Das nossas tripas botica,
Minha avó, senhora rica,
Empenhou o seu rosario.
Por causa do boticario.

IX.
Hoje com banhos de chuva
Se cura todo o doente,
E se ainda morre gente.
Se a cova tem que fazer,
He por mais não poder ser.

X.
Mas tornando á tal molestia,
Não gostei da tal gracinha,
He doença de zanguinha,
Que a nobreza titular
Não devia supportar.

XI.
He molestia curriqueira,
Só propria de gente baixa,
Visto porém que se encaixa
Na nobreza d'excellencia
Que remedio? paciencia.

XII.
Fuja, prima, de arranjar
Esta molestia ruim,
Ponha os seus olhos em mim,
Fiquei magro, escaveirado,
Pois me vi atrapalhado.

XIII.
Felizmente ja larguei
A cama que he lugar quente,
Já dou que fazer ao dente,
Já manduco o meu franguinho.
Com a pinguita de vinho.

XIV.
Todos os olhos, fidalga,
Estão fitos na Criméa,
Já não ha jantar nem cêa,
Haja chuva ou haja sol,
Sem entrar Sebastopol.

XV.
Nos theatros, nos cafés,
Nos passeios, nos salões,
Anda a gente aos empurrões
Aos generaes de capotes!
Não haver quem os derrote!

XVI.
Já não ha nem cão nem gato
Que não falle na Criméa!
Qualquer velha centopea,
Nos caustica impertinente
Com as cousas do Oriente.

XVII.
Ha dias certa Elegante,
Ao dansar linda mazurka,
Fallava da questão turca;
E o leão, seu par, dizia
Bellas cousas da Turquia.

XVIII.
Já tem caminho de ferro
Villa-franca e Sacavem;
E qualquer dia tambem
A fresca Cintra o vai ter;
Vê-lo-hei, se não morrer.

XIX.
Os Torradoffs, priminha,
Andam de beiças cahidas;
Caçuavam taes medidas,
Mas por fim da caçuada,
Sahio a porca capada.

XX.
Digam lá o que disserem
Do janota das finanças;
Não he dos ministros panças;
Tem talento, e audaz trabalha,
E deixa ralhar quem ralha.

XXI.
Debutou madama Alboni,
E sem dous cruzios fiquei:
Lá barato não achei;
Mas uma vez a Cascaes,
Viscondessa, e nada mais.

XXII.
Na verdade a tal condessa
He mestra no seu officio.
Se acaso tivesse o vicio
De cantar gratis, teria
Arrobas de sympathia.

XXIII.
Canta como os anjos cantam,
Se he que os anjos garganteiam;
As suas notas enleiam:
Se não fosse tão carinha,
Tinha muita mais gracinha.

XXIV.
Bem sei que gallinha gorda
Não ha por pouco dinheiro;
Mas eu não sou Brasileiro,
E se me tenta o demonio,
Lá se vai o patrimonio.

XXV.
Os nossos tempos agora,
Vão, viscondessa, delgados.
A moda não quer morgados;
E as nossas quintas antigas,
Todas tiveram bexigas.

XXVI.
Hoje, senhora, por cá,
Tudo se faz por vapor.
Té o Ferrea, professor,
Hoje a vapor nos ensina
A velha lingua latina.

XXVII.
Saberá que a loteria
Da Santa Casa sujou-se!
Nos premios atrapalhou-se!
Diz-se que houve mexedela
Ou por outra comedela!

XXVIII.
Quem tinha premios, senhora,
Tem grande ferro, dá pulos;
Pois foram julgados nullos
Pelo codigo francez,
Que governou desta vez.

XXIX.
O pão quente da cavaco,
Pois ja tinha descontado;
Foi castigo de peccado,
Pois cahio desta maneira
O rato na ratoeira.

XXX.
Se nesta côrte, priminha,
Lhe presto de mim disponha;
Mande, peça, sem vergonha,
Pois estou sempre disposto
A servi-la, a dar-lhe gosto.

(*Idem.*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 23 DE DEZEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Assucar mascavado bom—1$600 por arroba.
Dito dito escolhido—1$640 por arroba.
Dito dito especial—1$700 por arroba.
Cambio sobre Londres—a 60 dv. 28 d.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 22 . . . . . 196:271$819
Idem do dia 23 . . . . 8:042$840
204:314$659

Descarregam hoje 26 de dezembro.
Barca ingleza—*Enthusiast*—mercadorias.
Barca ingleza—*Hindoo*—idem.
Escuna hollandeza—*Jacobus*—cemento.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 22. . . . . 40:359$680
Idem do dia 23 . . . . 1:017$584
41:377$264

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 22 . . . . . 4:242$058
Idem do dia 23 . . . . 248$127
4:490$185

Exportação.

Pará, escuna nacional «Flora», de 115 toneladas, conduzio o seguinte:—25 cunhetes facões, 10 massos de papelão para chapeleiro, 1 caixa enfeites para cabeça de senhoras, 5 duzias de gravatinhas e 2 ditas de manguitos para ditas, 1 caixinha com 10 massos de pilulas de Thomaz Parr, 1,085 barricas com 4,723 arrobas e 47 libras de assucar, 114 saccas com 570 arrobas de café pilado, 723 caixinhas e 1 pacote com 74,300 charutos.

Havre, barca franceza «Josée», de 289 toneladas, conduzio o seguinte:—2,050 saccos com 10,250 arrobas de assucar, 100 saccas com 479 arrobas de algodão, 2,858 couros salgados, 250 quintaes tatajuba, 72 pipas aguardente, 7 1/2 pares de pistolas.

Liverpool, barca ingleza «Midas», de 382 toneladas, conduzio o seguinte:—2,100 saccos com 10,500 arrobas de assucar, 862 saccas com 287 arrobas e 21 libras de algodão, 4 pipas com 732 canadas de aguardente, 257 arrobas de ossos.

Marselha, polaca franceza «Jeune Barrau», de 223 toneladas, conduzio o seguinte:—2,900 saccos com 14,500 arrobas de assucar.

Parahiba, hiate nacional «Camões», de 31 toneladas, conduzio o seguinte:—52 volumes generos estrangeiros, 5 ditos ditos nacionaes.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 22 . . . . . 17:464$540
Idem do dia 23. . . . . . . 1:419$604
18:884$144

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 22. . . . . 52:049$020
Idem do dia 23 . . . . 2:009$433
54:058$453

PRAÇA DO RECIFE 23 DE DEZEMBRO, AS 3 HORAS DA TARDE.

Revista semanal.

Cambios	Sacou-se a 27 3/4 e 28 d. por 1$ sobre Londres.
Algodão	Entraram 469 saccas, vendendo-se de 5$400 a 5$800 por arroba, e foi menos procurado.
Assucar	A entrada foi avultada, e os preços declinaram em algumas qualidades, mas não tanto como seria necessario para os limites da Europa. O mascavado fino escolhido foi muito procurado, e ainda continua a merecer preferencia. As vendas regularam: brancos finos de 2$600 a 2$700 por arroba, terceira sorte 2$300 a 2$400, quarta de 2$ a 2$100; somenos 1$950; mascavado escolhido de 1$600 a 1$700, dito regular de 1$450 a 1$600, ordinario de 1$300 a 1$350; sendo todos estes preços menos o sacco. O deposito he grande, principalmente dos brancos baixos.
Couros	Venderam-se de 150 a 160 rs. por libra dos seccos salgados.
Aguardente	Idem a 125$ por pipa da de 36 a 37 graos.
Bacalhão	Tivemos hoje um carregamento, que ainda não decidio se ficará aqui, mas he provavel; o deposito está reduzido a 1500 barricas.
Carne-secca	Existem 5,000 arrobas a bordo do patacho *Astrea*, vendeu-se de 4$400 a 5$400 por arroba.
Carvão de pedra	Vendeu-se um carregamento a 12$ por tonelada.
Farinha de trigo	Ha no mercado 3,850 barricas e 2,000 saccos. As vendas regularam: a do Richmond 27$ por barrica, a de Philadelphia de 24$500 a 25$500, a de Genova a 28$, a de SSSF a 30$, a de Valparaizo em saccos 22$ por seis arrobas; e a de Lisboa e franceza a 23$.
Manteiga	Chegaram algumas porções, e os preços de 600 a 620 pela ingleza, e 460 a 470 pela franceza, não he firme.
Fretes	Ha pedidos de 70, e offerecimento de 55—e para Liverpool 32—6—pelo assucar, e 9—16—pelo algodão.
Descontos	Continuaram de 8 a 10 por cento de rebate.

REVISTA DO MERCADO.
DESDE 1 ATÉ 13 DE DEZEMBRO.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro á tarde.

As transacções em importação foram moderadas, e sendo diminuta a entrada dos navios de longo curso, o preço de certos generos que estavam muito frouxos, no fim de novembro melhoraram.

O mercado de exportação esteve muito animado; houve vendas avultadas de café apezar de serem pouco favoraveis as ultimas noticias da Europa e dos Estados-Unidos. Por consequencia os fretes subiram; mas em contrario ao que se esperava, o cambio affrouxou por momentos de 1/4 a 3/8. Cumpre-nos porém dizer que reanimou-se depois, e que hoje ficou firme a 27 3/4 e 28 d.

IMPORTAÇÃO.

As entradas de longo curso constam de 37 navios de vela e dous vapores.

Os principaes generos que importaram são: aço 500 caixas e barrilinhos, alcatrão 147 barris, alvaiade 680 barris, azeite-doce de Portugal 512 barris, azeite-doce do Mediterraneo 100 quartolas e 400 caixas, breu 100 barris, carne secca 35,436 arrobas, carvão 2,249 toneladas, cerveja 500 barricas, farello 1,153 saccas, ferro da Suecia 11,568 barras e feixes, folha de Flandres 100 caixas, garrafões 1,200, genebra 2,180 garrafões e 65 caixas, manteiga ingleza 50 barris, manteiga franceza 60 barris e 45 meios, massas 1,124 caixas, oleo de linhaça 28 barris, pinho 91,836 pés, pixe 219 barris, presuntos 710, queijos 414 caixas, sal 19,580 alqueires, vinho de Lisboa 639 pipas, vinho muscatel 420 caixas, vinho de Bordeos 133 quartolas, vinho de Champanha 547 cestos.

Movimento do mercado.

Aço.—As entradas deste mez ficam em ser.

Alcatrão. — As entradas deste mez são de 147 barris, que venderam-se: 20 a 22$500 a dinheiro, e 127 a 22$ a dinheiro.

Azeite doce de Portugal. — Fizeram-se vendas de alguma importancia de 340$ a 350$.

Azeite doce do Mediterraneo. — Entraram 400 caixas e 100 quartolas que ficam em ser.

Breu. — 100 barris entrados este mez e 700 vindos por cabotagem no fim de novembro ficam em ser; 434 barris das existencias anteriores alcançaram 8$.

Cabos. — Não houve vendas: 100 peças de Manilha chegadas hoje vieram por encommenda.

Cera. — Não houve vendas; as entradas foram avultadas e não se póde estabelecer cotação por ora.

Carvão. — As entradas sendo regulares os preços melhoraram alguma cousa. As vendas tanto do miudo como do graudo effectuaram-se a 18$ a prazo e a dinheiro. Vendeu-se tambem uma carga a 21$, mas este preço não regula.

Cerveja. — As vendas constam de cerca de 400 barricas de 4$800 a 5$400.

Chumbo de munição. — Effectuaram-se algumas vendas a 23$ e 24$.

Farello.—853 saccos entrados este mez tinham sido vendidos a chegar a 5$, e suppomos que os 300 saccos entrados hoje ficam em ser.

Farinha. — Não houve entradas este mez, e além das vendas effectuadas no leilão que teve lugar no dia primeiro, venderam-se somente 1,100 barricas Southern e Western a 23$250, e 243 barricas da Europa ácerca de 23$. No leilão venderam-se 4,559 barricas e 209 meias aos preços seguintes:

800 Richmond C. M. a 23$850
2335 Baltimore de 21$000 a 22$000
1000 Philadelphia de 21$550 a 22$200
424 South. e Western a 22$500
209 meias » » a 11$700 e 11$800

Esta venda estabeleceu uma baixa de 1$ a 1$500 sobre as cotações do fim de novembro, e depois disto os preços ficaram quasi nominaes ás nossas cotações de hoje.

Existencias:
Em primeira mão, cerca de 5,000
Em segunda dita, » » 15,000
20,000 barricas.

Ferro da Suecia. —As entradas constam de 11,568 barras e feixes. Venderam-se 897 barras a 9$600, 1,842 em dous lotes a preços que não regulam, por terem sido mal sortidos, e 1,281 a 10$. Vieram 3,702 barras e feixes por encommenda, e 5,243 barras ficam em ser.

Folha de Flandres. — 100 caixas entradas em fins de novembro alcançaram 22$.

Genebra. — Entraram 2,180 garrafões, dos quaes 1,580 tinham sido vendidos antes de chegar a 4$600; 600 garrafões ficam em ser, com 65 caixas vindas do Havre.

Grossaria.—Houve algumas vendas da escosseza a 255 e a 250 rs. Da allemãa effectuaram-se transacções de pouca importancia ás nossas cotações.

Manteiga. — O mercado melhorou alguma cousa; 600 rs. a dinheiro he o preço que se pagou pelos 100 barris da ingleza que estavam em ser; os 50 barris entrados este mez vieram por encommenda.

Da franceza entraram 60 barris por encommenda e 45 meios que alcançaram 530 rs.

Não ha manteiga em primeira mão.

Massas. —As 1,124 caixas entradas este mez ficam em ser.

Oleo de linhaça. — Houve algumas vendas a 240 rs.; um lote pequeno realisou este mesmo preço a dinheiro, e vendeu-se tambem em latas a 260 rs.

Pinho americano. — A unica entrada he a que chegou hoje, e cremos que está por vender.

Pixe da Suecia. — A unica venda que transpirou he a de 30 barris das existencias anteriores a 19$ a dinheiro. Do pixe de carvão venderam-se 150 barris a 5$200 a dinheiro.

Presuntos. — Os 710 entrados este mez ficam em ser.

Queijos. —1$400 e 1$500 a dinheiro foram os preços que alcançaram os vindos pelo *Severn*.

Sal. — As unicas vendas do mez orçam por 7,000 alqueires a 750 e 760 rs. Uma carga tinha sido vendida antes de chegar a 750 rs. Cerca de 8,000 a 9,000 alqueires entrados em fins de novembro ficam ainda em ser. As entradas sendo regulares, consideramos o preço deste genero firme ás nossas cotações.

Taboado do Baltico. — As entradas constam de sete cargas; todavia os preços subiram por não permittir o inverno na Europa mais expedições. Uma carga tinha sido vendida antes de chegar. 1 vendeu-se a 33$, 2 a 34$500, 1 a 35$ e 2 a 36$000. Uma carga entrada no fim de novembro alcançou 33$.

Vinagre. — Effectuaram-se algumas vendas, que orçam por 75 pipas, de 90$ a 100$ segundo a qualidade.

Vinhos. — Os preços são os mesmos que regulavam em fins de novembro, tendo-se sustentado bem; mas as transacções em geral foram de pouca importancia, limitando-se as necessidades immediatas: as existencias em primeira e segunda mão são importantes.

Lisboa. — Entraram cerca de 700 pipas do tinto (incluindo a cabotagem); as vendas foram de 300 pipas mais ou menos, das quaes 100 pipas das primeiras marcas alcançaram 340$, e 200 pipas de 310$, a 325$000.

Porto. — Venderam-se cerca de 30 pipas de 360$ a 370$; venderam-se tambem alguns oitavos a 500$ a pipa, e algumas caixas de 13$ a 18$.

Catalão. — Não houve transacções. A carga chegada em fins de novembro fica ainda em ser.

Fayal. — 13 pipas do branco, vindas por cabotagem, alcançaram 180$.

Muscatel. — Não houve vendas.

Bordéos. — Estão-se retalhando de 80$ á 100$ as 133 quartolas entradas no mez.

EXPORTAÇÃO.

Café. — As transacções foram avultadas, constando de 146,000 saccas, das quaes 50,000 para os Estados Unidos, 73,000 para o Canal e norte da Europa, e 23,000 para o Mediterraneo.

Pouco se fez até o dia 5 Realisando-se nesse dia uma baixa nos preços de 100 a 150 rs., venderam-se 32,000 saccas, 20,000 no dia seguinte a 26,000 no dia 7.

As noticias que trouxe o *Severn* não desanimaram os compradores, e 28,000 saccas venderam-se no dia 11, sendo mais que regulares as transacções de cada um dos outros dias. Ultimamente os preços tornaram-se mais firmes.

Os preços desde o dia 5 regularam de 3$900 a 4$200 para os lotes americanos, de 3$700 á 4$ para o Canal, e de 3$700 a 3$900 para o Mediterraneo. Alguns lotes muito escolhidos pagaram-se 4$150 e 4$200 para o norte da Europa.

Existencias 50,000 saccas.

Custo do café em moeda ingleza posto a bordo, ao cambio de 27 7/8, e calculando os preços medios de hoje:

Superior . . . 4$150 39/9
Primeira boa . . 3$950 37/10
Primeira regular. 3$700 35/10
Segunda boa . . 3$400 33/4

Despacharam-se do dia 1 até 13, inclusivamente, 76,347 saccas das quaes para

Os estados Unidos.	36,818
Sendo para:	
Baltimore.	18,166
New-Orleans	9,326
New-York.	6,686
Philadelphia	2,640
E para:	
Bergen.	1,094
Buenos-Ayres	4,670
Canal e Londres	7,910
Hamburgo e Altona	8,760
Havre.	2,663
Trieste	14,252
Valparaizo	180
Total.	76,347

As entradas de barra fóra desde o primeiro do mez constam de 80,963 saccas.

Assucar. — As entradas constam de 117 caixas, 3,033 barricas, 52 fechos e 5,711 saccos. Venderam-se para exportação 59 caixas de Campos; e para consumo:

caixas	barricas	saccos	
310	20	—	de Camp.
132	280	908	da Bahia.
		860	de Pern.
442	300	1,769	

Os preços regularam de 3$500 a 3$600 para o branco de Pernambuco, de 2$930 a 3$100 para o da Bahia. Os preços do de Campos regularam ás nossas cotações de hoje.

Couros.—Não houve vendas. Os preços são nominaes e as existencias orçam por 16,000, dos quaes 11,000 grandes.

MERCADO MONETARIO.

As transacções em cambio foram muito importantes, constando de cerca de 320,000 libras esterlinas sobre Londres, 580,000 fr. sobre Paris directa e indirectamente, e 300,000 marcos sobre Hamburgo.

O cambio sobre Londres abrio a 28 e 27 3/4; affrouxou alguma cousa no dia 11, sendo 27 5/8 a 60 dias a cotação mais baixa, e fecha hoje a 27 3/4 e 28 firme. As transacções effectuaram-se pela maneira seguinte: £ 119,000 a 28 d., £ 87,000 a 27 7/8, £ 100,000 a 27 3/4 e £ 14,000 a 27 5/8. — O governo tomou £ 40,000 a 27 5/8 e 27 3/4.

O cambio sobre Paris directamente effectuou-se em geral a 346 e 348 a 60 dias, e indirectamente de 342 a 345. Houve tambem alguma cousa feita a 349 a 30 dias por letras directas. As ultimas transacções effectuaram-se a 348.

Com excepção de alguma cousa de pouca importancia a 645 a 90 dias, todas as transacções sobre Hamburgo effectuaram-se a 650 a 90 dias.

Descontos. — Foram regulares a 7 e 7 1/2 %.

Valores publicos e acções.—As apolices geraes foram procuradas. Subiram a 112%. As transacções em acções tem sido de pouca importancia, limitando-se a vendas pequenas, a premio, do banco do Brasil a 112$ e 115$, do banco Rural a 122$, do banco velho a 280$ e do Mucury a 90$.

Fretes. — Reinou muita animação neste mercado desde a chegada do vapor *Severn*. Os fretes subiram de 5 sh. sobre as cotações do fim do mez passado, e hoje ficam poucos navios disponiveis no porto.

PRAÇA 14 DE DEZEMBRO AS 5 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Cambio — Londres: 27 3/4 a 60 dias.
» Paris: 348 a 60 dias:
Apolices de 6 %: 112 %.

Depois do *post-scriptum* da revista publicada no supplemento de hoje, fizeram-se mais algumas transacções em cambio sobre Londres a 27 3/4 e 28 d., dando o total das transacções effectuadas por este vapor de £ 340,000. Sobre Paris nada se fez depois do meio dia.

Sobre Hamburgo não nos consta de transacção nenhuma.

As vendas de café foram de pouca importancia.

(*Jornal do Commercio do Rio.*)

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 23.

Rio de Janeiro—12 dias, barca ingleza *Corrido*, de 258 toneladas, capitão Thomaz Lyell, equipagem 12, em lastro; a ordem.

Idem e Bahia—8 dias, vapor inglez *Severn*, commandante J. M. Gillies. Passageiros para esta provincia, Louis Zignago, Ernesto de Aquino Fonseca, Augusto Carneiro Monteiro, Leopoldo Borges Galvão de Souza. Segue para o norte.

Londres—34 dias, galera ingleza *Dolphin*, de 388 toneladas, capitão George Murray, equipagem 17, em lastro; a Schramm Whately & Companhia. Ficou de quarentena por 16 dias.

Boston—49 dias, patacho americano *George Harris*, de 247 toneladas, capitão J. B. French, equipagem 10, em lastro; a Rostron Rooker & Companhia.

Terra Nova—31 dias, brigue inglez *Glaucus*, de 256 toneladas, capitão R. Duncan, equipagem 14, carga 2,500 barricas com bacalhão; a Schramm Whately & Companhia.

Navios sahidos no mesmo dia.

Genova—Polaca hespanhola *Ardilla*, capitão Pablo Pages, carga assucar e couros.

Lisboa — Brigue portuguez *Tarujo III*, capitão Francisco Antonio de Almeida, carga assucar e madeira.

Parahiba—Hiate brasileiro *Camões*, mestre Severiano da Costa e Silva, carga fazendas e mais generos. Conduz 19 passageiros com passaportes e 2 brasileiros.

EDITAES.

O Dr. Francisco de Assis de Oliveira Maciel, juiz municipal da segunda vara e commercio, nesta cidade do Recife e seu termo, por Sua Magestade Imperial e constitucional o Senhor D. Pedro II, que Deos guarde, etc.

Faço saber aos que o presente edital virem, que a requerimento de G. H. Praeger, curador fiscal da massa fallida de Joaquim de Oliveira Maia Junior, e por interlocutorio deste juizo, está marcado o dia 29 do corrente, ás 10 horas da manhãa, na casa de minha residencia, na rua estreita do Rosario n. 31, segundo andar, para nomeação de depositario ou depositarios, que tem de receberem ou administrarem a massa fallida do mesmo Maia Junior; assim todos os credores presentes do mesmo compareçam no dia e hora e lugar acima declarado para dito fim. E para que chegue á noticia de todos mandei passar o presente, que será publicado pela imprensa e affixada nos lugares designados no art. 129 do regulamento n. 738 de 25 de novembro de 1850. Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco aos 21 de dezembro de 1854. Eu Joaquim José Ferreira dos Santos, escrivão o subscrevi.

Francisco de Assis Oliveira Maciel.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, manda fazer publico para conhecimento dos contribuintes abaixo declarados, do imposto da decima urbana da freguezia dos Afogados pertencente aos exercicios de 1833 a 1852, que tendo-se concluido a liquidação da divida activa deste imposto, devem comparecer na mencionada thesouraria dentro de 30 dias, contados do dia da publicação do presente edital, para se lhes dar a nota do seu debito, afim de que paguem na mesa do consulado provincial, ficando na intelligencia de que, findo o dito prazo, serão executados.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 15 de dezembro de 1854.— O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

Maria Cecilia	2$016
Maria	15$934
Merencia Maria	10$644
Manoel Custodio	12$096
Manoel Joaquim do Paraizo	29$778
Manoel Gonçalves	9$172
Viuva de Marcelino Ignacio Ferreira da Costa	19$927
Maria da Cruz Ferreira	4$838
Herdeiros de Maria José da Conceição	24$946
Manoel Gonçalves Servina	453$708
Manoel Francisco	14$817
Marcolino Firmino da Costa Barradas	117$595
Manoel Cardoso da Fonseca	11$520
Michaella Maria da Conceição	98$361
Maria Rosa de Jesus	18$910
Manoel Bernardo da Silva	13$348
Manoel João Ribeiro	7$230
Herdeiros de Maria Rita do Nascimento	32$445
Maria do Carmo de Jesus	21$958
Manoel das Virgens Ramos	20$023
Manoel da Cruz	1$512
Miguel Gonçalves Rodrigues	23$457
Maria da Conceição	1$209
Mathilde Iduvina da Fonseca Pinto	3$427
Maria Cardozo da Silva	65$744
Maria Manoela da Encarnação	3$337
Manoel Ferreira Antunes Villaça	9$720
Manoel Joaquim Ferreira	13$805
Manoel Pereira de Moraes	93$441
Herdeiros de Maria da Silva Neves	6$674
Manoel Ignacio de Avila	17$973
Manoel Nunes Corrêa	2$224
Viuva e herdeiros de Miguel Francisco Gomes	4$838
Maria Damiana	2$318
Manoel Antonio Pereira Ramos	3$931
Manoel Antonio Ribeiro	2$903
Manoel José Bezerra	3$628
Marcolino Alves Viletta	5$745
Manoel Vicente do Nascimento	1$205
Herdeiros de Manoel da Silva Ferreira	4$139
Manoel Paes Bezerra	2$419
Manoel da Costa Monteiro	6$048
Manoel Ferreira de Oliveira	9$072
Manoel Luiz Gonçalves	6$048
Manoel Caetano Soares Carneiro Monteiro	3$024
Manoel Antonio de Figueiredo	9$072
Manoel da Silva Neves	6$048
Viuva de Manoel Gonçalves Ferreira	6$048
Viuva de Manoel Francisco Monteiro	9$072
Miguel José Ribeiro	4$032
Maria Pacidonia de Jesus	1$512
Maria Felismina do Rego Gomes	4$032
Manoel Jose de Santa Anna	6$048
Tenente-coronel Manoel Antonio dos Passos e Silva	5$048
Maria Magdalena Telles de Vasconcellos	1$512
Miguel Francisco dos Anjos	5$176
Maria Joaquina dos Reis	20$676
Manoel Alexandre da Fonseca	37$681
Manoel Cavalcanti de Oliveira	21$637
Herdeiros de Maria de Freitas	14$412
Nicolão Antonio	34$359
Nicolão José da Fonseca	13$201
Nuno Maria de Seixas	34$134
Pedro Raphael	13$642
Pedro Ferreira	16$329
Pedro Antonio	8$721
Pedro Francisco Xavier	97$906
Pedro Manoel Duarte Gondim	6$048
Pedro Dias de Assis	6$942
Paulino Herculano de Figueiredo	15$672
Rita da Cunha	46$109
Rita Romana dos Prazeres	3$628
Rosa Maria de Lima	6$048
Rosa de Souza de Jesus	2$419
Severino Francisco de Souza	23$109
Severina Maria	3$337
Simião Corrêa Cavalcanti Macambira	49$594
Simplicio Rodrigues Campello	5$932
Severino Henrique de Castro Pimentel	11$494
Cincinato Antonio Lopes Mavignier	9$072
Thomé Pereira Lagos	243$352
Thereza de Jesus	48$662
Theophilo de Souza Jardim	45$547
Thereza Amra do Jesus	3$337
Theodora Gertrudes Paz de Lima	4$838
Herdeiros de Ursula Maria do Nascimento	1$209
Vicente Ferreira Gomes	7$981
Viuva e Herdeiros de Vicente Luiz de Souza	41$918
Vicente Ferreira da Paz	34$479
Vicencia Ferreira de Albuquerque Nascimento	16$420
Victorino Francisco dos Santos	10$011
Valentina Maria da Conceição	1$209
Padre Vicente Ferreira do Rego	1$209
Victoriana do Carmo	5$443
Venancia Joaquina da Costa	1$209

O Dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha, juiz de direito interino da primeira vara criminal da comarca do Recife, por S. M. o Imperador, que Deos guarde etc.

Faço saber em virtude do artigo 286 do codigo do processo, que tendo sido convocada para o dia 15 de novembro proximo findo a quarta sessão judiciaria do jury deste termo, instalou-se no dia 27 do mesmo, tendo sido julgados na dita sessão 13 processos de presos contendo 15 réos: que foram assiduos na referida sessão os senhores jurados effectivos:
João Nepomuceno Barroso.
Manoel da Silva Neves.
Joaquim José de Souza Serrano.
Herculano Deodato dos Santos.
Christovão Santiago de Oliveira.
João de Sá Leitão.
Joaquim Felix Machado.
Jorge Victor Ferreira Lopes.
João Francisco Maia.
Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.
Manoel Joaquim Antunes Correa.
Manoel Caetano de Medeiros.

E os senhores jurados supplentes:
João Cancio Gomes da Silva.
Dr. Ignacio Firmo Xavier.
Francisco Alexandrino de Vasconcellos Callaça.
João Francisco Bastos.
Antonio José Duarte.
Pedro Ignacio Baptista.
Francisco Antonio Pereira de Brito.
Joaquim Pereira Bastos.
José Henriques Machado.
Antonio José dos Santos Servina.
Bartholomeu Guedes de Mello.
Dr. Pedro Guadiano Ratis e Silva.
Antonio Luiz do Amaral Silva.
Hypolito Cassiano de Albuquerque Maranhão.
Major Manoel do Nascimento Costa Monteiro.
José Filippe Nery da Silva.
Antonio Ricardo Antunes Villaça.
Luiz Francisco de Sampaio e Silva.
João Chrisostomo Fernandes Vianna.
José Egidio Ferreira.
Brigadeiro Aleixo José de Oliveira.
Antonio Ferreira da Annunciação.
Antonio Alves da Fonseca.
Firmino José Rodrigues Ferreira.
José Maria Machado de Figueiredo.
José Bento da Costa.
Antonio Rodrigues de Albuquerque.
Emilio Xavier Sobreira de Mello.
João Baptista da Annunciação.
Dr. João Domingues da Silva.
Florencio Domingues da Silva.
João Antonio de Paula Rodrigues.

Que foram menos assiduos com motivos justificados os senhores jurados:
José Ignacio Soares de Macedo.
Antonio Valentim da Silva Barroca.
Gustavo José do Rego.
Dr. João Pedro Maduro da Fonseca.
José Paulo da Fonseca.
João Leite de Azevedo.

Que foram multados na quantia de 38$000 cada um dos senhores jurados seguintes:
José Joaquim de Almeida Lopes.
Manoel Rodrigues do Passo, e o senhor jurado Antonio Gonçalves Ferreira na quantia de 32$000; o senhor jurado Dr. Luiz Duarte Pereira na quantia de 60$000.

E para constar mandei lavrar o presente, que será publicado pela imprensa.

Dado e passado nesta cidade aos 16 de dezembro de 1854.—Eu Joaquim Francisco de Paula Esteves Clemente, escrivão privativo do jury o escrevi.

Manoel Clementino Carneiro da Cunha.

DECLARAÇÕES.

— Em cumprimento das ordens do Exm. Sr. presidente esta repartição venderá em leilão publico a aguardente desembarcada ultimamente do transporte *Pirapama*, vinda da ilha de Fernando em consequencia de haver alli sido tomada como introduzida em contravenção as ordens do governo, sendo a quantidade duas pipas, pouco mais ou menos, e a renda effectuada com os respectivos vasilhames no dia 27 do corrente mez, pelas 11 horas da manhãa, na porta do almoxarifado. Inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco 21 de dezembro de 1854.— O secretario, *Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

CONSELHO ADMINISTRATIVO.

O conselho administrativo, em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes:

Para o hospital militar.

Apparelho á deslocamento 1, ballões de differentes capacidades 6, capsulas de porcelana de 4 libs. a 2 2, ditas ditas de 3 libras 2, ditas ditas de 2 libras 2, ditas ditas de 1 libra 2, ditas ditas de 8º 2, di-

MUTILADO

tas de vidro de differentes tamanhos 6, cadinhos de 1 a 10, 12, copos graduados de 2 libras 2, ditos ditos de 1 libra 2, ditos ditos de 8p 2, ditos ditos de 4p 2, caixas de pinho forradas de folha para guardar medicamentos, de palmo e meio em quadro, e 2 palmos e 2 pollegadas de alto, com as suas competentes tampas 26, flanella fina, covados 12, garrafas pretas de 24p 100, ditas brancas francezas 30, ditas pretas de 12p 100, madapolão, peças 12, machina para aguas mineraes 1, marmita de papim 1, marmita de pressão pela agua 4, maquineta com seus pertences 1, matrazes 4, partilhador completo 1, retortas de differentes capacidades 4, vasos de 4 libras 24, ditos de 2 libras 24, vidros a esmeril de 4 libras 12: quem quizer vender estes objectos apresente as suas propostas em cartas fechadas, na secretaria do conselho administrativo, as 10 horas do dia 27 do corrente mez. Sala das sessões do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 22 de dezembro de 1854.—*José de Brito Inglez*, coronel presidente.

AVISOS MARITIMOS.

NO PARA'.

Vai seguir mui brevemente a escuna FLORA, capitão José Severo Rios, só póde receber carga miuda: trata-se com os consignatarios Antonio de Almeida Gomes & C., na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Sahe com muita brevidade, o bem conhecido patacho nacional «Valente», capitão Francisco Nicola'o de Araujo: para o resto da carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Novaes & C., ou com o capitão na praça.

PARA O RIO DE JANEIRO,

o brigue nacional «Marianna» sahe com toda a brevidade; recebe carga a frete, escravos e passageiros: quem pretender embarcar, trate com Manoel Ignacio de Oliveira, na praça do Corpo Santo n. 6, escriptorio, ou com o capitão José da Cunha Junior.

— Para Lisboa pretende seguir com toda a brevidade a barca portugueza «Gratidão»: para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

Para o Rio de Janeiro

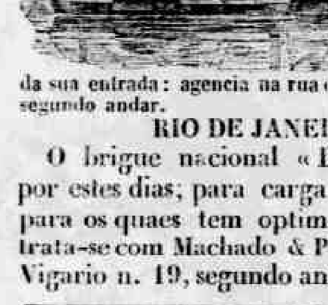
Segue em poucos dias, o brigue nacional «Hebe», capitão André Antonio da Fonseca, por ter a maior parte do seu carregamento prompto: para o resto e escravos a frete, trata-se com Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V»: para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Para Lisboa pretende seguir com brevidade o brigue portuguez «Ribeiro» de primeira marcha: quem nelle quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

— Para o Porto vai sahir com muita brevidade por ter a maior parte da carga prompta, a veleira galera «Bracharense»; para carga e passageiros, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o capitão na praça.

Companhia Brasileira de Paquetes de vapor.



O vapor *Imperador*, commandante o 1º tenente Torrezão, deve chegar dos portos do norte até 28 do corrente, e seguirá p'ra Maceió, Bahia e Rio de Janeiro, no dia seguinte ao da sua entrada: agencia na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

RIO DE JANEIRO.

O brigue nacional «Damão» segue por estes dias; para carga e passageiros para os quaes tem optimos commodos: trata-se com Machado & Pinheiro, rua do Vigario n. 19, segundo andar.

LEILO'ES.

— Luiz Antonio Annes Jacome, como liquidatario da casa de Domingos Ferreira de Souza Vasconcellos, fara' leilão por intervenção do agente Borja, da armação e generos existentes na taberna daquelle senhor, sita no pateo do Terço n. 2, quinta feira 28 do corrente as 10 horas em ponto.

AVISOS DIVERSOS.

—Tendo-se reconhecido que a despeza de escripta e cobrança do importe dos annuncios he superior ao valor delles, previne-se aos senhores assignantes deste «Diario» que quando os mandarem, remettam igualmente a sua importancia; alias não serão publicados.

Loteria da Provincia.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello, avisa ao publico que tem as suas cautellas da loteria da amoreira e criação do bicho da seda, que corre no dia 13 de janeiro, no Recife loja n. 11, rua do Rosario n. 26, dita Direita n. 62, aterro da Boa-Vista n. 58, na povoação do Monteiro em casa do Sr. Nicolão, e em sua loja rua Nova n. 4, pelos preços abaixo declarados.

Bilhetes	5$000
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

— Precisa-se de um preto para trabalhar no campo e que saiba tirar leite em vaccas: a tratar na rua do Queimado n. 10, primeiro andar.

— Precisa-se de uma ama que saiba bem cozinhar, para casa de homem solteiro: na rua do Queimado n. 40.

— Precisa-se de uma ama que tenha bom e bastante leite, para crear um menino, pagando-se bem; na rua Direita n. 66.

— Precisa-se de uma ama forra, que engomme perfeitamente, paga-se bem: no aterro da Boa-Vista loja n. 48.

—A directora do collegio da Conceição annuncia aos pais das meninas que lhe foram confiadas, e aquellas pessoas que trataram de mandar meninas para o mesmo collegio, que elle se torna a abrir a 8 de janeiro de 1855, por se findarem nessa data as ferias dadas.

—O Sr. Luiz Antonio da Cunha, passageiro do brigue portuguez «Bom Successo», chegado no dia 21 do corrente mez, dirija-se a rua do Crespo loja n. 4, a negocio.

THEATRO DE S. ISABEL.

A sociedade dramatica emprezaria, tendo finalisado os seus trabalhos deste anno, e tendo de partir para a cidade da Bahia o mais breve possivel, declara que nada deve a' praça de Pernambuco, dos diversos fornecimentos para o theatro, desde o principio da sua empreza até ao presente; todavia se por nosso esquecimento alguem se acha credor ao theatro, queira dirigir-se a casa do thesoureiro da sociedade na rua Bella n. 15, para ser immediatamente satisfeito. A sociedade aproveita o ensejo deste annuncio, para rogar a todas as pessoas que ainda estão devendo bilhetes de espectaculos e assignaturas, hajam de mandar pagar na casa do thesoureiro acima indicada, visto que estamos em liquidação de contas, e proximos a sahir da provincia.—A direcção, Joaquim José Bezerra.—João da Graça Gentil.—Manoel Joaquim Mendes.

— José Victoriano de Carvalho Cavalcanti, morador no Buique, deixou de chamar-se ha mais de 5 annos José de Carvalho Cavalcanti, por haver no mesmo lugar outros de igual nome; porém, como tem acontecido dirigirem-lhe algumas cartas com o seu antigo nome, que elle tem recusado receber, para não commetter o crime de violar o segredo das cartas caso não sejam suas, como ultimamente aconteceu com um officio dirigido pelo Illm. Sr. juiz municipal de Garanhuns, que o annunciante não quiz receber com receio de incorrer naquelle crime, e como isto lhe póde ser prejudicial, recorre a este jornal, para que chegue á noticia de todos, que seu nome he como se vê ácima.

CONSULTORIO DOS POBRES

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar a pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.

Ditas	36	ditos	a	20$000
Ditas	48	ditos	a	25$000
Ditas	60	ditos	a	30$000
Ditas	144	ditos	a	60$000
Tubos avulsos				1$000
Frascos de meia onça de tinctura				2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptase qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

— Novos livros de homeopathia em francez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes.	20$000
Teste, molestias dos meninos	6$000
Hering, homeopathia domestica	7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica	6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes	16$000
Jahr, molestias nervosas	6$000
Jahr, molestias da pelle	8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos	10$000
A Teste, materia medica homeopathica	8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica	7$000
Clinica de Staoneli	6$000
Casting, verdade da homeopathia	4$000
Diccionario de Nysten	10$000
Atlas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano	30$000

vedem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua de Collegio n. 25, primeiro andar.

CASA DA AFERIÇÃO, PATEO DO TERÇO, N. 16.

O abaixo assignado faz ver a quem interessar possa, que no dia 31 do corrente finalisa-se o prazo marcado pelo art.2.º do tit. 11.º das posturas da camara municipal desta cidade, dentro do qual devem ser aferidos os pesos e medidas; findo este incorrerão os contraventores nas penas do mesmo artigo. Recife 13 de dezembro de 1854.— *Praxedes da Silva Gusmão.*

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.

THESOURO HOMEOPATHICO OU

VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la á mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por	10$000
» » encadernados	11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

RETRATOS.

No atterro do Boa Vista n. 4, terceiro andar, continua-se a tirar retratos, pelo systema crystalotypo, com muita rapidez e perfeição.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque, professor jubilado de grammatica latina, tem estabelecido sua aula particular na rua Direita sobrado n. 27, segundo andar, onde recebe todos os alumnos, quer externos ou internos, tanto desta praça como do mato, mediante a razoavel convenção que pessoalmente offerece'.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Aluga-se para o serviço de boleiro um escravo mulato com muita pratica desse officio. Na rua da Saudade fronteira a do Hospicio, casa da residencia do Dr. Lourenço Trigo de Loureiro.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Antonio Egidio da Silva, lente de geometria do lyceu desta cidade, abre no dia 2 de janeiro do anno vindouro, na casa de sua residencia, na rua Direita n. 78, um curso de geometria por Euclides e Lacroix: os senhores estudantes que o quizerem frequentar, poderão dirigir-se a mencionada casa, de manhãa das 7 horas até as 9, e de tarde das 3 até as 5.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

—Precisa-se fallar ao Sr. Jacintho Affonso Botelho, que morou no aterro da Boa-Vista, e hoje dizem que mora para as bandas de Beberibe, e como se não saiba o lugar de sua morada pede-se-lhe annuncie, ou dirija-se a esta typographia.

—Aluga-se uma casa terrea na povoação do Monteiro, com a frente para a igreja de S. Pantaleão, muito limpa, fresca, com commodos para familia regular, tendo uma porta e duas janellas na frente: a tratar com Antonio José Rodrigues de Souza Junior, na mesma povoação, ou na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

— Na rua de S. Francisco, como quem vai para a rua Bella, sobrado n. 8, precisa-se de uma preta escrava, que saiba tratar de uma criança: quem a tiver sendo fiel, dirija-se ao mesmo sobrado.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua da Penha n. 17: a tratar no sobrado contiguo n. 19.

— A firma de Eiras & Companhia foi dissolvida no dia 20 do presente mez de dezembro de 1854, ficando o Sr. Eiras com a taberna, sita na rua de S. Francisco n. 68, e obrigado aos pagamentos dos credores que se dever até esta data; e o Sr. José Pedro Gaio de Miranda com a taberna, sita no pateo do Paraizo n. 14.

— Serafim de Sena Jorge, participa ao respeitavel publico, que vai dar uma viagem ao norte, e leva em sua companhia o seu escravo Lauriano, e julga não dever nada a pessoa alguma, porém, se alguem se julgar seu credor de qualquer quantia, compareça com sua conta tirada, na rua do Cabugá n. 12, para ser immediatamente satisfeito.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer todo mais serviço de uma casa: no largo do Terço segundo andar n. 27.

— No hotel da Europa da rua da Aurora tem bons petiscos a cada hora, pelos preços fixos na tabella, muito razoaveis.

— Está justa e contratada com o Sr. Joaquim Antonio de Siqueira, neto da finada D. Marianna, do Mangainho, uma morada de casa terrea, com chãos proprios, na rua em S. José do Mangainho n. 27, a qual se acha lançada nas decimas por engano, no municipio de Olinda, em nome de Joaquim José Gonçalves: quem se julgar com direito a mesma ou hypotheca, dirija-se a rua do Brum n. 16, desta data a 8 dias, e passados estes se fixará a compra, e não se annuira a cousa alguma.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que tem resolvido d'ora em diante a pagar tambem as suas cautelas sem desconto algum como os seus bilhetes, e por isso tem exposto a venda nas lojas do costume os novos bilhetes e cautelas da loteria primeira parte da primeira das amoreiras, cujas rodas andam em principio de janeiro vindouro, aos preços abaixo declarados:

Bilhetes.	5$500
Meios.	2$800
Quartos.	1$500
Oitavos.	800
Decimos.	700
Vigesimos.	400

AGUA DOS AMANTES.

Liquido são e especifico para tirar todos os pannos, as sardas e as espinhas (a estas ou as tira de todo ou desenflamma, segundo a sua qualidade), refresca a cutis e faz desapparecer a côr trigueira em cinco dias, de um modo particular; augmenta o lustre e tira as rugas das pessoas que tem feito uso do solimão, que he muito prejudicial á cutis e a saude: cura a bortueja com muita facilidade, por ser muito fresca e sem prejudicar a saude. Em algumas pessoas faz mudar os pannos em tantas pintinhas brancas, que se tornam em uma só de côr natural; ficando desvanecidas todas as manchas, tanto das sardas como de outras quaesquer manchas de todo o corpo.

O methodo de a usar he o seguinte: lavar o rosto (ou qualquer parte do corpo) bem lavado, e com uma toalha lavada se limpa e enchuga-se bem; deposita-se um pouco d'agua n'uma colher de sopa, e com um trapinho ensopado nella se esfrega na parte afectada na occasião de deitar-se e de manhãa. Esta operação será feita deixando ficar o rosto e o corpo untado até segunda fricção, tendo sempre o cuidado de lavar-se e enchugar-se bem antes de untar-se.

Volta-se o duplo do valor quando não faça effeito, e vende-se no unico deposito da rua do Queimado n. 27, preço fixo 2$ a garrafa.

— O Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga faz sciente ao publico, que mudou sua residencia para o aterro da Boa-Vista n. 12, primeiro andar, onde póde ser procurado para os trabalhos de sua profissão medica.

ATTENÇAO'.

Antonio Roberto com loja franceza na rua Nova n. 13, recebeu pelo ultimo navio francez um completo sortimento de chapéos de seda para senhora e meninos, e vende mais em conta do que em outra qualquer parte.

— Precisa-se de um feitor para o sitio de Antonio V. da Silva Barroca, na Magdalena: a tratar no mesmo lugar ou na rua da Cadeia do Recife n. 4.

— Antonio Joaquim Seve declara que o Sr. Francisco Xavier Alves Quintal deixou de ser seu caixeiro desde o dia 18 do corrente mez.

— Antonio Gomes Pessoa faz sciente a quem convier, que tendo dado de renda o seu engenho Tabatinga, sito na freguezia da Tacuara, provincia da Parahiba do Norte, ao Sr. Manoel Claudio de Queiroz, aconteceu que este sem seu consentimento traspassasse o arrendamento do referido engenho ao Sr. tenente-coronel Herculano de Sá Cavalcanti e Albuquerque, e como não convenha esse traspasse ao abaixo assignado sem que concorde o novo rendeiro em condições diversas daquellas que se acham na escriptura feita ao dito Sr. Queiroz, protesta o abaixo assignado contra o traspasso, para que chegue ao publico o direito que tem aos bens do Sr. Queiroz, para solução do pagamento das lettras á que está obrigado provenientes do arrendamento. Recife 18 de novembro de 1854.—*Antonio Gomes Pessoa.*

— D. Luiza Thereza de Jesus, previne ao publico que o Sr. Antonio José Bitancourt, não póde vender ou alienar de qualquer forma que seja, bens moveis simoventes ou de raiz, isto em consequencia da escriptura de arras que assignaram quando celebraram seu casamento, na qual nem a administração de ditos bens lhe foi conferida; assim tambem protesta contra qualquer pagamento a elle feito de lettras, obrigações ou hypotheca, ainda que passadas estejam em seu nome, visto que intentou acção de divorcio e tem de haver quantias de dinheiro de que he credora delle.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas, finas e grossas, por preços mais baixos do que em outra qualquer parte, tanto em porções, como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãas e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecendo elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida a' todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a' bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas, no armazem da rua do Collegio n. 2, de Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

—Antonio José Firmo, faz sciente ao respeitavel publico que tem montado um estabelecimento de carros funebres na rua Augusta casa n. 21, freguezia de S. José, com todos os pannos e mais utensilios recommendados no regulamento do cemiterio; promette bem servir a todas as pessoas que se dignarem incumbi-lo de qualquer enterro, e tambem se compromette a fornecer carros de passeio, cera, musica, padres, etc.: espera, portanto, ser coadjuvado pelo respitavel publico no seu novo estabelecimento.

— Aluga-se uma casa e sitio na Capunga, com bons commodos: na rua do Queimado n. 12.

LOTERIA DA PROVINCIA

—O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que a primeira parte da primeira loteria a beneficio da cultura d'amoreiras e bicho de seda, corre indubitavelmente no dia 15 de janeiro de 1855 debaixo de sua responsabilidade, seja qual for a quantidade de bilhetes que ficarem por vender, no consistorio da igreja da Conceição dos militares, as 8 para 9 horas da manhãa. Pernambuco 21 de dezembro de 1854.—O cautelista, Salustiano de Aquino Ferreira.

— Precisa-se de uma ama para casa de muito pouca familia: no becco da Lingoeta, taberna n. 1.

— Aluga-se um talho para carne verde, na rua Imperial n. 100; póde consumir um boi, e o aluguel he muito barato: trata-se na casa defronte n. 167.

SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.

PILULAS HOLLOWAY.

Este inestimavel especifico, composto inteiramente de hervas medicinaes, não contem mercurio, nem outra alguma substancia delecterea. Benigno á mais tenra infancia, e a compleição mais delicada, he igualmente prompto e seguro para desarraigar o mal na compleição mais robusta; he inteiramente innocente em suas operações e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grão, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que já estavam ás portas da morte, perseverando em seu uso, conseguiram recobrar a saude e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

As mais afflictas não devem entregar-se á desesperação: façam um competente ensaio dos efficazes effeitos desta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saúde.

Não se perca tempo em tomar esse remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilepticos.	« de toda especie.
Alporcas.	Gota.
Ampolas.	Hemorrhoidas.
Areias (mal d').	Hydropisia.
Asthma.	Ictericia.
Colicas.	Indigestões.
Convulsões.	Inflammações.
Debilidade ou extenuação.	Irregularidades da menstruação.
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Lombrigas de toda especie.
Desinteria.	Mal-de-pedra.
Dor de garganta.	Manchas na cutis.
« de barriga.	Obstrucção de ventre.
« nos rins.	Phthisica ou consumpção pulmonar.
Dureza no ventre.	Retenção d'ourina.
Enfermidades no figado.	Rheumatismo.
« venereas.	Symptomas segundario.
Enxaqueca.	Temores.
Herysipela.	Tico doloroso.
Febres biliosas.	Ulceras.
« intermittentes.	Venereo (mal).

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres, n. 244, *Strand*, e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vende-se as bocetinhas a 800 réis. Cada uma dellas contém uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar d'estas pilulas.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum, pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco.

— Precisa-se de uma ama livre para o serviço interno e externo de uma casa de familia: na rua Bella n. 33.

— A Sra. D. Candida Rufina dos Santos queira procurar uma carta de importancia, vinda do Crato: na loja de ferragens, na rua do Queimado n. 13.

— Precisa-se do um rapaz portuguez, de 14 a 16 annos, para caixeiro de taberna: na rua da Concordia n. 26.

— Da-se dinheiro a premio com hypotheca em predios nesta praça: quem pretender annuncie.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto dos oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham a venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, cuja loteria tem o seu andamento infallivel em 13 do futuro janeiro.

Bilhetes	5$500	recebe por inteiro	5:000$000
Meios	2$800	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000
Oitavos	800	»	625$000
Decimos	700	»	500$000
Vigesimos	400	»	250$000

— Perdeu-se um conhecimento de n. 90 da quantia de 400$000, recebido na thesouraria da fazenda desta provincia; quem o tiver achado, ou por qualquer modo delle esteja de posse, dirija-se a rua da praia de Santa Rita n. 42, que será generosamente gratificado, além do agradecimento.

— O tenente Gabriel de Souza Guedes, declara que elle não fez o aviso sobre fornecimento de generos para o batalhão de infantaria, que sahio no «Diario» de 25 do corrente.

O abaixo assignado estabelecido na praça da Independencia ns. 12, 14, e 16, tendo de retirar-se para a Europa, a tratar de sua saude, vende o seu estabelecimento a dinheiro ou a prazo. O mesmo aproveita este ensejo para declarar que nada deve a pessoa alguma nesta praça nem fora della; no entretanto se alguem se julgar seu credor por qualquer titulo que seja, vencido ou por vencer, apresente-se que sera' pago incontinente. Recife 23 de dezembro de 1854.—José Ignacio de Loyolla.

— Traspassa-se uma boa loja na rua Nova, quem pretender dirija-se a rua Nova n. 42.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda nas lojas do costume os bilhetes da 5.ª loteria do conservatorio de musica, a qual correu em 22 do presente, as listas se esperam de 2 a 3 de janeiro pelo «Tocantins» ou «San-Salvador.» Os premios são pagos a vista e sem desconto algum.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiores.

— Precisa-se de uma ama para o serviço de uma casa de familia, ou uma escrava, ou moleque para se alugar para o serviço de casa: na rua Direita n. 88, primeiro andar.

— Desappareceu na sexta-feira da semana passada um canario do imperio, pequeno, com uma mancha preta ao lado direito do pescoço: quem o tiver pegado, leve-o por bondade á rua do Sol n. 23, segundo andar, que além de se gratificar com generosidade, se agradece.

COMPRAS.

— Compra-se effectivamente bronze, latão e cobre velho: no deposito da fundição d'Aurora, na rua do Brum, logo na entrada n. 28, e na mesma fundição em S. Amaro.

— Compra-se toda quantidade de prata velha ou nova, a peso, conforme sua qualidade, preferindo-se maior porção de lei: na rua da Senzala Velha n. 70, se dirá quem compra.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54, loja.

— Compra-se um preto de nação, com 20 e tantos annos, sendo boa figura e não tendo vicios nem achaques não se olha o preço: na rua do Cotovello n. 29, se dirá quem compra.

VENDAS

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

MELPOMENE DE LAN ESCOCEZ

A 500 RS. O COVADO.

Na loja n. 17 da rua do Queimado, ao pé da botica, vende-se alpaca de lãa escoceza, chegada pelo ultimo navio, a qual fazenda na Europa se dá o nome de Melpomene de Escocia, muito propria para roupões e vestidos de senhora e meninos por ser de muito brilho, pelo commodo preço de 500 rs. cada covado; dão-se as amostras com penhores.

— Vende-se uma escrava crioula, de 26 annos de idade, muito sadia e sem vicio algum: na rua da Gloria n. 69.

— Vendem-se superiores queijos do sertão, com o peso de 4 libras e meia cada um, pelo preço de 1$280: na rua da Santa Cruz, taberna n. 1.

— Vendem-se saccas com feijão por barato preço, courinhos de cabra bons, ancoras com mel e potassa do Rio de Janeiro: na rua da Madre de Deos n. 34.

—Vende-se uma casa com sitio, no lugar da Torre, a margem do rio, edificada ha pouco tempo, em chãos proprios, com bastantes commodidades, cocheira, estribaria, etc., etc.: quem pretender comprar este predio, dirija-se a rua da Cruz n. 10, que sendo possivel se fara qualquer negocio.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

FRUCTAS NOVAS.

Na rua estreita do Rosario n. 11.

Vendem-se maçãs e castanhas, peras em latas enfeitadas, damascos e ameixas, bolachinhas de muitas qualidades, e outras muitas cousas proprias para mimos e para passamento de festa, vinho do Porto fino e licores tambem finos, etc., etc.

— Vende-se um fogão de ferro americano em meio uso: a tratar no hotel Europa.

— Vende-se uma casa, sita na rua de Santa Cecilia n. 13; a tratar na rua do Rangel n. 63.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

— Na rua da Cruz, armazem n. 5, vende-se muito superior queijo suisso, repolho conservado, vinho de Bordeaux e mais outros generos, por preço commodo.

— Vende-se uma escrava de meia idade para engenho; a tratar na rua Imperial n. 80.

PARA ACABAR.

Vendem-se cassas francezas de cores fixas, e lindos padrões, pelo baratissimo preço de 140 rs. o covado: na loja da Guimarães & Henriques, rua do Crespo n. 5.

—Vende-se cognac em caixas de duzia: no armazem de Brunn Praeger & C., rua da Cruz n. 10.

AVISA-SE AO PUBLICO,

que se acha a venda grande porção de presuntos americanos, vendem-se em porções e a retalho, muito bom e barato: em casa do Davis & C., rua da Cruz n. 9.

— Vende-se um lindo cavallo russo, com todos os andares e muito manso: a tratar com Joaquim Filippe da Costa, na travessa da Madre de Deos n. 16.

— Vende-se um carro americano de 4 rodas, chegado ultimamente da America: a tratar na rua do Trapiche n. 8.

— Vende-se uma amarra de pollegada e quarto, tendo 70 braças, em muito bom uso; a procurar no largo do Corpo Santo, armazem n. 4.

SACCAS COM FARINHA.

Vendem-se saccas com farinha da terra, nova e bem torrada, e saccas com cera de carnauba: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 18.

Vendem-se chapéos francezes da ultima moda, a 7$000 rs.: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

ALPACAS ESCOSSEZAS A 400 RS. O COVADO, na rua do Queimado n. 40.

Novas alpacas.

Alpacas de quadros de lindos gostos, pelo preço de 360 rs. o covado, na rua Nova loja n. 16, de José Luiz Pereira & Filho.

— Vende-se o engenho Camarço, sito na freguezia de Maranguape, termo de Olinda, com linda casa de vivenda e de engenho, e mais algumas obras em soffrivel estado, e com terras sufficientes para safrejar-se mais de 1,000 pães annualmente: quem o pretender, dirija-se á cidade de Olinda, sobrado fronteiro á igreja de S. Pedro Apostolo, que achará com quem tratar.

Gomma de mandioca

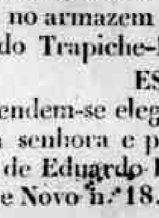
em saccos de 4 arrobas e tantas libras; vendem-se por muito commodo preço para liquidar: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

BARATISSIMA.

Vende-se a 3$000 a sacca de alqueire de farinha de S. Matheus, dita de Santa Catharina a 4$000, dita muito fina para mesa a 5$000: na rua da Praia, becco do Carioca, armazem do Piuto n. 8.

—Relogios de ouro, sabonete patente inglez, chegados agora: no armazem de James Halliday, na rua da Cruz n. 2.

SELLINS INGLEZES.



Vendem-se os melhores sellins para homem, que tem vindo a este mercado, com seus competentes freios, etc., incluindo alguns para pagens recentemente despachados, tambem chicotes para carro, homem e senhora, com enfeites de gosto moderno: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche-Novo n. 18.

ESTOJOS.

Vendem-se elegantes estojos de toilette para senhora e para homem: no armazem de Eduardo H. Wyatt, rua do Trapiche Novo n. 18.

VINHOS.

Vendem-se na rua do Trapiche Novo n. 18, em casa de Eduardo H. Wyatt:

Cerveja branca em barricas de 4 e 6 duzias, em garrafas e meias garrafas, vinho do Porto e Xerez, tanto em garrafas como em barris de 4 em pipa, fructas em conserva, em caixas de 1 duzia de garrafas.

Vendem-se romeiras, camizinhas e gollas para senhora, tudo da ultima moda e por preço commodo: na loja de 4 portas da rua do Queimado n. 10.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

— Vendem-se umas lettras com execução e penhora feita no engenho da Escada Jundia, pertencente ao Sr. Manoel Antonio Dias, que andarão hoje por 13:000$000 rs. pouco mais ou menos: os pretendentes podem dirigir-se ao Trapiche Novo casa n. 14, que farão qualquer negocio.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

CONHECIDO DEPOSITO DE POTASSA E CAL.

Na rua de Apollo armazem n. 2 B, continua a ter superior potassa da Russia e Rio de Janeiro, e cal de Lisboa em pedra: tudo a preço que muito satisfara' aos seus antigos e novos fregu--es.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Na loja da rua do Crespo n. 6, tem um grande sortimento de caixas para rapé a emitação das de tartaruga, pelo modico preço de 1$280 cada uma.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

GRANDE SORTIMENTO DE BRINS PARA CALÇAS E PALITO'S.

Vende-se brim trançado de linho de quadros a 600 rs. a vara; dito a 700 e 1$000; dito mesclado a 1$400; córtes de fustão branco a 400 rs.; ditos de cores de bom gosto a 800 rs.; ganga amarella lisa da India a 400 rs. o covado; córtes de cassa chita a 2$000 e 2$200; lenços de cambraia de linho grandes a 640; ditos pequenos a 360; toalhas de panno de linho do Porto para rosto a 14$000 a duzia; ditas alcoxoadas a 10$000; guardanapos tambem alcoxoados a 3$600: na rua do Crespo n. 6.

O QUE GUARDA FRIO GUARDA CALOR:

portanto, vendem-se cobertores de algodão com pello como os de lãa a 1$400; ditos sem pello a 1$200; ditos de tapete a 1$200: na rua do Crespo n. 6.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C., rua da Cruz n. 4.

CASEMIRAS E PANNOS.

Vende-se casemira preta e de côr para palitós por ser muito leve a 2$600 o covado, panno azul a 3$ e 4$000, dito preto a 3$, 3$500, 4$, 5$ e 5$500, córtes de casemira de gostos modernos a 6$000, setim preto de Macáo a 3$200 e 4$000 o covado: na rua do Crespo n. 6

OBRAS DE LABYRINTHO.

Acham-se á venda por commodos preços ricos lenços, toalhas e coeiros de labyrintho, chegados ultimamente do Aracaty: na rua da Cruz do Recife n. 34, primeiro andar.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-vens para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo, trapiche do Ferreira, a entender-se com o administrador do mesmo.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Deposito de fabrica de Todos os Santos na Bahia

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodão trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

— Vende-se uma taberna na rua do Rosario da Boa-Vista n. 47, que vende muito para a terra, os seus fundos são cerca de 1:200$000 rs., vende-se porém com menos se o comprador assim lhe convier: a tratar junto á alfandega, travessa da Madre de Deos armazem n. 21.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas muzicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de empregal-o no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

— Vende-se uma boa casa terrea em Olinda, rua da bica de S. Pedro, que faz esquina com o cercado de madeira, com 2 portas e 2 janellas de frente, 3 salas, 3 quartos, cozinha grande, copiar, estribaria, grande quintal todo murado, com portão e cacimba, muito propria para se passar a festa, mesmo para morar todo o anno: a tratar no Recife, rua do Collegio n. 21, segundo andar.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão.*

PANORAMAS PARA JARDIM.

Brunn Praeger & C., na rua da Cruz n. 10, receberam e vendem um sortimento de globos de espelho de diversos tamanhos e cores, que formam o mais lindo panorama, postos em uma columna no meio do jardim, como se usa hoje na Europa, nos jardins do bom gosto.

Brunn Praeger & C., na sua casa rua da Cruz n. 10, teem a venda.

Pianos tanto horizontaes como verticaes, dos melhores autores.

Obras de ouro de 18 quil. do mais apurado gosto.

Pinturas em oleo, paisagens e com moldura dourada.

Vistas de Pernambuco, geraes e especiaes.

Cadeiras e sofa's para terraços e jardins.

Oleados de ricas pinturas para mesas.

Vinho de Champagne.

Licores de differentes qualidades.

Presuntos.

Genebra em frasqueiras.

Instrumentos para musica.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem ao rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois pa compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

— Negocia-se uma casa nova e moderna na estrada da Ponte d'Uchoa, com seis salas, oito quartos e alcovas, cosinha, despensa, com um optimo sitio com toda a qualidade de fruteiras, grande jardim murado com muitas flores, cocheira, estribaria, quarto para feitor, cacimba com bomba, etc., etc.: vende-se debaixo de condições mui favoraveis para o comprador: a tratar na rua da Cruz n. 10.

— Vende-se fio de sapateiro, bom: em casa de S. P. Johnston & Companhia, rua da Sensala Nova n. 42.

FRASCOS DE VIDRO DE BOCCA LARGA COM ROLHAS.

Novo sortimento do tamanho de 1 a 12 libras.

Vendem-se na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, rua larga do Rosario n. 36, por menor preço que em outra qualquer parte.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzalla Nova n. 42.

Vinho do Porto superior engarrafado.

Sellins inglezes.

Relogios de ouro patente inglez.

Chicotes de carro.

Farello em saccas de 3 arrobas.

Fornos de farinha.

Candelabros e candieiros bronzeados.

Despenceira de ferro galvanisado.

Ferro galvanisado em folha para forro.

Cobre de forro.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWNIAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinho de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇAO

se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

—Farello de arroz muito novo e por preço commodo, em saccas e barricas, cujo he saudaveis e de muita nutrição para cavallos, gallinhas e cevados: a tratar na Praia de San Francisco cocheira de João da Cunha Reis.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

RUA DO TRAPICHE N. 10.

Em casa de Paton Nash & C., ha para vender:

Sortimento variado de ferragens.

Amarras de ferro de 3 quartos até 1 polegada.

Champagne da melhor qualidade em garrafas e meias ditas.

Um piano inglez dos melhores.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

ESCRAVOS FUGIDOS.

CINCOENTA MIL REIS DE GRATIFICAÇAO.

Em abril do corrente anno desappareceu do abaixo assignado um seu escravo por nome Sebastião, de nação, já idoso, com algumas rugas no rosto, côr fula, alto, reforçado do corpo, dentes limados, pouca barba, pés e mãos grossos, anda e falla muito descançado; levou camisa de algodão azul de listra e calça de algodão azul; o qual escravo foi comprado a Illma. Sra. D. Marianna da Conceição Pereira, e ha toda certeza de vagar pela Boa-Viagem até Santo Amaro de Jaboatão, onde alli já se conservou oito mezes, e que he de presumir que seja acoutado por alguem; o abaixo assignado protesta proceder com todo o rigor da lei contra quem o possa ter acoutado: roga-se portanto as dignas autoridades policiaes e capitães de campo a captura do mesmo, a entregar na rua do Crespo n. 10.—*José Gonçalves Malceira.*

— Desappareceu da rua da Senzala Velha n. 68, uma preta já velha, chamada Francisca, falla alguma cousa fanhosa, tem nos pés signaes de ter estado nos ferros; levou vestido roxo: quem a pegar leve-a a dita casa acima, que será bem recompensado.

— Do engenho Mascatinho, sito na freguezia de Una, fugio em um dos primeiros dias de dezembro, um escravo crioulo, de nome Salvador, de idade de 20 annos pouco mais ou menos, baixo, cor preta, tem uma cicatriz no rosto proveniente de uma apostema que arrebentou: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, o peguem e levem-a ao referido engenho, ou no Recife no pateo do Carmo n. 17, que se recompensara.

100$000 de gratificação.

Desappareceu no dia 8 de setembro de 1854 o escravo crioulo, amulatado, de nome Antonio, que representa ter 30 a 35 annos, pouco mais ou menos, nascido em Cariri Novo, d'onde veio ha tempos, he muito ladino, costuma trocar o nome e intitular-se forro; foi preso em fins do anno de 1851 pelo Sr. delegado de policia do termo de Serinhaem, com o nome de Pedro Sereno, como desertor, e sendo remettido para a cadeia desta cidade a ordem do Illm. Sr. desembargador chefe de policia com officio de 2 de janeiro de 1852 se verificou ser escravo, e o seu legitimo senhor foi Antonio José de Sant'Anna, morador no engenho Caité, da comarca de Santo Antão, do poder de quem desappareceu, e sendo outra vez capturado e recolhido a cadeia desta cidade em 9 de agosto, foi ahi embargado por execução de José Dias da Silva Guimarães, e ultimamente arrematado em praça publica do juizo da segunda vara desta cidade no dia 30 do mesmo mez pelo abaixo assignado. Os signaes são os seguintes: idade de 30 a 35 annos, estatura e corpo regular, cabellos pretos e carapinhados, côr amulatada, olhos escuros, nariz grande e grosso, beiços grossos, o semblante fechado, bem barbado, com todos os dentes na frente; roga se, portanto, as autoridades policiaes, capitães de campo e pessoas particulares, o favor de o apprehenderem e mandarem nesta praça do Recife, na rua larga do Rosario n. 14, que receberão a gratificação acima de 100$000; assim como protesto contra quem o tiver em seu poder occulto.—*Manoel de Almeida Lopes.*

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1854

MUTILADO